



Suzana Bromberg

**Histórias Narradas: as Trajetórias de Carreira de Atletas de
Alto Rendimento da Vela Esportiva no Brasil**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Administração de Empresas do Departamento de Administração da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a. Alessandra de Sá Mello da Costa

Rio de Janeiro
Maio de 2021

Suzana Bromberg

**Histórias Narradas: as Trajetórias de Carreira de
Atletas de Alto Rendimento da Vela Esportiva no
Brasil**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Administração de Empresas da PUC-Rio.
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof^a. Alessandra de Sá Mello da Costa

Orientadora

Departamento de Administração – PUC-Rio

Prof. Luis Alexandre Grubits de Paula Pessoa

Departamento de Administração – PUC-Rio

Prof^a. Fernanda Tarabal Lopes

Escola de Administração – UFRGS

Rio de Janeiro, 04 de maio de 2021.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Suzana Bromberg

Pós-graduada em Gerenciamento de Projetos pela FGV, Certificada PMI e graduada em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2008). Profissional com 12 anos de experiência em posições estratégicas e de liderança nos segmentos de tecnologia e saúde. Atuou durante 5 anos no gerenciamento dos projetos das Obras Olímpicas e Paralímpicas do Rio de Janeiro. Áreas de interesse de pesquisa: História de Vida e carreira esportiva.

Ficha Catalográfica

Bromberg, Suzana

Histórias narradas : as trajetórias de carreira de atletas de alto rendimento da vela esportiva no Brasil / Suzana Bromberg ; orientadora: Alessandra de Sá Mello da Costa. – 2021.

106 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Administração, 2021.

Inclui bibliografia

1. Administração - Teses. 2. Carreira esportiva. 3. História de vida. 4. Esporte profissional. 5. Narrativas. 6. Contação de histórias. I. Costa, Alessandra de Sá Mello da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Administração. III. Título.

CDD: 658

Dedico este trabalho ao grande
velejador, Walther Bromberg, fonte de
inspiração para atletas da Vela Esportiva.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, ao meu marido e filho, pelo apoio e compreensão.

À Prof.^a Alessandra de Sá Mello da Costa, minha orientadora, por me direcionar nesta pesquisa, com todo seu profissionalismo, dedicação e competência.

À minha família do Sul, que, mesmo de longe, sempre me motivou e apoiou nesse momento de pandemia e distanciamento.

Aos atletas da Vela, dos quais tive a oportunidade de conhecer a trajetória profissional no esporte, sujeitos de uma carreira de grande importância para nossa sociedade e País.

À banca de defesa, formada pelos professores e professoras, membros efetivos e suplentes, Ana Heloísa da Costa Lemos, Fernanda Tarabal Lopes e Luís Alexandre Grubits de Paula Pessoa, por participar desse momento tão importante da minha vida pessoal e profissional.

À equipe do IAG (Escola de Negócios PUC-RIO) e a todos, que fizeram parte do meu processo de mestrado, direta ou indiretamente.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Bromberg, Suzana; Costa, Alessandra de Sá Mello da (Orientadora). **Histórias Narradas: as Trajetórias de Carreira de Atletas de Alto Rendimento da Vela Esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro, 2021. 106p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa examina as carreiras profissionais de atletas do iatismo por meio das suas histórias de vida. Usando como base teórica os estudos de narrativas, histórias e contação de histórias (*storytelling*), a pesquisa explora como velejadores e velejadoras atribuem sentido e narrativizam suas trajetórias profissionais. O estudo objetiva compreender quais histórias emergem das narrativas sobre as trajetórias de carreira de atletas de alto rendimento da Vela Esportiva. Em termos de procedimentos metodológicos, a pesquisa é qualitativa e os depoimentos foram recolhidos por meio de entrevistas. Buscou-se compreender as histórias relacionadas à construção da carreira esportiva, desde o primeiro contato com o esporte até o momento de conversão da carreira em profissional, considerando-se as transições vividas ao longo de todo o processo. Para a análise dos dados, procedeu-se a abordagem temática a partir da proposição de cinco temas explorados nas diferentes histórias narradas: (1) histórias sobre a origem; (2) histórias sobre o planejamento de carreira; (3) histórias de oportunidades; (4) histórias de desafios e superações; e (5) histórias de sucesso. Os dados apontam que a maioria dos atletas encontra dificuldades em manter a carreira profissional como meio de subsistência. Atribui-se grande importância ao contexto familiar e social como influência na introdução ao esporte. O ambiente familiar é destaque no que diz respeito à orientação e planejamento na trajetória profissional destes jovens velejadores. Observou-se que organizações e entidades, ligadas ao esporte, são presenças constantes no enfrentamento e desenvolvimento da carreira no iatismo. Este estudo revela desafios e conquistas enfrentadas na trajetória destes velejadores, e assim, contribuir para melhorias na gestão de carreira de alto rendimento no esporte.

Palavras-chave

Carreira esportiva; história de vida; esporte profissional; narrativas; contação de histórias.

Abstract

Bromberg, Suzana; Costa, Alessandra de Sá Mello da (Advisor). **Narrated Stories: The Career Journeys of High-Performance Athletes in Sports Sailing in Brazil**. Rio de Janeiro, 2021. 106p. Dissertação de Mestrado — Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research examines the professional careers of yachting athletes throughout their histories of life. Using as a theoretical basis the studies of narratives, stories and storytelling, the research explores how sailors attribute meaning and narrativize their professional journeys. The study aims to understand which stories emerge from the narratives about the career trajectories of high-performance sport sailing athletes. In terms of methodological procedures, the research is qualitative and the testimonies were collected through interviews. When conducting the interviews, we sought to understand the stories related to the construction of each career, from the first contact with the sport until the moment in which a professional career started, considering the transitions experienced throughout the process. For data analysis, thematic examination was carried out, based on the proposition of five themes addressed in the different narratives: (1) stories about the origin; (2) stories about career planning; (3) stories of opportunities; (4) stories of challenges and how those were met; and (5) success stories. The several pieces of data indicate that most athletes face difficulties maintaining their professional careers while having to make ends meet. Great importance is attributed to the family and social context as influence factors, regarding the introduction to the sport. The family environment is highlighted when it comes to guidance and planning in the professional trajectory of these young sailors. It was observed that organizations and entities linked to sports are constantly present on the development of their careers in yachting. This study reveals challenges and achievements faced in the trajectory of these sailors, and thus contribute to improvements in high performance career management in the sport.

Keywords

Sport career; life history; narratives; storytelling.

Sumário

1 Introdução	11
1.1 Objetivo	13
1.2 Motivação e Relevância do Estudo	13
2 Referencial Teórico	15
2.1 Histórias de vida	26
2.2 Narrativas, Histórias e Contação de Histórias (<i>Storytelling</i>)	20
2.3 Pesquisa Histórica em Estudos Organizacionais	26
3 Procedimentos Metodológicos	27
3.1 Sujeitos da Pesquisa e Recolhimento de Depoimentos	27
3.2 Análise dos Depoimentos	28
4 O Contexto e as Características da Vela Esportiva no Brasil	32
5 As Principais Organizações da Vela Esportiva no Brasil	36
5.1 Confederação Brasileira de Vela	37
5.2 Marinha do Brasil	38
5.3 Clubes de latismo	39
5.3.1 Veleiros do Sul	40
5.3.2 late Clube Icaraí	42
5.3.3 late Clube de Santa Catarina	42
5.3.4 late Clube do Rio de Janeiro	45
5.3.5 late Clube de Ramos e Carioca late Clube	45
5.4 Projeto Social Grael	47
6 Análise dos Dados	50
6.1 Histórias sobre origens	51
6.2 Histórias sobre planejamento de carreira	56
6.3 Histórias de oportunidades	60
6.4 Histórias de desafios e superações	66
6.5 Histórias de sucesso	81
6.6 Síntese da Análise dos Depoimentos	84

7 Considerações Finais	87
Referências	91
Anexos	100
Anexo 1 – “O início de tudo” na família da autora: A origem da vela na vida de Walther Bromberg	100
Anexo 2 – Principais categorias do esporte	103
Anexo 3 – Competições de maior destaque e importância do esporte	104

Lista de Figura

Figura 1 – Mapa Temático Inicial	30
Figura 2 – Objetivos e Temas	31
Figura 3 – Organograma Vela Esportiva	33
Figura 4 – Clube Veleiros do Sul	40
Figura 5 – Iate Clube Icaraí	42
Figura 6 – Iate Clube de Santa Catarina	43
Figura 7 – Iate Clube do Rio de Janeiro	45
Figura 8 – Carioca Iate Clube	46
Figura 9 – Projeto Social Graef	48

Lista de Quadros

Quadro 1 – Etapas da Análise Temática	50
Quadro 2 – Medalhistas Olímpicos da Vela Esportiva pelo Brasil	35
Quadro 3 – Projeto de Lei do Incentivo ao Esporte	41
Quadro 4 – Notícia sobre talentos da Vela incentivados pela Lei de Incentivo ao Esporte	41
Quadro 5 – Características dos entrevistados	44
Quadro 6 – Síntese dos resultados	84

*O barco, meu coração não aguenta
Tanta tormenta, alegria
Meu coração não contenta
O dia, o marco, meu coração
O porto, não
Navegar é preciso
Viver não é preciso
Navegar é preciso
Viver não é preciso
O barco, noite no céu tão bonito
Sorriso solto perdido
Horizonte, madrugada
O riso, o arco, da madrugada
O porto, nada
Navegar é preciso
Viver não é preciso
Navegar é preciso
Viver não é preciso
O barco, o automóvel brilhante
O trilho solto, o barulho
Do meu dente em tua veia
O sangue, o charco, barulho lento
O porto (...)*

Os Argonautas – Caetano Veloso

1

Introdução

Considerando as características socioculturais do Iatismo no Brasil, os estudos sobre a trajetória profissional de atletas de Vela vinculam-se às questões sobre a construção da carreira esportiva. O termo “carreira esportiva” é entendido como a prática voluntária e plurianual de uma atividade esportiva escolhida pelo atleta com o objetivo de alcançar altos níveis de desempenho em um ou vários eventos esportivos (Alfermann & Stabulova, 2007). Entretanto, é preciso considerar o contexto esportivo no qual a carreira será percorrida. O Sistema Brasileiro do Desporto tem por objetivo garantir a prática desportiva regular e melhorá-la no que concerne ao padrão de qualidade. Conhecida como Lei Pelé (Brasil, 1998), a Lei 9.615, de 24 de março de 1998, reconhece o esporte a partir de três manifestações: desporto de participação, desporto educacional e desporto de rendimento.

O desporto de participação refere-se à prática esportiva como lazer, não caracterizando, portanto, uma carreira esportiva. A prática do desporto educacional, normalmente, percorre toda a vida escolar e universitária, mesmo sem a intenção de alcançar a carreira profissional, além de exigir planejamento, organização da rotina escolar e ajustes às exigências acadêmicas e esportivas. No desporto de rendimento, o estudo da carreira esportiva dos atletas tem por objetivo propiciar melhores condições de desempenho durante sua vida esportiva e melhor qualidade de vida durante e após sua carreira esportiva.

O esporte profissional é uma possibilidade de carreira a ser desenvolvida, tanto por atletas quanto por demais atores envolvidos nesse contexto, como familiares, clubes náuticos, patrocinadores, instituições governamentais etc. Segundo Ericsson *et al.* (2006), o atleta é considerado de alto rendimento quando desempenha uma carreira esportiva numa determinada modalidade, tendo uma prática deliberada ou extensiva, em média, com 10.000 horas de prática, ou 10 anos dedicados a ela, além de alcançar a excelência em resultados.

No Brasil, as pesquisas que envolvem carreiras esportivas estão relacionadas às modalidades como futebol, vôlei, natação, entre outros esportes mais populares. No caso dos atletas profissionais do Iatismo ou Vela, pode-se considerá-los dessa forma a partir do momento em que a construção da sua carreira

compreende aspectos como o vínculo às organizações esportivas. A prática do esporte em si se mostra diferenciada,

[...] pois estabelece um grande envolvimento com a natureza, exige equipamentos específicos, um local onde haja espaço relativamente grande para navegação, treinador com experiência no esporte, além de ser composto por uma série de movimentos não naturais (BAÑOS; SUÁREZ, 2006 *apud* VIANA *et al.*, 2011).

Essas características fazem da Vela um esporte diferenciado dos mais populares à realidade brasileira, como o futebol, com mínimo de exigências e recursos necessários para sua prática. De forma complementar, Samulski & Marques (2009) afirmam que a trajetória de um atleta tem suas características traçadas pelo perfil dele, pela cultura organizacional do esporte em questão, além do ambiente socioeconômico no qual está inserido.

Ao iniciar a carreira esportiva na Vela, o atleta busca o esporte visando à saúde ou ao lazer, muitas vezes, sem a intenção de se tornar um atleta profissional, velejando em barco individual ou coletivo. A partir de um cotidiano de prática e treinos excessivos, os atletas tornam-se mais habilidosos e envolvidos com o esporte, recebendo apoios financeiros, sociais e afetivos, tendo a possibilidade de desenvolver a prática pelo alto rendimento.

A constante busca pelo êxito leva esse atleta a enfrentar muitos desafios durante a carreira esportiva, desde aspectos psicológicos, sociais e financeiros. Considerando que o acesso ao esporte é restrito, e todos os atletas de alto rendimento da Vela encontram-se em condições e níveis similares de treinamento e desenvolvimento, Salmela (1996) considera que a vitória será alcançada por diferentes atletas de um mesmo grupo. Ao mesmo tempo, os contextos sociocultural, econômico e político, nos quais o atleta está inserido, também podem expor obstáculos na trajetória do atleta.

Partindo do exposto, e buscando um olhar sobre o tema ainda pouco explorado na área de estudos organizacionais, essa pesquisa tem por objetivo compreender a trajetória de carreira de atletas de alto rendimento de Vela Esportiva por meio da narrativa de suas histórias de vida. De acordo com Ribeiro (2014), a trajetória é entendida como um elemento constituinte da carreira, caracterizada como uma articulação no tempo e espaço dos eventos da vida e expressa por meio das histórias de vida, que se constroem através de enredos e temas e são pautadas

pelos acontecimentos cotidianos de cada sujeito. Assim como definido por Almeida & Magalhães (2011), a trajetória de vida permite atribuição de significado e coerência à vida das pessoas e construção dos projetos de vida/carreira. Por sua vez, o projeto de vida também é entendido como uma estratégia no tempo e espaço, que articula o passado, o presente e o futuro que se procura atingir, compreendendo o planejamento e a antecipação de um comportamento futuro.

Dessa forma, a pergunta que norteia a presente pesquisa é: Quais histórias emergem das narrativas sobre as trajetórias de carreira de atletas de alto rendimento da Vela Esportiva?

1.1 Objetivo

Esta pesquisa teve como objetivo compreender as histórias que emergem das narrativas sobre as trajetórias de carreira de atletas de alto rendimento da Vela Esportiva.

De forma a alcançar esse objetivo, buscou-se:

- Identificar o contexto e as características da Vela Esportiva no Brasil.
- Identificar a atuação e a relevância das principais organizações e/ou entidades do esporte da Vela no Brasil.
- Identificar as relações que emergem entre as histórias de vida (singulares) recolhidas e o contexto social, econômico e político brasileiro (coletivo) para indicar desafios e oportunidades da trajetória de carreira da Vela Esportiva no Brasil.

1.2 Motivação e Relevância do Estudo

Este estudo foi motivado pela ligação da pesquisadora com a prática esportiva da Vela na família (descrito no Anexo 1 deste trabalho). Além disso, a autora atuou durante anos na organização de mega eventos esportivos, como as Olimpíadas sediadas no Brasil em 2016. A vivência com amigos velejadores, na busca pela profissionalização esportiva, deixou latente questões pertinentes à importância do atleta de alto rendimento da Vela para a sociedade, governos e

entidades envolvidas com o esporte. Uma carreira que tem início, na maioria das vezes, na infância e adolescência carece de apoio para seu desenvolvimento, marcada por influências positivas ou negativas durante a sua trajetória. Como apresentado por Salmela & Moraes (2003), é fundamental o apoio psicológico, afetivo e financeiro no início precoce da vida esportiva.

No que diz respeito à relevância prática, os resultados produzidos podem se mostrar de interesse para velejadores e atletas desde o início da sua carreira profissional, sobretudo, no que diz respeito às questões pessoais, sociais, econômicas e organizacionais, envolvidas no caminho percorrido pelo atleta da Vela Esportiva. Ao analisar as histórias sobre as estratégias utilizadas pelos atletas para alcançar o sucesso na carreira, busca-se fornecer subsídios para ampliar as possibilidades de planejamento de um futuro profissional. Ao mesmo tempo, podem fornecer novas perspectivas formativas e de capacitação para lidar com os desafios enfrentados durante a trajetória profissional.

No que se refere à relevância teórica, os conhecimentos, produzidos a partir deste estudo, contribuem para outros sobre narrativa e *storytelling* para examinar como os atletas profissionais constroem sentido de suas trajetórias a partir de histórias compartilhadas sobre: origens e início no esporte, planejamento de carreira, oportunidades, desafios, superações e sucesso. Ou seja, contam histórias (*storytelling*) para criação de sentido, justificando sua posição para si e para os outros.

2 Referencial Teórico

2.1 Histórias de vida

A história de vida, antes de ser objeto de pesquisa na academia, considerava apenas o indivíduo como ser individual. A partir da década de 1970, passa a abranger grupos, as experiências desses indivíduos no interior de determinado grupo, tais experiências históricas vistas agora como histórias singulares, havendo, assim, maior profundidade em um novo padrão epistemológico. Contar histórias de vida não é algo que atinge somente o ser individual, recoloca o indivíduo em estado de experimentação, numa cena na qual é possível significá-lo e ressignificá-lo diante de seu próprio desenvolvimento.

Entrevistas de caráter biográfico trazem a construção da trajetória individual fundada em meios coletivos, assim o narrador tende a fazer uma narrativa própria dos fatos ocorridos. Mais importante do que saber o porquê narramos nossas vidas, é compreender para quem narramos e o interesse dessas pessoas sobre nossas vidas. Ao contar uma história de vida, escolhemos que história contar a partir da experiência vivenciada na qual participa uma coletividade (BARROS & LOPES, 2019). A entrevista temática aborda sobre a participação do indivíduo em um tema estabelecido. Para esta pesquisa pode-se considerar a história de vida dos atletas de Vela com o repertório relacionado à temática da carreira esportiva de alto rendimento. Camargo (1984) ressalta que, poderão ser solicitados aos sujeitos da pesquisa falarem apenas sobre um aspecto específico da sua experiência de vida, ou seja, determinado acontecimento vivenciado pelos mesmos. De acordo com os objetivos da pesquisa, o entrevistador solicita que seja narrado apenas sobre parte de sua vida, ou seja, a respeito de um determinado aspecto, objeto de estudo específico.

Com a história de vida temática (NEVES, 2001 *apud* LOPES, 2008, p. 59), é possível compreender e decodificar os comportamentos dos indivíduos a partir de uma significação subjetiva que estes atribuem às suas ações, conforme estudado nesta pesquisa em relação à trajetória profissional de atletas de Vela. A trajetória de

vida pode ser entendida como o percurso do sujeito durante um determinado período de tempo, que se expressa por meio de histórias, enredos e temas de vida (RIBEIRO, 2014).

É preciso, contudo, verificar as narrativas sob outro prisma, em função de como os sujeitos reagem aos acontecimentos de sua experiência, e a interpretação que fazem destas. Portanto, fazer uma pesquisa de história de vida requer uma análise teórica e metodológica para alcançar os resultados pretendidos. “Temos então que além de conhecer as condições objetivas de vida dos sujeitos, é necessário compreender o sentido que dão ao seu meio, a sua situação e a suas ações, (o sentido que constroem) o que só poderá ser feito no âmbito de uma história de vida” (BARROS & LOPES, 2019, p. 37). Realizar uma abordagem biográfica no campo da história oral traz dificuldades no sentido de legitimar e reconhecer a perspectiva metodológica utilizada, considerada por muitos, subjetiva, sendo assim considerada pouco científica.

Neves (2001) cita como importantes fontes de dados os depoimentos de histórias de vida, as entrevistas temáticas e as entrevistas de trajetórias de vida. Os primeiros constituem-se em depoimentos aprofundados que buscam reconstituir por meio do diálogo a história de vida do sujeito desde sua infância até os dias atuais. As entrevistas temáticas focam experiências ou processos específicos, ou podem constituir-se em desdobramentos dos depoimentos de história de vida. As trajetórias de vida são depoimentos de histórias de vida mais sucintos e menos detalhados. (NEVES, 2001 *apud* LOPES, 2008, p. 59).

Além disso, fazer um registro de memória, sendo ela individual ou coletiva, realçar experiências e trajetórias com visibilidade a uma história e à experiência de grupos/movimentos. Escrever as memórias é uma forma de não se esquecer e transformar a memória em história. O processo de narrar é a construção de um processo dinâmico, uma narrativa nunca é feita da mesma maneira, ela acontece de acordo com as vivências de quem o narra, adquiridas ao longo do tempo.

A pesquisa em história de vida tem uma função de historicidade, na qual o indivíduo não só se apropria e reflete o ser social, mas também se projeta na subjetividade e reinventa-se. Sendo a história de vida uma ferramenta da historicidade, o sujeito, ao narrar sua vida, elabora, recria os pontos importantes de sua vida e reconstrói o que foi vivenciado, o que ressignifica, consequentemente, muda sua relação com a história. “[...] A história é uma construção social, na qual

o documento e fato histórico sempre existirão dependendo do ambiente social que os preserva e os legitima” (GRANATO *et al.*, 2020, p. 513).

Tais mudanças de perspectiva mudaram o entendimento de que a História visa rememorar o passado, pelo contrário, a História está de fato ligada às necessidades e às situações do presente em eventos que ecoam e geram impactos, sendo assim, a História é contemporânea. O homem é história, é produzido por ela e é produtor dela. “É através da função de historicidade, assegurada pela singularidade do funcionamento psíquico de cada um, que o sujeito opera uma mudança em relação a sua história passada, na forma através da qual essa história é mobilizadora” (BARROS & LOPES, 2019, p. 40). As histórias pessoais dos indivíduos estão sujeitas a uma dimensão sociopsicológica, isso significa que estão sujeitas a questões afetivas e às relações sociais, de maneira que isso marca o desenvolvimento biográfico do indivíduo (BARROS & LOPES, 2019).

Além disso, a história de vida é ponte indissociável à história individual e à coletiva. Na pesquisa de história de vida, o individual está ligado a um nível mais geral de análise, devido ao lugar social em que esta se localiza. Halbwachs (1990), no que diz respeito à memória individual, refere-se à existência de uma “intuição sensível”. Haveria, então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual, que, para distingui-lo das percepções nas quais entram elementos do pensamento social, reconhece o que é chamado de intuição sensível. Tal sentimento de persuasão é o que garante, de certa forma, a coesão no grupo, ou seja, essa unidade coletiva concebida por ele como o espaço de conflitos e influências entre uns e outros (HALBWACHS, 1990).

Na transformação da memória em escrita, ela ganha um monumento. Quanto à memória na perpetuação de uma narrativa, em muitas sociedades, havia uma comemoração e perpetuação da lembrança, de forma que o documento é um monumento. “A evolução da memória, ligada ao aparecimento e à difusão da escrita, depende essencialmente da evolução social” (LE GOFF, 2003, p. 429). Há uma construção de uma memória a fim de que se torne real, pois a memória humana é instável e maleável. Portanto, ao abordar a memória coletiva, ela não deixa de abordar a memória individual e cada ponto de vista individual, como contribuição para a memória coletiva.

Há também os riscos de perda da memória, tanto pela oralidade quanto pela escrita, assim sendo, há a necessidade de fixá-la para que não se perca de muitas

sociedades, isto é, as sociedades sem escrita. As gravuras são formas de memória, de registro daquelas sociedades. A história é advinda da memória, e Le Goff (2003) estabelece essa ligação, mediante o caráter divino da morte, e fazer com que as lembranças não sejam esquecidas é maneira de se fazer eterno.

Na construção de uma pesquisa baseada em história de vida, como o estudo da trajetória profissional de atletas de Vela, a relação entre o pesquisador e o pesquisado precisa ser harmoniosa, o pesquisador precisa estar apto a refletir sobre a questão a ser buscada ao pesquisado, de um lado, o pesquisador não pode se manter inerte. “Eu não posso compreender a situação de classe de uma pessoa ou de um grupo familiar se eu não me interrogo primeiro sobre minha posição de classes” (BARROS & LOPES, 2019, p. 45). A conversa entre pesquisador e pesquisado precisa fluir de forma natural, de modo que o sujeito pesquisado não seja um mero reprodutor de dados informativos para a pesquisa, mas deve participar com envolvimento. Obter uma pesquisa sobre história de vida é conseguir “[...] um encontro único entre o pesquisador com uma pessoa que aceita a ele se confiar” (BARROS & LOPES, 2019, p. 49).

Embora não exista uma linha de estudo única pra realizar uma pesquisa do tipo, há uma busca de conhecimento por algo, uma temática e afins: a metodologia trabalhada se faz a partir do objeto de pesquisa e não o contrário, assim como a pesquisa de história de vida como qualquer outra, mas, sobretudo, ela não pode se encaixar em um *modus operandi*. O pesquisador escolhe o melhor caminho a seguir de acordo com as necessidades de sua pesquisa. Isso não significa descartar um método científico, mas entender que cada pesquisa tem suas particularidades, principalmente, quando se trata de sujeitos voláteis como o ser humano. Quando pedimos para o sujeito contar sua história, este conta à sua maneira, a partir do seu ponto de vista, cabendo ao pesquisador tentar compreender o universo no qual se insere.

As narrações não são apenas histórias pessoais, servem de material para um estudo social para compreender um universo social desconhecido. O direcionamento que o pesquisador dará ao material é de extrema importância para o resultado da pesquisa. Um mesmo material pode ser submetido a diferentes pesquisadores, os quais darão fins distintos às mesmas histórias contadas. De modo que manter um distanciamento do seu objeto de pesquisa não significa não se envolver, mas compreender que aquilo que está sendo dito é uma versão dos fatos,

mesmo que seja sobre a própria vida do sujeito entrevistado. Trata-se de uma construção de si com fatos inventados ou omitidos, mesmo que isso ocorra, não pode ser meramente descartado, mas analisado para se compreender os motivos/contexto que levaram àquela versão (COLOMBY *et al.*, 2016).

Segundo descrição de Amado (1995), no procedimento de análise de uma entrevista, quem narra acaba por mentir, omitir, imaginar situações, contudo, nem por isso são descartáveis, são, no entanto, informações reveladoras de uma realidade social, uma experiência cultural. Essas narrativas podem levar a um novo caminho interpretativo ao serem analisadas e comparadas, porém bastante reveladoras ao pesquisador. “Nas histórias de vida, além da história individual, conta-se sobre a história de uma época, grupo ou povo [...]” (COLOMBY *et al.*, 2016, p. 857).

Bloch (1928) introduziu a metodologia de História comparada, expandindo os diálogos interdisciplinares entre a História e outras áreas de conhecimento, aumentando sua escala de observação ou comparação. Pesquisas referentes à Sociologia histórica abrem novos caminhos para estudos de História comparada, a primeira seria uma análise “macrocasual”, uma vez que esta “[...] busca inferir (por meio de amplas comparações e casos controlados e agrupados de acordo com semelhanças e diferenças pré-estabelecidas), generalizações sobre as causas dos processos ou fenômenos em estudo [...]” (GRANATO *et al.*, 2020, p. 519). Através do diálogo, busca-se reconstruir a história do sujeito desde a sua infância até o momento presente, e o caminho metodológico ganha forma à medida que essa história vai sendo delineada pelo narrador.

As narrativas não se referem a construções sociais apenas, são, na verdade, histórias compartilhadas por um grupo ou cultura popular. É através da narrativa de experiências pessoais que nos conectamos com narrativas maiores. A entrevista é a fonte mais comum de dados narrativos. O formato de entrevista de história de vida é extenso, pois o entrevistador deve encorajar o entrevistado a contar sobre sua vida, o que, normalmente, demanda tempo. Cabe ao entrevistador definir algumas diretrizes para o desenvolvimento da narração do entrevistado, embora ainda possam haver desvios. Cabe, então, ao entrevistador direcionar as perguntas ao participante, a fim de reunir as informações relevantes para a pesquisa. O pesquisador deve demonstrar interesse e empatia, além de a entrevista ser realizada em um ambiente que o sujeito se sinta confortável.

Quando o pesquisador se depara com um entrevistado pouco comunicativo e cauteloso no uso das palavras, faz-se necessário deixá-lo confortável, e, muitas vezes, o entrevistador deve encorajar o sujeito a falar, evitando sugerir algo que deva ser dito. Mesmo que o entrevistador não concorde com o que é dito, não é o papel dele concordar, apenas ouvir, a análise ou juízo de valor, do que é dito, é feito posteriormente. O entrevistador tem um papel fundamental no desenvolvimento da entrevista, de maneira que este estruturará e delineará a narrativa (MURRAY, 2018).

Portanto, a pesquisa histórica, através de narrativas e entrevistas, tem muito a contribuir para este estudo em desenvolvimento sobre a trajetória profissional de atletas de Vela. As metodologias de análise da narração e do seu processo de condução são fundamentais para a compreensão dos dados recebidos e para pesquisa de traços biográficos, a qual, por sua vez, busca fazer uma análise de um grupo social e de sujeitos, com suas particularidades e vivências.

2.2

Narrativas, Histórias e Contação de Histórias (*Storytelling*)

A partir da análise da criação de sentido fundamentado pelo *sensemaking*, narrativa e *storytelling*, esta pesquisa tem como objetivo examinar as histórias que emergem dos depoimentos recolhidos sobre a trajetória na construção de carreira de atletas de alto rendimento da Vela Esportiva. Evidenciando, ainda, como eles constroem sentido e narrativizam as relações organizativas que envolvem o mundo do Iatismo. A narrativa está vinculada à perspectiva das pessoas a partir de relações sociais na prática do esporte. As histórias funcionam, então, como elementos fundamentais para a criação e a reprodução da realidade organizativa, ou seja, as narrativas são imprescindíveis para se compreender um conjunto de práticas relacionais no campo do alto rendimento da Vela Esportiva.

No processo narrativo, os elementos básicos de uma história são os eventos praticados pelos humanos, quanto aos atores, estes podem ser as pessoas ou não, juntamente com o cenário, podendo incluir aspectos temporais, espaciais ou sociomateriais. Independentemente do tamanho, as histórias contadas possuem tais elementos, até mesmo em uma única frase. Assim, “A narrativa, então, refere-se a uma instância em que alguém diz a alguém mais sobre eventos que ocorreram ou

estão ocorrendo em um determinado tempo e espaço” (HULST & YBEMA, 2019, p. 367). As histórias, por vezes, podem provocar emoções, contendo explicações e avaliações sobre algo, isso é feito por meio de seleção e conexão de elementos da história a partir da realidade de enredo dos contadores de histórias, ou seja, é uma versão dos fatos na qual se destaca uma determinada visão dos elementos disponíveis.

A maioria das práticas relacionais funciona também como espaços discursivos, ou seja, é uma oportunidade de escrita e conversa, “As configurações organizacionais, então, formam o contexto de construção mais concreto de cada história” (HULST & YBEMA, 2019, p. 367). Por meio de entrevistas, os pesquisadores estudam histórias contadas, gerando dados que formam um cenário para além das organizações, e as histórias sendo, portanto, tratadas como instâncias discursivas sobre as mudanças organizacionais, as identidades e as estratégias de aprendizagem, em vez de se estudar a narrativa em si, a narrativa dentro do contexto.

Com base na ideia de que a narrativa e o contar da história são inerentes às práticas organizativas, é preciso pensar: quais histórias são levadas para serem mais contadas em um ambiente específico? O processo de contar histórias predispõe tempo, ou seja, a pessoa que reivindica a palavra para contar a história, precisa que os ouvintes tirem um tempo para ouvir, ao passo que, para saber se tal história vale seu tempo de ouvinte, o prefácio é de suma importância, de forma a prender a atenção do público ouvinte com o resumo geral da história a ser contada. De tal modo que “[...] para os contadores de histórias, portanto, é crucial saber acerca do que vale a pena contar em uma história. Se eles são muito frequentes fora do alvo, os contadores de histórias serão considerados chatos, faladores demais ou socialmente ineptos [...]” (HULST & YBEMA, 2019, p. 368).

No entanto, as narrativas não se fazem apenas de acontecimentos incomuns do cotidiano, estando, intimamente, ligados ao relacionamento entre as pessoas, que se relacionam, consequentemente, por meio de conversas, no compartilhamento de histórias sobre experiências comuns, assim como as entidades e os indivíduos se relacionam na Vela Esportiva. O que ocasiona ou desencadeia a narrativa depende do cenário. Em uma entrevista, o pesquisador está em busca de histórias, estruturando uma série de perguntas, a fim de atingir tal objetivo, procura, ainda, por histórias específicas, diferentemente de conversas cotidianas entre amigos, em

que sucessivas histórias são contadas entre o grupo, que podem desencadear uma série de relatos de experiências pessoais.

As histórias contadas são longas ou curtas, a depender do lugar e do momento do relato, às vezes, é um monólogo, como, por exemplo, uma palestra ou uma co-construção, ou seja, em que existem interações e negociações entre os agentes, “[...] o trabalho da história é feito pelo contador de histórias, pela própria história e pelo cenário em que ocorre a narrativa [...]” (HULST & YBEMA, 2019, p. 369). Contudo, as narrativas e o trabalho da história são variáveis, ou seja, variam de acordo com o ambiente em que a narrativa se insere. No ambiente do Iatismo, as narrativas se configuram da forma como os indivíduos, as entidades e as práticas se relacionam e constroem esse universo da Vela Esportiva. Hulst & Ybema (2019) sugerem que a narração de histórias também pode servir para estabelecer vínculos com outras pessoas (SACKS, 1992; TANGHERLINI, 2000 *apud* HULST & YBEMA, 2019). Responder a uma história com uma história, por exemplo, equivale a informar seu parceiro de conversa que você teve, ou sabe a respeito, experiências semelhantes. Assim, as histórias podem trazer vários propósitos, como exemplifica Hulst & Ybema (2019): podem ajudar a dar sentido aos problemas de membros de um mesmo ambiente.

Sensemaking seria o processo pelo qual as pessoas trabalham para compreender as questões, ou eventos excepcionais, ou ambíguos, que surpreendem, de alguma forma, as expectativas. O *sensemaking* é imprescindível para os estudos organizacionais, explorando, portanto, como a criação de sentido é feita e como esta permite a realização de outros processos organizativos importantes. Assim, a linguagem do *sensemaking* é estudada para compreender o significado com o qual é construído e transmitido. E as pesquisas de criação de sentido estão, intrinsecamente, ligadas a uma construção social da realidade, invocando uma noção geral com uma variedade de significados.

Assim, “Algumas definições enquadram a criação de sentido como um processo mais cognitivo, focado na avaliação e interpretação, que é descrito em termos de desenvolvimento de estruturas, esquemas ou modelos mentais” (CHRISTIANSON & MAITLIS, 2014, p. 62). É, portanto, um processo de conversação e narrativa no qual as pessoas criam e mantêm um vínculo subjetivo com o mundo, o que envolve uma variedade de gêneros de comunicação tanto falado como escrito, formal e informal. A criação de sentido envolve práticas de

conversações sociais, por meios verbais e não verbais, de modo que os sujeitos se envolvem em focos e negociações, nas quais trocam histórias, rumores e experiências pessoais, tomando nota, com o intuito de inferir e dar significados.

A criação de sentido, portanto, tanto precede a tomada de decisão quanto a segue: a criação de sentido fornece o “claro perguntas e respostas claras” (WEICK, 1993, p. 636) que alimenta a tomada de decisão, e a tomada de decisão muitas vezes estimula surpresas e confusão que criam ocasiões para a criação de sentido. A criação de sentido organizacional é um processo social fundamental: os membros da organização interpretam seu ambiente por meio de interações com outros, construindo relatos que lhes permitem compreender o mundo e agir coletivamente (CHRISTIANSON & MAITLIS, 2014, p. 64).

As narrativas ajudam na construção de um sentido, e o *storytelling* se faz necessário na construção de sentido em torno de um propósito dentro das organizações, pois as histórias – por meio de narrativas – tendem a promover a identificação dos indivíduos que pertencem ao mesmo grupo. Além disso, as histórias são fontes confiáveis de propósito e significados, mesmo que se distanciando da realidade dos acontecimentos. As relações organizacionais passam a valer das narrativas como meio de construção de suas próprias histórias, evitando, assim, uma disseminação desenfreada de discursos que atrapalhem objetivos comuns de um determinado ambiente, como o da Vela Esportiva. Muitas vezes, os objetivos são reorganizados e adaptados às propostas de identidade, criadas de forma intencional e, por vezes, até manipuladora. No entanto, pode ocorrer a disputa de narrativas nas histórias contadas dentro desse ambiente, levando ao conflito de vozes e ao fracasso quanto ao objetivo pretendido com o uso da narrativa nas relações organizacionais.

Essa construção de sentido está diretamente ligada ao *sensemaking*, no qual as narrativas são utilizadas como uma ferramenta de unificação, rompendo barreiras que possam impedir a equipe de progredir, extinguindo a sensação de falta de sentido e injetando a sensação de pertencimento e propósito dos indivíduos envolvidos.

Uma história refletirá uma sequência de ações e experiências adquiridas pelos agentes envolvidos na história, os quais se apresentam e reagem às mudanças ocorridas ao longo do tempo. Tais mudanças provocam novas descobertas e uma exigência de refletir sobre algo novo, ou seja, uma resposta que leva à conclusão dos fatos. Evidencia-se, então, que as histórias são essenciais para a criação de

sentido, visto que as práticas relacionais têm como base as narrativas. O ato de contar histórias fornece um posicionamento crítico no ambiente gerencial.

E como é criado sentido a partir das histórias e das narrativas? Esse sentido tem origem na linguagem e na comunicação. A linguagem verbal e a não verbal constroem e dão ordem à realidade, são essenciais para a estabilidade em meio ao fluxo de ambiente organizacional.

O indivíduo é um ser social, e sua existência acontece a partir de suas relações sociais e de seu contato com o meio, ao passo que as histórias não acontecem de forma individualizada, são coletivas, amadurecem no campo das relações sociais, transformando-se em um produto de experiências e processos continuados de formação de sentido. Esse indivíduo busca sempre por validação, ou legitimidade externa da conduta de sua narrativa, ou seja, esta é um meio eficaz de reivindicação de legitimidade. E, para manter a autolegitimidade, é preciso saber se comunicar com o outro, é preciso saber interagir com o público ouvinte, é preciso saber nutrir uma narrativa que pareça ser legítima.

A identidade é um estado construído socialmente e está inserida num processo contínuo. Na concepção iluminista de identidade, a qual tinha uma visão individualista do sujeito, a identidade nascia com o homem e acompanhava-o até sua morte sem ser alterada. Por outro lado, na concepção sociológica, com a interação externa e interna, o sujeito não está fechado em si (LE BRETON, 2012).

O sujeito cartesiano, ou sociológico, é racional e centro do conhecimento. Já o sujeito pós-moderno, derivado do desdobramento do sujeito cartesiano, não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente (HALL, 2011). Desse modo, “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’ formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente” (HALL, 2006 *apud* SOUZA, 2014, p. 93). Efetivamente, a identidade está em fase de construção. A evolução da concepção do sujeito cartesiano para o pós-moderno leva a uma identidade cercada de dúvidas e incertezas, de sorte que a identidade se inscreve na ordem do discurso.

A pesquisa sobre narrativas, histórias e contação de histórias (*storytelling*) levou a um maior entendimento sobre a globalização no âmbito do esporte. A partir da globalização, a tentativa de atrelar a identidade à nação é desestabilizada devido às diversas interações e intervenções. A globalização expõe o contato com outras

culturas, produzindo identidades abertas, não sendo pensada e definida apenas em relação à sua comunidade pertencente. Como consequências da globalização, identidades locais se desintegram, identidades nacionais são reforçadas, ou entram em estado de declínio, resultando no surgimento de uma nova identidade. Territórios não são mais o referencial de apoio dos processos identitários, agora a identidade é influenciada pelas culturas nacionais, modelada pelos processos globalizadores e transforma-se a cada momento. Os discursos servem de âncoras no processo de identificação.

O processo de construção da identidade está inscrito em um processo memorial que envolve reconstituição de um passado e atualizações e esquecimentos de algumas imagens pretéritas. É preciso trazer a identidade para o discurso e é a memória que o faz na medida em que permite que o sujeito narre a si mesmo (SOUZA, 2014, p. 98).

Por fim, a memória (e o processo de recordação) é um dispositivo de construção do passado no presente, muitas vezes, influenciado por fatores atuais na construção de narrativas e *storytelling*. Recordar é um mecanismo de reavaliar, revisar, analisar e de autoconhecimento, em que, a partir disso, a memória alcança a identidade, sendo chave para a sua (re) construção (SOUZA, 2014, p. 106). A memória é um comportamento narrativo pelo qual alguém comunica a outra pessoa determinada informação na ausência do acontecimento, ou objeto, que constitui o motivo. A memória é fundante da identidade, pois todo ato memorial tem intenção identitária, o qual confere ao passado um sentido atual a partir das preocupações do presente, autocrítica de si e do passado. A memória ganha forma à medida que é narrada. A narração memorial surge como resultado de alguma tensão, num momento de conflitos e incertezas associados à identificação (SOUZA, 2014, p. 110). Essa narrativa se constrói a começar por uma situação de justificação social, ou construção de si mesmo. A memória e a narrativa são ativadas a partir da dúvida colocada sobre a identidade, no sentido de construir ou reafirmar. A memória promove uma revisão autocrítica, a memória e a identidade são relacionais a contar da tese de que a memória intervém na construção identitária, e a identidade intervém na rememoração, visto que a memória tanto modela como é modelada na criação de uma narrativa.

2.3

Pesquisa Histórica em Estudos Organizacionais

Na área de estudos organizacionais, muito se tem discutido acerca de como o passado – e suas representações como a história, a memória e a ficção – pode ser conhecido e pesquisado (COSTA *et al.*, 2010; GRANATO *et al.*, 2020; DECKER *et al.*, 2020). No que diz respeito, mais especificamente, aos estudos de memória e às fontes orais, as diferentes formas de narrar trajetórias individuais, como a história oral, as histórias de vida, as biografias e as autobiografias, tornam possível ao pesquisador e à sociedade terem acesso a informações que antes ficavam restritas apenas aos documentos escritos oficiais (HODGE & COSTA, 2020). Dessa forma, pode-se dizer que se ampliam as possibilidades de acesso ao conhecimento acerca dos fenômenos.

Partindo dessa análise, esta pesquisa optou em realizar entrevistas de história de vida de atletas de alto rendimento da Vela Esportiva, dentro da dimensão da pesquisa histórica organizacional.

3 Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa objetiva compreender a trajetória de carreira de atletas de alto rendimento da Vela Esportiva por meio da narrativa de suas histórias de vida. Em termos de procedimentos metodológicos, a pesquisa é qualitativa e a estratégia de investigação foi definida em consonância com preceitos teórico-metodológicos da história de vida.

Ao realizar as entrevistas e recolher os depoimentos, buscou-se compreender as histórias relacionadas à trajetória da carreira esportiva, desde o primeiro contato com o esporte até o momento da carreira profissional, considerando-se as transições vividas ao longo de todo o processo. Desta forma, optou-se pelo uso da história de vida temática. O recolhimento dos depoimentos tornou possível abordar e captar as percepções dos sujeitos envolvidos na pesquisa por algum tipo de determinação específica, embora tenha permitido abranger as experiências relatadas e buscar pela compreensão do fenômeno intangível à quantificação (LAKATOS & MARCONI, 2001).

A escolha do método de análise temática (BRAUN & CLARKE, 2006) foi definida a partir da primeira entrevista realizada, na qual se percebeu a necessidade de um método interpretativo e flexível de análise de dados. Ao escutar os relatos de vida dos atletas de Vela profissional, foram identificados temas que permitiram organizar os dados de forma interpretativa através de um processo de codificação fundamentado na análise de uma carreira não convencional. No que se refere ao estudo sobre o esporte de alto rendimento e sobre atletas, vislumbrou-se o esporte não apenas como uma experiência de vida, mas também como uma possibilidade de trabalho. Assim, essa foi a perspectiva adotada para a análise das entrevistas com os atletas profissionais estudados.

3.1 Sujeitos da Pesquisa e Recolhimento de Depoimentos

O grupo de participantes desta pesquisa foi composto por três velejadores e quatro velejadoras profissionais em exercício. A escolha do perfil dos entrevistados

atendeu, pelo menos, a um dos seguintes critérios: (1) ter alcançado alto rendimento em equipes brasileiras; (2) ter competido e conquistado competições nacionais e internacionais de grande expressividade como Olimpíadas ou Campeonatos; e (3) ter competido e conquistado títulos na modalidade individual.

O número de entrevistados foi estabelecido a partir das diretrizes de pesquisa com narrativas e em histórias de vida. Chasse (2005), corroborando com Riessman (2005), afirma que pesquisas envolvendo narrativas têm como características um reduzido número de participantes. Ainda de acordo com Delory-Momberger (2012), uma única história de vida pode revelar comportamentos, valores e ideologias, entre outros aspectos relevantes de sua sociedade ou grupo. Dessa forma, foram entrevistados sete atletas, visto que os depoimentos recolhidos forneceram riqueza suficiente de dados para análise e para a consecução dos objetivos propostos pelo estudo.

As entrevistas foram conduzidas em duas modalidades definidas para melhor atender à disponibilidade dos entrevistados: remota e presencial. Na forma presencial, os depoimentos foram recolhidos no ambiente dos entrevistados. A pesquisadora procurou não direcionar a entrevista, deixando o entrevistado livre para conduzir seus relatos referentes à sua trajetória de vida e profissional. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para facilitar a análise dos depoimentos. A identidade dos entrevistados foi preservada, e as características de cada atleta serão apresentadas no Capítulo 6 deste estudo, por meio do Quadro 5.

3.2

Análise dos Depoimentos

Após a leitura dos depoimentos recolhidos, percebeu-se a complexidade das experiências dos indivíduos relacionadas ao contexto profissional da Vela Esportiva no Brasil. Em estudos sobre histórias de vida temática, assume-se uma visão aprofundada na busca pelas raízes das questões, bem como suas existências e relações, considerando um quadro amplo do sujeito como ser social e histórico (DEMO, 1987). Com esse intuito, as entrevistas foram analisadas por meio da análise temática, por ser uma ferramenta que permite abordar e captar percepções dos sujeitos, envolvidos em uma determinada ação específica (LAKATOS & MARCONI, 2001).

A análise temática foi definida por Braun e Clarke (2006) como um método para indentificar e analisar padrões de significado em um conjunto de dados. O pesquisador tem o papel de observar padrões e temas dos textos transcritos. O processo é considerado orgânico e reflexivo, o que exige um investigador “engajado e intuitivo”, que considera “as formas de que fazem parte da análise [...] tornando a análise temática pessoal, e às vezes uma experiência emocional” (BRAUN; CLARKE; TERRY, 2015, p. 107). Nesse sentido, foram interpretados padrões e temas dos textos codificados, os quais não devem ser isentos de percepções pessoais da pesquisadora.

A análise temática, conforme descrita por Braun e Clarke (2013), é dividida em seis fases, conforme Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Etapas da Análise Temática

Fase	Descrição
1) Familiarização com dados	Identificar e anotar itens de interesse potencial através da transcrição dos dados, leitura e sua releitura.
2) Geração códigos iniciais	Codificar aspectos interessantes dos dados de modo sistemático; reunir trechos relevantes para cada código.
3) Procurar por temas	Reunir os códigos em temas potenciais; agrupar os dados pertinentes a cada tema.
4) Revisão de temas	Checar se os temas funcionam em relação aos extratos e ao banco de dados; gerar mapa temático da análise.
5) Definir e nomear temas	Refinar os detalhes de cada tema e a história narrada através da análise; gerar definições e nomes para cada tema.
6) Produzir um relatório	Apresentar exemplos com trechos relacionados aos temas; última análise dos extratos escolhidos na relação com pergunta de pesquisa e literatura; relato científico da análise.

Fonte: Adaptado de Braun & Clarke (2006; 2013).

Para as fases da análise temática, adaptadas para esta pesquisa, foram adotados os seguintes passos: primeiro, foi realizada a familiarização com o conteúdo. No momento de transcrição das narrativas (obtidas através das histórias individuais de cada atleta), os depoimentos foram lidos e relidos para levar em conta aspectos interessantes das narrativas individuais e também das narrativas compartilhadas entre eles. Depois, foram gerados códigos iniciais a partir da organização das narrativas relevantes para o contexto do estudo. Concluídas as fases 1 e 2, foi possível definir o foco da análise de forma mais abrangente na fase 3. Nessa fase, diferentes códigos foram classificados em temas potenciais, a partir da releitura dos extratos das fases anteriores e, então, destacados trechos de relevância.

Braun & Clarke (2006) sugerem a criação de mapas conceituais, apresentado na Figura 1 abaixo como representação visual para reunir os códigos em temas potenciais.

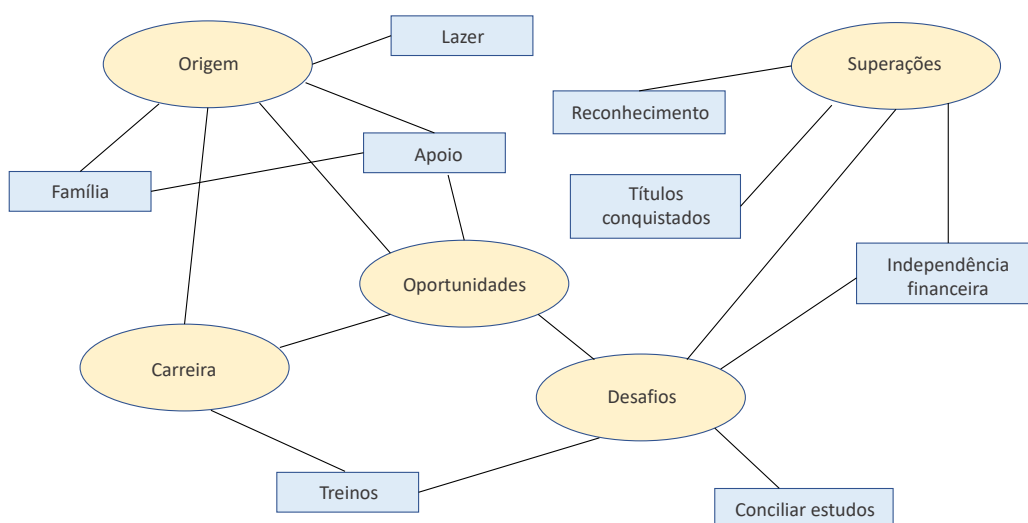


Figura 1 – Mapa Temático Inicial

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Após o estudo do mapa temático inicial, foi possível entender as relações entre os códigos e os temas abrangentes, considerando as diferentes histórias e situações vividas para o processo de análise. A fase 3 é concluída com vários temas e subtemas codificados para justificar cada possível tema. Nas fases 4 e 5, foi realizada uma revisão final das relações apontadas acima, e, então, definidos os principais temas de acordo com os objetivos deste estudo a serem explorados: (1) histórias sobre a origem; (2) histórias sobre o planejamento de carreira; (3) histórias de oportunidades; (4) histórias de desafios e superações; e (5) histórias de sucesso.

Conforme consubstanciado no referencial teórico apresentado, propõe-se a Figura 2, como sistematização dos temas trabalhados em conformidade com os objetivos deste estudo.

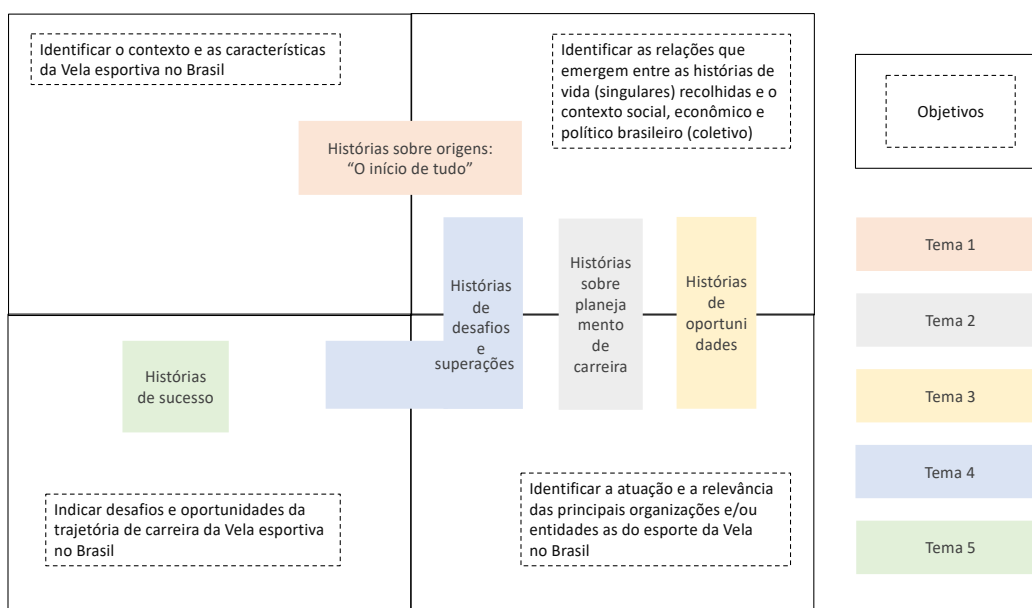


Figura 2 – Objetivos e Temas

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A representação foi elaborada com o intuito de ilustrar os aspectos que serão discutidos e analisados nas entrevistas. Foram identificados trechos dos atletas com relatos importantes relacionados aos temas citados anteriormente. As histórias, que emergiram destas narrativas, constituíram afirmações que se ajustam na relação entre os objetivos da pesquisa e os temas levantados por intermédio da análise temática. A codificação possibilitou a organização dos elementos extraídos com semelhanças entre si, permitindo a análise desses temas ligados às questões e aos objetivos deste estudo, em conformidade com Riessman (2005).

Os resultados serão apresentados no Capítulo 6 desta pesquisa, através das categorias estabelecidas e suas discussões. Trechos de cada história de vida trazem destaque às experiências e aos significados evidenciados pelos atletas entrevistados. Esse procedimento de análise de resultados permitiu à pesquisadora descrever as experiências dos entrevistados, e suas discussões contemplam os cinco temas definidos para análise dos dados. A análise dos dados encontram-se no penúltimo Capítulo deste estudo.

4

O Contexto e as Características da Vela Esportiva no Brasil

O Iatismo, também chamado de Vela, é uma modalidade esportiva que envolve barcos movidos por velas, com o uso da força do vento como meio de deslocamento. Pode ser praticado tanto por homens quanto por mulheres de qualquer faixa etária. As classes de barcos mais utilizados são apresentadas no Anexo 2 (Principais categorias do esporte).

O ambiente adequado deve ser aberto e de preferência extenso, uma vez que conta com a presença de vento como propulsor do barco. Dependendo da intensidade do vento, agilidade e rapidez são necessárias nas manobras do velejador. O domínio dos cabos, que regulam as velas, exige força e conhecimento técnico. É preciso muita dedicação e treinamento para adquirir conhecimento da técnica de navegação.

Como nos mostram Hackerott *et al.* (2017, p.35):

Para dominar a técnica da navegação à vela é preciso horas e horas no barco. É preciso aprender a velejar com vento vindo de frente, de trás e do lado, depois começa-se a perceber que para cada intensidade de vento o barco se comporta de uma forma e exige um tipo de movimento, assim como para cada tipo de onda o movimento do velejador também deve ser específico; e ainda, em diferentes tipos de barcos as percepções e movimentos também se alteram completamente.

A Figura 3 abaixo apresenta um organograma com as principais nomenclaturas usadas na Vela Esportiva.

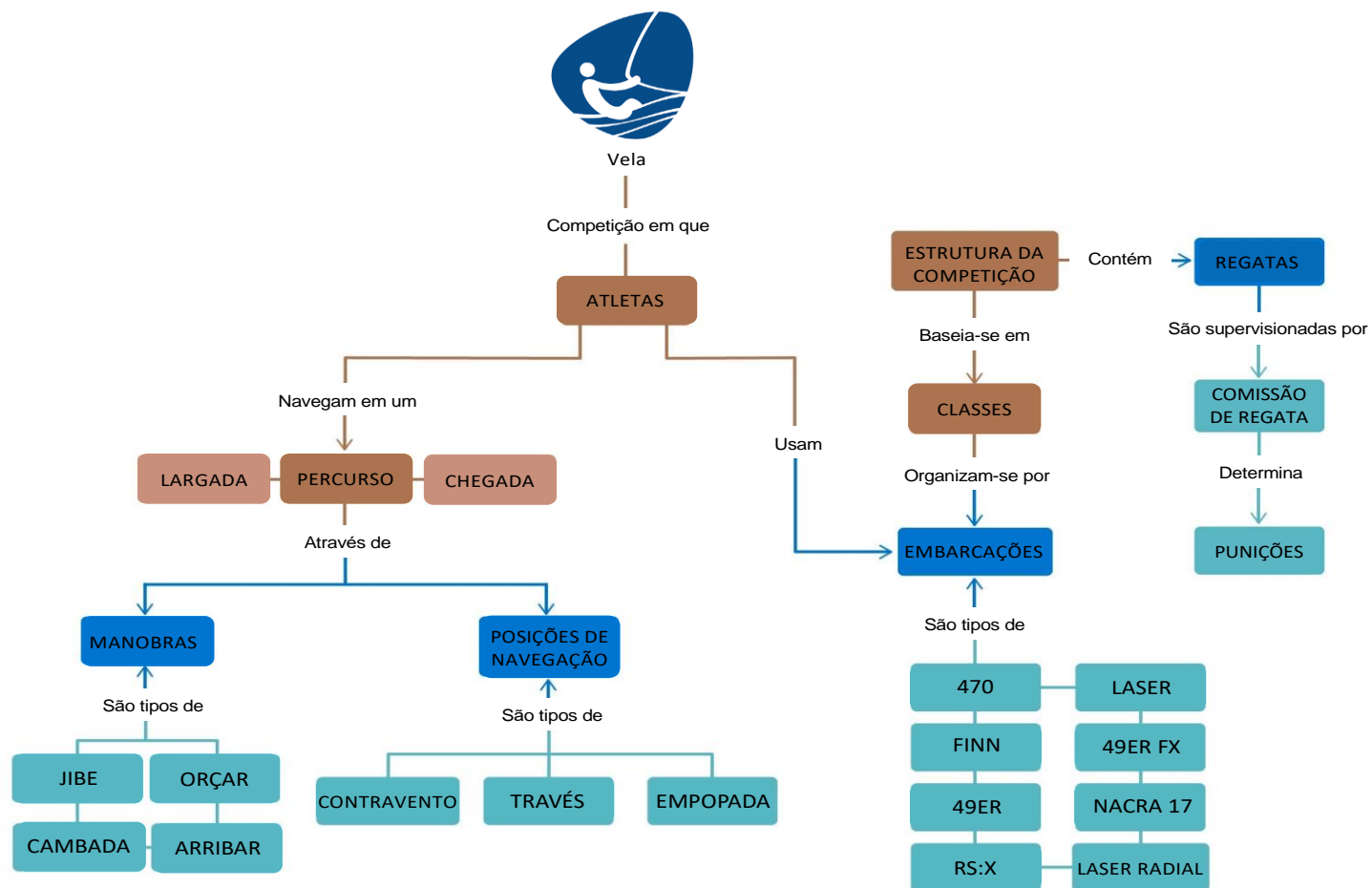


Figura 3 – Organograma Vela Esportiva

Fonte: Adaptado pela autora, conforme Dicionário Olímpico (2020).

A entidade em âmbito internacional, responsável pela manutenção e fiscalização das questões relacionadas a esse esporte, é a Federação Internacional de Iatismo (ISAF). No Brasil, é organizada pela Confederação Brasileira de Vela (CBVela) (REGRAS DO ESPORTE, 2020).

As competições são realizadas a partir da montagem de raias triangulares demarcadas por boias, a serem contornadas pelos velejadores. As competições são classificadas de acordo com o número de tripulantes no barco, com a mastreação e com o número de velas usadas. Cada “partida” desse esporte é chamada regata. Ao final de cada regata, são acumulados pontos de acordo com a posição de chegada do barco. A equipe considerada vencedora é aquela que, ao final de uma série de regatas, conseguir acumular o menor número de pontos. As competições de maior destaque e importância do Iatismo estão descritas no Anexo 3.

A primeira competição de Iatismo aconteceu em 1661, na Inglaterra, todavia esse só foi reconhecido como esporte a partir do século XVIII. Em 1932, passa a integrar as Olimpíadas. No Brasil, o Iatismo foi introduzido pelos europeus no fim do século XIX, e o primeiro clube foi fundado em 1906, o Iate Clube Brasileiro do Rio de Janeiro, seguido, posteriormente, por associações idênticas em São Paulo (SÃO PAULO YATCH CLUBE) e no Rio Grande do Sul (CONHEÇA..., 2021; PORTAL SÃO FRANCISCO, 2020).

A carreira profissional no Iatismo tem início a partir do ingresso nas competições esportivas, em que o velejador passa a ser atleta, e a prática do esporte deixa de ser somente por lazer, mas com objetivo e foco em treinos para alcançar resultados satisfatórios em competições. Estas vão se tornando cada vez mais difíceis, exigindo maior dedicação e comprometimento. Ao se tornar um atleta profissional da Vela, a prática exige maior empenho e tempo de dedicação, principalmente, na busca por apoio e retorno financeiro, proveniente de seus resultados. Contudo, apesar dessa atividade ser classificada como um trabalho para esse velejador atleta, muitas vezes, o atleta precisa ter outro trabalho paralelo para seu sustento.

Em Olimpíadas, o esporte foi incluído no programa olímpico em Paris em 1900. A Vela Esportiva ganhou força e reconhecimento com o tricampeonato mundial do paulista Jorge Bruder (anos 1970, 1971 e 1972) na classe Finn. Desse momento em diante, o esporte se desenvolveu a ponto de ser o que mais conquistou medalhas olímpicas pelo Brasil, mesmo não sendo um esporte tão conhecido e

praticado pela população em geral. O Brasil já conquistou 18 medalhas olímpicas na Vela (7 medalhas de ouro, 3 medalhas de prata e 8 medalhas de bronze) (QUADRO DE MEDALHAS, 2020).

Dentre os medalhistas olímpicos, podemos destacar Robert Scheidt e Torben Grael. O primeiro já conquistou duas medalhas de ouro, duas de prata e uma de bronze, enquanto Grael conquistou duas de ouro, uma de prata e duas de bronze, como podemos observar no Quadro 2 abaixo, relacionado com os demais medalhistas brasileiros, de acordo com a sede olímpica, o ano e a categoria disputada.

Quadro 2 – Medalhistas Olímpicos da Vela Esportiva pelo Brasil

MEDALHA	Atleta(s)	Sede da Olimpíada	Categoria	Ano
OURO 	Eduardo Penido e Marcos Soares	Moscou - Rússia	470	1980
	Alexandre Welter e Lars Björkström	Moscou - Rússia	Tornado	1980
	Robert Scheidt	Atlanta - EUA	Laser	1996
	Marcelo Ferreira e Torben Grael	Atlanta - EUA	Star	1996
	Robert Scheidt	Atenas - Grécia	Laser	2004
	Marcelo Ferreira e Torben Grael	Atenas - Grécia	Star	2004
	Martina Grael e Kahena Kunze	Rio de Janeiro - Brasil	49erFX	2016
PRATA 	Torben Grael, Daniel Adler e Ronaldo Senfft	Los Angeles - EUA	Soling	1984
	Robert Scheidt	Sidney - Austrália	Laser	2000
	Bruno Prada e Robert Scheidt	Pequim - China	Laser	2008
BRONZE 	Bukhard Cordes e Reinaldo Conrad	Cidade do México - México	Flying dutchman	1968
	Peter Ficker e Reinaldo Conrad	Montreal - Canadá	Flying dutchman	1976
	Torben Grael e Nelson Falcão	Seul - Coreia do Sul	Star	1988
	Clinio Freitas e Lars Grael	Seul - Coreia do Sul	Tornado	1988
	Kiko Pelicano e Lars Grael	Atlanta - EUA	Tornado	1966
	Marcelo Ferreira e Torben Grael	Sidney - Austrália	Star	2000
	Fernanda Oliveira e Isabel Swan	Pequim - China	470	2008
	Bruno Prada e Robert Scheidt	Londres - Inglaterra	Star	2012

Fonte: Elaborado pela autora conforme Quadro de Medalhas (2020).

5

As Principais Organizações da Vela Esportiva no Brasil

O incentivo à prática ao esporte desde a infância à juventude dos indivíduos ocorreu por meio de ações isoladas e autônomas que partiram dos próprios jovens pelo mundo. As primeiras manifestações de competições esportivas datam entre os séculos XIII e XVIII (RENSON, 1999). No início do século XX, competições esportivas se internacionalizaram, e foram criados os primeiros órgãos institucionais com a concretização do esporte universitário. Foram os estudantes, fora do âmbito das universidades, que se organizaram em clubes desportivos e, posteriormente, em associações e federações nacionais (GALIEN, 2004). As primeiras federações nacionais de esporte nasceram nos Estados Unidos em 1905. Durante os períodos da Guerra Fria, Primeira e Segunda Guerras Mundiais, o esporte desempenhou um papel importante como demonstração de superioridade, trazendo destaque e influência histórica. As universidades dos EUA e da Grã-Bretanha, contudo, foram as primeiras a oferecer programas esportivos às suas comunidades e a reconhecer os valores educativos do esporte, tendo sido introduzidos de forma gradual em outros países. Daí o esporte se converteu em parte integrante do estilo de vida de muitos estudantes que aderem a programas de caráter educativo promovido pelas universidades (PARENTE, 2011).

A finalidade do esporte varia de acordo com a cultura local. Enquanto alguns países investem mais na formação integral (física e mental) do sujeito, outros focam na formação de atletas para o alto rendimento (CAMPO *et al.*, 2017). Considerando que as primeiras manifestações do esporte universitário no mundo foram no continente europeu, tendo como grande exemplo o surgimento do movimento olímpico (FOLDESI, 1993), a maior parte das organizações esportivas internacionais está lá sediada.

No contexto brasileiro, as primeiras manifestações oficiais confederativas esportivas ocorreram com a primeira lei regulamentadora do esporte em vários âmbitos, a de número 3617/41, assinada pelo presidente Getúlio Vargas (BRASIL, 2021). Décadas mais tarde, novas leis conhecidas como a Lei Zico, Lei Pelé e a Lei Agnelo Piva foram instituídas, com o objetivo de atender a melhorias das políticas

públicas voltadas ao esporte como um todo. Apesar da importância da criação de tais leis para referendar uma série de ações no âmbito do esporte universitário, ainda são pouco esclarecedoras enquanto direitos e deveres, políticas de remuneração e relações atletas-instituições, por exemplo (STAREPRAVO *et al.*, 2010).

Ao abordar a Vela Esportiva, torna-se importante conhecer algumas das principais organizações apoiadoras ao esporte, assim como seus interesses sociais e econômicos envolvidos no apoio prestado aos velejadores. Pires (2007) aponta que a gestão esportiva moderna passa por um forte envolvimento antropológico, sociocultural e econômico, como facilitador dos interesses do indivíduo às expectativas e às necessidades do seu meio, devendo estar contextualizada com a realidade esportiva. Dessa maneira, as organizações, apresentadas nas subseções a seguir, consideram a importância do seu incentivo ao esporte pelos recursos financeiros, sociais e culturais. Destacam-se os principais programas de apoio à carreira do atleta na Vela Esportiva, citados pelos entrevistados deste estudo.

5.1

Confederação Brasileira de Vela

A Confederação Brasileira de Vela (CBVela) foi criada em 2013 e é a entidade nacional representativa de velejadores, classes e clubes de Vela no Brasil. Atua com o apoio das Federações Estaduais de Vela, cuja missão é liderar o desenvolvimento de programas que potencializem o desempenho dos atletas e inspirem a prática do esporte a Vela. Sua proposta de valor visa incentivar o esporte, identificar e desenvolver talentos, customizando soluções e serviços para inspirar a prática e proporcionar o alcance da excelência em resultados. A CBVela, filiada ao Comitê Olímpico do Brasil (COB, 2020), possui a missão de liderar o desenvolvimento de programas e serviços para a comunidade da vela e oferecer os meios para levar os atletas de alto rendimento ao primeiro nível da vela mundial.

Os recursos financeiros da CBVela proveem de patrocinadores e parceiros, além do repasse efetuado pelo COB referente à Lei Agnelo Piva, que estabelece que 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do País sejam repassadas ao Comitê Olímpico e Paralímpico Brasileiro. Um dos principais programas de investimento em novos talentos da entidade é o Programa Vela Jovem, pelo qual a CBVela atua na organização da Copa da Juventude, competição que serve de

seletiva para campeonatos mundiais. Além disso, a CBVela apoia a participação dos atletas nos demais campeonatos de classe jovem e gerencia o programa Conhecendo Novas Velas, que apresenta a modalidade para as crianças.

5.2

Marinha do Brasil

As Forças Armadas têm um papel histórico no desenvolvimento do esporte no País (Brasil, 2020). No âmbito da Marinha do Brasil, foi criado, em 2013, o Programa Olímpico da Marinha (PROLIM). O foco principal do Programa é a preparação dos atletas da Marinha para integrarem as equipes militares brasileiras em competições de destaque nacional e mundial. O projeto nasceu da criação e incorporação de atletas de Alto Rendimento em 2008, com intenção de participar apenas nos Jogos Mundiais Militares. Mas, com o sucesso dos atletas de alto rendimento da Marinha do Brasil, o PROLIM continuou a crescer, proporcionando possibilidades e apoio para esses atletas obterem resultados olímpicos. Devido ao sucesso alcançado pelo Brasil nos 5º Jogos Mundiais Militares do CISM (5ºJMM) – Rio 2011 e, posteriormente, nos Jogos Olímpicos Londres (2012), o então Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Júlio Soares de Moura Neto, numa iniciativa pioneira, tornou permanente o Programa Olímpico da Marinha (PROLIM). O Programa é supervisionado pelo Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais.

O PROLIM é um dos mais importantes projetos de incentivo aos atletas de Vela. Esse programa tem por objetivo estimular a prática da educação física e do esporte no âmbito da Marinha do Brasil (MB). Através desse programa, há a captação, pela seleção e recrutamento, de atletas com desempenho excepcional, para fornecer-lhes formação militar-naval e incorporação à Marinha, visando apoiá-los técnica e financeiramente como atletas militares de alto rendimento da MB. Além disso, o programa traz uma contribuição para o processo de inclusão social, através de projetos de base, oferecendo aos jovens de comunidades de baixa renda o acesso à prática desportiva de qualidade, proporcionando-lhes o desenvolvimento físico adequadamente assistido, de modo a permitir a revelação de novos talentos para o esporte, e, ao completarem a idade mínima para incorporação à MB, o programa dá prosseguimento no apoio a esses jovens.

O PROLIM também tem ligação com autoridades do setor público e/ou dirigentes dos diversos segmentos não governamentais, envolvidos com a atividade esportiva. Assim, será garantido que demandas por apoio da MB e/ou manifestações de interesses por parcerias com a MB sejam direcionados, em nível adequado, ao escalão que dispõe de estrutura para prover a necessária análise e assessoria para o apoio à decisão da autoridade competente.

Outra característica importante é a manutenção em nível adequado do controle da participação do pessoal da MB (atletas ou comissões técnicas) em eventos de natureza esportiva, de modo a preservar a imagem da Instituição, que estará sempre relacionada à forma como seus integrantes a representam nos diversos eventos e competições, além da contribuição para a projeção de forma positiva da imagem da MB, no cenário desportivo nacional e internacional e apoio ao desenvolvimento do desporto de alto rendimento na MB.

5.3

Clubes de latismo

Clube de Iatismo, também chamado de clube de Vela, Clube Naval ou Iate Clube, é dedicado à prática de atividades náuticas. Os nomes citados podem variar devido a algumas diferenças no passado, relacionadas às características dos barcos, abrigados nas suas instalações, como apenas iates ou veleiros. Atualmente, os clubes de Iatismo no Brasil não impõem restrições ao tipo de embarcação de seus sócios, e estão localizados na maioria das cidades brasileiras banhadas por mar, rio ou lagoa. O estudo optou por contar um pouco da história dos clubes representados pelos velejadores entrevistados para esta pesquisa. O primeiro clube citado, Veleiros do Sul, representa dois atletas de classes diferentes, e com benefícios distintos de incentivo, como a Lei de Incentivo ao Esporte – Lei nº 11.438/06 (Quadro 3), o Programa Olímpico da Marinha do Brasil (PROLIM) e patrocinadores em geral.

O Clube, apresentado a seguir, possui, como representantes, dois entrevistados deste estudo, e é um dos principais clubes da região de Niterói no Rio de Janeiro, o Iate Clube Icaraí. O terceiro clube citado representa a atleta mais nova do grupo de depoentes deste estudo, pertencente ao Iate Clube de Santa Catarina. O

Quadro 4 apresenta o trabalho e comprometimento desse clube em impulsionar a carreira profissional de atletas de Vela.

O próximo clube apresentado é o Iate Clube do Rio de Janeiro, representado por dois atletas que contribuíram para esta pesquisa. Os clubes citados por último, Iate Clube de Ramos e Carioca Iate Clube, embora não representem nenhum dos entrevistados, são de grande relevância na história do Iatismo por apresentarem outra abordagem: a importância na história da geografia da cidade do Rio de Janeiro, assim como a trajetória do esporte no País. Por fim, a seção destaca a importância das Organizações não governamentais, voltadas para o desenvolvimento social através de aulas de Iatismo. A pesquisadora optou por apresentar o Projeto Social Grael, que já recebeu mais de 17 mil jovens e crianças da rede pública de ensino para a prática da vela, assim como a profissionalização dentro do mercado náutico.

5.3.1 Veleiros do Sul

O clube Veleiros do Sul foi fundado na segunda década do século XX, junto com o surgimento do esporte da Vela em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. É considerado um dos mais importantes clubes náuticos da região, e, em 2010, foi o primeiro clube do Estado a conseguir aprovar no Ministério do Esporte projetos para busca de incentivo fiscais visando o fortalecimento e a estruturação da Vela (CONHEÇA..., 2021).



Figura 4 – Clube Veleiros do Sul

Fonte: Jefferson Bernardes (2020).

Atualmente, o clube conta com três projetos de apoio em execução, sendo um de Campanha Olímpica. Também estão em processo de captação de recursos

três projetos apresentados ao Ministério do Esporte. Para o Conselho esportivo do clube, o objetivo de captação desses recursos é oferecer estrutura para o desenvolvimento de atletas de Vela do Veleiros do Sul. Normalmente, os recursos são distribuídos para o desenvolvimento de treinamentos dos atletas, contratações de técnicos, participações em competições, custeio de logística para participar de competições, aquisição e manutenção dos barcos e materiais utilizados por atletas em fase de desenvolvimento e atletas que já participam de competições nacionais e internacionais.

O clube destaca que não beneficia apenas atletas associados, mas também potenciais atletas que componham alguma flotilha da classe de barcos. O Veleiros do Sul já participou com dezenas de projetos desde o início da Lei do Incentivo ao Esporte, com a intenção de fomentar a Vela brasileira através de projetos de treinamento e competições. A Lei de Incentivo é uma das mais importantes ferramentas para as dificuldades financeiras do treinamento de alto nível necessário para o desenvolvimento de atletas da Vela (PROJETOS..., 2021). O Quadro 3, a seguir, apresenta detalhes do benefício desse Projeto da Lei do Incentivo ao Esporte junto ao Governo Federal, criado em 2006.

Quadro 3 – Projeto de Lei do Incentivo ao Esporte

A Lei nº 11.438/06, ou Lei de Incentivo ao Esporte (LIE) permite que recursos, provenientes de renúncia fiscal, sejam aplicados em projetos das diversas manifestações desportivas e paradesportivas distribuídos por todo o território nacional. Por meio de doações e patrocínios, os projetos executados, via Lei de Incentivo ao Esporte, atendem a crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, além de garantir o suporte necessário para que os atletas de alto rendimento possam participar e representar o Brasil em competições nacionais e internacionais. Mais do que um instrumento jurídico, trata-se de uma inovação e um avanço na consolidação do paradigma do esporte como um meio de inclusão social.		
Objetivos	Categoria esportiva	Valor (R\$)*
Garantir o acesso da população à prática esportiva; Estimular uma participação mais efetiva de todos, por intermédio de ações diversas, num trabalho conjunto entre governo e sociedade, com real aumento dos investimentos e benefícios diretos à população. Proponente: pessoas jurídicas, de direito público ou privado, sem fins lucrativos, com finalidade esportiva expressa, com mínimo de um ano em funcionamento e sem registro de inadimplência com o Governo Federal. Quanto ao público-alvo, não há restrições quanto aos beneficiários.	Atleta Estudantil	370,00
	Atleta de Base	370,00
	Atleta Nacional	925,00
	Atleta Internacional	1.850,00
	Atleta Olímpico e Paralímpico	3.100,00
	Atleta Pódio	15.000,00

*Variam de acordo com a categoria esportiva.

Fonte: Elaborado pela autora baseado em Governo Federal (2020).

5.3.2 Iate Clube Icaraí

O Iate Clube Icaraí teve sua origem a partir de uma ofensa causada aos seus idealizadores, que aguardavam serem aceitos no quadro social do Iate Clube Brasileiro. Devido à demora no retorno da proposta, Luiz de Castro Faria e Jalmir Fontes buscaram respostas junto à Diretoria do Iate Clube Brasileiro, e foram surpreendidos com suas propostas rasgadas como resposta negativa.



Figura 5 – Iate Clube Icaraí

Fonte: Iate Clube Icaraí (2020).

“A ofensa – hoje abençoada...” (IATE CLUBE ICARAÍ, 2021) impulsionou o esforço em fundar um clube na região de Niterói-RJ no ano de 1935. O clube escola dispõe de uma de Vela para os sócios e comunidade local, sem restrição de idade. Atualmente, o clube não tem nenhum projeto de apoio aos atletas velejadores.

Dois atletas entrevistados, nesta pesquisa, são sócios do clube de longa data e desfrutam de suas instalações para ancorar seus barcos. Os velejadores destacaram a excelente localização do clube para a prática e treinos. Localizado na Baía de Guanabara, possui condições propícias para a prática da Vela. Atualmente, o clube não tem nenhum projeto de apoio ao atleta.

5.3.3 Iate Clube de Santa Catarina

O Iate Clube de Santa Catarina foi fundado em 1942, numa época em que sessenta mil pessoas viviam na ilha de Florianópolis, bastando apenas uma ponte para ir e vir por terra. Também chamado de Veleiros da Ilha, é a maior agremiação náutica do Estado, com mais de 400 embarcações e é referência para o mundo náutico (Iate Clube de Santa Catarina, 2021).



Figura 6 – Iate Clube de Santa Catarina

Fonte: Iate Clube de Santa Catarina (2020).

O Veleiros da Ilha também atua, diretamente, com o trabalho de Lei de Incentivo ao Esporte, visando o ensino da prática de Vela, da formação ao alto rendimento, oferecendo suporte às classes de barcos *Optimist*, *Snipe* e *Laser*.

O Quadro 4, abaixo, permite entender a importância do trabalho dos clubes em incentivar seus velejadores no início e no desenvolvimento da fase profissional. A publicação refere-se ao Projeto Formação e Aperfeiçoamento de Velejadores: da base ao desempenho em competições nacionais e internacionais. Seu objetivo é formar novos atletas e aprimorar o potencial de jovens velejadores, objetivando o enriquecimento do esporte náutico.

O projeto visa, ainda, ampliar, de forma quantitativa e qualitativa, a presença de velejadores brasileiros em competições internacionais e de alto nível, através do fortalecimento da Escola de Vela e do Núcleo de Vela de Alto Desempenho do Iate Clube de Santa Catarina Veleiros da Ilha (Iate Clube de Santa Catarina, 2021).

Quadro 4 – Notícia sobre talentos da Vela incentivados pela Lei de Incentivo ao Esporte

MINISTÉRIO DA CIDADANIA

Secretaria Especial do Esporte



Uma equipe formada por seis atletas e dois técnicos de um projeto viabilizado pela Lei de Incentivo ao Esporte em Florianópolis participa, até o próximo domingo (24.02), da Semana Brasileira de Vela. As regatas acontecem na Baía de Guanabara, na orla do Iate Clube do Rio de Janeiro, e servem como seletivas para a seleção brasileira permanente de Vela, nas categorias *laser radial* e *standard*.

O projeto catarinense, denominado “Formação e aperfeiçoamento de velejadores da base ao desempenho em competições nacionais e internacionais”, captou recursos no valor de R\$ 279.512,95 por meio da Lei de Incentivo ao Esporte. Eletrosul, Trectebel, Santa Rita e Casol são as empresas patrocinadoras.

Potencial e conquistas não faltam à equipe de velejadores comandada pelos técnicos Sergio Araújo e Henrique Beobaide. Os atletas Bruno Fontes, 13º colocado nas Olimpíadas de Londres, Matheus Dellagnelo, campeão Pan-americano de Vela, e Alex Veeren lideram o grupo de elite. Já as irmãs adolescentes Maria Cristina e Maria Carolina Beobaide e o atleta Bruno Capella já têm pontos no *ranking* nacional da classe *laser*.

Os jovens velejadores viraram exemplos para o projeto “Talentos Olímpicos”, outra iniciativa patrocinada com recursos captados via Lei de Incentivo. O Iate Clube de Santa Catarina (ICSC – Veleiros da Ilha) adquiriu seis novos barcos *optimist* e atende mais de 40 crianças e adolescentes, alunos da rede pública de ensino.

A próxima meta da equipe é disputar a Copa da Juventude de Vela, em Niterói (RJ), de 25 de fevereiro a 4 de março. “O objetivo dessa regata será o ranqueamento das categorias de base”, informa o coordenador de projetos do ICSC, Wagner Palmieri.

Patrocínio

A Lei de Incentivo ao Esporte permite que patrocínios e doações para a realização de projetos desportivos e paradesportivos sejam descontados do Imposto de Renda devido por pessoas físicas e jurídicas. Pessoas físicas podem descontar até 6% do Imposto de Renda devido, e pessoas jurídicas, até 1%.

Carla Belizária

Foto: Divulgação Ascom Ministério do Esporte

Fonte: Arquivo Ministério da Cidadania: Secretaria Especial do Esporte (Brasil, 2019).

5.3.4 Iate Clube do Rio de Janeiro

O Iate Clube do Rio de Janeiro (ICRJ) completou 100 anos de existência em 2020. Primeiramente, foi batizado como Fluminense Yatch Club no bairro de Laranjeiras. Alguns anos depois, o clube foi transferido para o bairro Urca, às margens da Baía de Guanabara, ao lado de um importante cartão-postal do Brasil, o Pão de Açúcar. O ICRJ é considerado um dos principais clubes do Rio de Janeiro, com grande destaque na Vela, no qual atletas com títulos internacionais e medalhistas de ouro olímpico se formaram e fazem parte da equipe da Escola de Desportos Náuticos (EDN).



Figura 7 – Iate Clube do Rio de Janeiro

Fonte: Iate Cube do Rio de Janeiro (2020).

O clube incentiva o desenvolvimento de velejadores através do programa sócio- atleta, no qual o velejador com potencial é convidado a treinar no clube, além de receber apoio com fornecimento de barco para os treinos, custos de materiais e inscrições em campeonatos. Como contrapartida, os atletas contribuem com seus conhecimentos auxiliando em projetos da EDN e atuando na comissão organizadora de campeonatos, entre outras atividades relacionadas ao esporte.

5.3.5 Iate Clube de Ramos e Carioca Iate Clube

Diante do perfil elitizado do Iatismo, cabe destacar a existência de dois clubes náuticos em uma região de classe popular do subúrbio carioca: Iate Clube de Ramos e do Carioca Iate Clube. O desenvolvimento da região, construída sobre um aterro na Baía de Guanabara, fez parte dos movimentos de urbanização, decorrentes

do aumento do número de habitantes na cidade do Rio de Janeiro (Melo, 2020). No local, encontrava-se a Praia de Ramos, que se destacou nos anos 1930-40 como um local privilegiado de banhos de mar da região suburbana (CHRYSTOSTOMO, 2019 *apud* MELO, 2020).



Figura 8 – Carioca Iate Clube

Fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (2020).

A região recebeu muitos projetos de urbanização de incentivos público e privado destinados ao lazer dos moradores do local. Atualmente, a região é lembrada pelo Piscinão de Ramos, uma área de lazer com praia artificial em torno de uma piscina pública de água salgada, localizada dentro do Parque Ambiental da Praia de Ramos Carlos de Oliveira Dricó (2001).

O Iate Clube de Ramos foi o primeiro a ser inaugurado em 1941 por empresários da região. Passou a ser frequentado por esportistas residentes daquele subúrbio. Há que ter em conta que Ramos e outros bairros da Leopoldina tinham uma elite local, que se reunia em clubes que consideravam mais distintos, dentre os quais um que também foi fundado na década de 1940: o Social Ramos Clube (Melo, 2020). O Iate Clube estava, diretamente, ligado às iniciativas dos poderes públicos em fornecer uma área de lazer com banhos de mar e atividades esportivas às classes mais populares.

Alguns anos mais tarde, houve uma cisão interna no Iate Clube de Ramos, sendo fundado o Carioca Iate Clube. Com estatutos similares, “os dois clubes trabalhando pelo fim em comum do engrandecimento do esporte à vela”, como afirmou um periodista da época (DIÁRIO DA NOITE, 1948, p. 11 *apud* MELO,

2020). No mesmo periódico, Diário da Noite foi registrado o desenvolvimento do Iatismo em Ramos:

O Iate Clube de Ramos, há quatro anos, evidenciando sua ascensão, inaugurou sua nova sede. [...] Parecia, assim, que o Ramos teria a estabilidade de uma vida financeira por muitos anos, mas tudo se passou tão rapidamente que o clube já pensa em ampliar a sede e melhorar a atual frota de barcos. E tão acentuado vem sendo o trabalho nesse sentido que nos surpreende o que o prestigioso clube vem realizando (DIÁRIO DA NOITE, 30 jun. 1948, p. 6 *apud* MELO, 2020).

Certamente, a frequência da sede era maior por parte de grupos economicamente privilegiados. Todavia, como vimos, em muitas ocasiões se contemplou a participação de estratos médios e camadas populares (MELO, 2020). Os clubes se destacaram pelas competições de Iatismo realizadas, incentivo a outras modalidades esportivas, assim como a realização de bailes e eventos festivos para a sociedade local. É verdade que as regatas, consideradas experiências mais glamorosas e civilizadas (MELO, 2020), contribuíram para uma imagem diferente do subúrbio estigmatizado da região.

A criação do Iate Clube de Ramos e do Carioca Iate Clube expressam dois movimentos muito importantes e evidentes no Rio de Janeiro dos anos 1940: retratando a própria dinâmica da cidade, a expansão do lugar de moradia do habitantes em função das reformas urbanas com o desenvolvimento urbano por meio da instalação de novos meios de transporte; e a diversificação da economia, levando para os subúrbios pessoas não apenas de estratos sociais mais populares, como também de outros tanto diferentes, em que é possível, inclusive, observar a conformação de uma elite que aspirava às mesmas condições de vida encontradas nas regiões mais nobres (MELO, 2020).

Diante do exposto, percebe-se que o processo de construção da carreira dos atletas na Vela é complexo e carece de incentivos financeiros, além do apoio institucional dos Clubes de Iatismo.

5.4

Projeto Social Graef

O Projeto Social Graef é uma Organização não governamental (ONG) voltada para o desenvolvimento social através de aulas de Iatismo. Fundada em 1998, surgiu a partir de uma iniciativa da Prefeitura de Niterói-RJ, em conjunto com

alguns velejadores da região, além dos irmãos Torben e Lars Grael, medalhistas olímpicos de Vela (expostos no Quadro 2 deste estudo).



Figura 9 – Projeto Social Grael

Fonte: Projeto Grael (2020).

A ONG tem como objetivo democratizar o acesso de jovens à prática do esporte da Vela e, dessa forma, contribuir para a transformação social na vida dos seus beneficiados (PROJETO GRAEL, 2020). A ONG também dispõe de patrocínio privado, sendo voltada para crianças e adolescentes de baixa renda, a partir da ideia inicial de uma oportunidade para a prática do esporte. Um contexto diferente na Vela, uma vez que os clubes de Iatismo, apresentados acima, são, em sua maioria, frequentados por classes médias altas, e nos quais os velejadores praticam por lazer, ou treinam com foco no alto rendimento.

Além da possibilidade de inserção em uma atividade esportiva, o foco foi direcionado para uma possível fonte de renda, embora não como atleta profissional, mas como um profissional da parte técnica do Iatismo, através dos cursos profissionalizantes como Mecânica de Motores, inseridos mais tarde no projeto, quando os responsáveis do projeto perceberam a alta expectativa das famílias dos jovens inseridos no programa.

Já os benefícios da atividade esportiva em si, como estímulo às habilidades motoras, conhecimentos de navegação e cognição, passaram a ocupar um lugar secundário, tendo maior destaque os cursos profissionalizantes que trazem a possibilidade de uma profissionalização e remuneração esperada pelos próprios alunos e suas famílias, de modo que estes parecem não enxergar, na prática da Vela, um meio de se profissionalizar como atleta e ter condições de vida melhores. Dessa

forma, foram criados os cursos profissionalizantes, uma espécie de saída para o problema: tais cursos justificariam o investimento de tempo no Projeto Grael, dada a perspectiva de se conseguir algo a partir dali (DAVIES, 2007).

O mesmo autor também afirma que, de forma geral, nos projetos sociais de esportes, há uma dimensão de profissionalização obscura, pois, em maior ou menor grau, há a possibilidade e, sobretudo, a expectativa de tornar-se um atleta, professor do próprio projeto, ou algum trabalho que possibilite a inserção no projeto social. Tal pensamento também é sugerido por Novaes (2003), o qual destaca essa categoria, *jovem de projeto*, como uma variável de atenuação da exclusão social.

6 Análise dos Dados

Este Capítulo tem o intuito de apresentar a análise das histórias que emergiram das narrativas sobre as trajetórias de carreira de atletas de alto rendimento da Vela Esportiva. De acordo com o objetivo de estudo, buscou-se a compreensão das questões relacionadas ao contexto da Vela Esportiva no Brasil, assim como aquelas apresentadas pelos velejadores sobre as organizações e entidades do esporte no País. A consecução dos objetivos foi concluída apenas com a análise das relações entre as histórias de vida (singulares) recolhidas e o contexto social, econômico e político brasileiro (coletivo).

Diante da leitura e análise das entrevistas realizadas, foram identificados temas de destaque, os quais originaram cinco categorias de resultados como parte do método de organização dos depoimentos. A primeira categoria temática apresenta o primeiro contato com o esporte, dando origem ao início da sua relação profissional com a Vela. A segunda, sobre planejamento de carreira, discorreu acerca dos caminhos e metas seguidos pelos atletas na organização da sua carreira profissional e vida pessoal. A terceira categoria temática apontou as oportunidades vivenciadas na trajetória profissional dos entrevistados.

A quarta categoria temática teve como objetivo entender os desafios e as superações vivenciados durante a construção da carreira desses atletas de alto rendimento. Na quinta e última categoria temática, foram analisadas as histórias de sucesso e conquistas apontadas como grande episódio de êxito na vida dos velejadores estudados. As características esportivas de cada atleta entrevistado encontra-se no Quadro 5 a seguir:

Quadro 5 – Características dos entrevistados

	Idade	Sexo	Tempo carreira esportiva	Classe	Benefício de Incentivo	Atleta Olímpico	Clube
Atleta 1	23 anos	Feminino	9 anos	Laser	Atleta Nacional	NÃO	Iate Clube de Santa Catarina
Atleta 2	25 anos	Masculino	11 anos	470	Atleta Olímpico	SIM	Veleiros do Sul
Atleta 3	32 anos	Feminino	16 anos	Nacra	Atleta Marinha	SIM	Iate Clube do Rio de Janeiro
Atleta 4	30 anos	Masculino	13 anos	FINN	Ex - atleta Marinha	NÃO	Iate Clube Icaraí
Atleta 5	30 anos	Feminino	16 anos	Atua em diferentes classes	Atleta Marinha	NÃO	Veleiros do Sul
Atleta 6	31 anos	Masculino	14 anos	420	Ex - atleta Marinha	NÃO	Iate Clube Icaraí
Atleta 7	24 anos	Feminino	10 anos	470	Atleta Nacional	NÃO	Iate Clube do Rio de Janeiro

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

No final desta seção, a autora apresenta o quadro síntese da análise dos depoimentos, o qual explora significados e interseções percebidos na análise dos dados. Assim, cada história de vida, ao mesmo tempo em que nos leva a conhecer um percurso ou experiência pessoal, singular, retrata de algum modo o universo social mais amplo, no qual é inscrito esse percurso (NÓVOA, 1995).

6.1 Histórias sobre origens

Os trechos das narrativas, apresentados neste item, ilustram as histórias sobre a origem do esporte na vida dos atletas entrevistados. É importante destacar que todos os atletas entrevistados buscaram a prática esportiva de forma amadora inicialmente, visando a atividade esportiva pelo lazer e saúde.

Uma colônia de férias que eu fui, aquelas que tu vai no clube. Em janeiro, não tinha muito o que fazer, a gente tinha ido morar no bairro e os meus pais se associaram num clube ali perto, e eu fui fazer essa colônia de férias pra conhecer o esporte. [...] Foi uma coisa bem lúdica, assim, inicialmente. (Atleta entrevistada 1)

Os atletas pesquisados entendem que a passagem do amador para o profissional acontece a partir do ingresso em competições esportivas de destaque:

Quando eu comecei a fazer campanha olímpica, que a gente diz que virou um trabalho [...] Velejava no mesmo barco que eu velejo até hoje, que é o 470, e ter a mesma rotina que eu tenho já hoje, quase, praticamente. De preparação física, de cuidado com fisioterapia, com não sei o que [...] E de treinar na água praticamente todos os dias, eu treinava de segunda a sexta normalmente e até hoje faço isso. (Atleta entrevistada 1)

A relação com a remuneração no esporte também é um aspecto de transição do amador para o profissional. A partir do estudo de Coutinho (2009), a condição de assalariado pressupõe uma forma de trabalho, que, a partir de então, passa a ser aceita como profissão pela sociedade e pelo próprio indivíduo.

*[...] e eu faço parte do programa olímpico militar da Marinha. É como se fosse um patrocínio. **Me formei Terceiro Sargento Naval, recebo o soldo, que é como eles falam salário** [...] Recebo o salário de Terceiro Sargento, que pra mim é como se fosse um patrocínio. É um dinheiro que eu uso pra investir em mim, no material, em viagem e tudo mais. Isso me dá uma garantia de trabalho e carreira, mesmo saindo da olimpíada, poder continuar velejando em outras classes que não sejam olímpicas. (Atleta entrevistado 6)*

O fragmento abaixo destaca o início da sua carreira esportiva quando passa a ser uma sócia-atleta, um tipo de contrapartida que exige dos atletas treinos contínuos e foco em resultados. A partir do que é discutido por Tenenbaum & Eklund (2007), a carreira esportiva é, assim, considerada quando envolve a prática contínua e organizada, a fim alcançar, no caso, resultados esportivos, com a possibilidade de provimento ao atleta. Esse aspecto fica evidente quando a entrevistada 7 apresenta sua determinação e comprometimento mediante a mudança para o Iate Clube:

***Então no Iate, eu virei sócia atleta (...)** Eu não sou sócia, eu sou sócia-atleta, sou convidada pra fazer parte de ser sócio-atleta, né? Que tu não tem que comprar o título, pagar joia, você só paga uma mensalidade [...] **Mas você precisa ser convidada pra fazer parte desse time. [...]** E o clube também ajudava [...] O clube ajudava no transporte, no pagamento do técnico e eu ganhei durante vários anos consecutivos a bolsa, **Bolsa Atleta do Governo através do clube (...)**. (Atleta entrevistada 7)*

Geralmente, a carreira, no esporte, começa desde muito jovem seguida por diversas influências em seu ambiente familiar e social. Por vezes, essa escolha por determinado esporte se solidifica na adolescência, gerando a profissionalização. Viana & Brandt (2011 *apud* Krebs *et al.*, 2008) e Mcgee *et al.* (2006) apontam que

o suporte social tem sua origem, principalmente, através dos pais do indivíduo. Os familiares são os principais responsáveis pela entrada e permanência de crianças e adolescentes na prática esportiva.

Eu conheci porque meu pai era sócio do clube [...] E na época meu pai, ele velejava, na época ele era lancheiro, e eu frequentava o clube. [...] Na verdade, ele me obrigou a fazer Escola de Vela. [...] Eu já tinha 13 anos. Ele falou: – tu vai fazer o primeiro mês, todos os teus amigos fazem, tu reluta, tu é cabeça-dura, porque tu não quer, porque tu não quer, mas tu vai fazer o primeiro mês. [Porque não quero?] Aí gostei, continuei. Então foi incentivo dele, mas foi através da Escola de Vela do clube. (Atleta entrevistado 2)

Na narrativa acima, o pai foi responsável por apresentar o esporte à criança, como é apresentado por Verardi & De Marco (2008), uma vez que esses autores propõem que as famílias, que entendem a importância do esporte para o desenvolvimento dos filhos, são aquelas que apoiam e incentivam a sua prática. Foi possível observar a motivação pessoal do entrevistado em dar continuidade à prática da Vela. Embora, no início, ele não quisesse. O mesmo caso da atleta entrevistada 3:

Sim, muito incentivo, principalmente por parte de mãe. Minha mãe é casada com um ex-atleta olímpico, então eles velejam todo fim de semana. Nunca foi uma decisão muito consciente, na verdade eu nunca encarei a vela como profissão nem via como uma carreira possível. Não que não fosse carreira, mas eu não via que ajudava [...] E organicamente foi caminhando até a profissão da vela. Sempre foi algo que eu conciliava com o que mais eu estivesse fazendo, que era uma carreira mais tradicional, se formar, estudar, entrar no mercado de trabalho... Então nesse sentido minha mãe sempre foi muito apoiadora, do tipo “Vai, dá pra fazer, segue, eu ajudo”. (Atleta entrevistada 3)

Outro fator percebido, quanto à origem do esporte na vida dos entrevistados, está relacionado com a transmissão de conhecimento de pai para filho. O atleta entrevistado 6 aborda essa questão, como uma imposição de gerações na família: “Desenho de família tradicional da vela, terceira geração de velejadores da família. [...] E dá pra perceber que eu não pude escolher outro esporte, não tive outra saída”.

Conforme é apresentado por Araújo & Sachuk (2007), a transmissão dos ofícios era rígida, quase hereditária. O fato de o avô e o pai já terem sido atletas demonstra a relevância no apoio e nas expectativas relacionados ao filho. Esse tipo de orientação, no desenvolvimento da carreira, revela a hereditariedade do ofício descrita por Maciel & Moraes (2008), exercida pelo próprio pai ou por interesses

peçoais transferidos pelo núcleo familiar do indivíduo. O trecho abaixo apresenta essa marcante influência no início da prática esportiva na Vela:

*Sou filho único, venho de família tradicional da vela, terceira geração de velejadores da família. [...] Então normalmente, quando se já nasce numa família que tá dentro do esporte, você tem uma facilidade ali. Desde criança. Meu avô foi velejador... Meu avô, já por parte de pai, já começou a velejar um pouco tarde, lá pelos 40, 50 anos de idade. Mas descobriu um amor muito rápido e aí colocou meu pai, que na época tinha 10 anos de idade, 10 pra 11 anos, pra velejar. Então meu pai, desde então, sempre foi velejador. Também foi profissional até os 30 anos de idade. Teve... **Muito do que eu tô vivendo agora, eu escolhi esse caminho por ter exemplo o meu pai, que também foi profissional. E dá pra perceber que eu não pude escolher outro esporte, não tive outra saída.** [...] **Meu pai atualmente é meu técnico, atualmente temos dois barcos da categoria, e ele veleja em um e eu velejo em outro. Então ele ao mesmo tempo que é técnico, é o meu pai, é o meu companheiro de treino pra eu ter uma referência de velocidade, técnica, as coisas que a gente desenvolve no treino.** (Atleta entrevistado 6)*

Já no início da análise dos dados, a pesquisadora pôde perceber a importância da Marinha na carreira esportiva dos atletas entrevistados para este estudo. Um dos participantes atribui à Marinha a origem da sua relação com o esporte: “Era o clube, minha mãe, o mundo da Vela tem um lado militar [...] Então, eu queria fazer parte daquilo”. O trecho completo do atleta entrevistado 4 é apresentado abaixo:

Minha mãe entrou pra Marinha no final da década de 80 e eu, garotinho, 92, o clube abriu, e começamos a frequentar o clube. E por andar pelo clube... Tem muitos barcos no clube... E meu pai fez algumas amizades no clube, pessoas que tinham barco e falavam pra ele: “Ó, coloca o garoto na escolinha de vela do clube”. Era o clube, minha mãe, o mundo da vela tem um lado militar [...] Então, eu queria fazer parte daquilo. (Atleta entrevistado 4)

Abaixo se apresenta outra narrativa referente ao início no esporte, entretanto, sem grande apoio no contexto familiar e social, embora evidencie que a sua vontade e motivação pessoal prevaleceram para o seu desenvolvimento profissional no esporte.

Ninguém da minha família velejava, mas a gente se mudou pra uma casa quando eu tinha nove anos, perto do clube [...] Então eu pegava a minha bicicleta com a minha irmã e a gente ia pro clube. E as pessoas da nossa idade, as crianças, elas iam velejar. Então a gente acaba indo também, e daí que eu comecei a velejar. [...] Meu pai era bem quadrado pra mim assim, eu não tinha flexibilidade. Ou era isso, ou era o outro. Pra mim, eu tinha duas opções, digamos assim [...] Ou eu ia fazer campanha olímpica, velejar profissionalmente; ou eu ia pra faculdade,

estudar e ter outra carreira. Eu sempre ouvi meu pai falando que não dá pra velejar, não dá pra viver da vela [...] (Atleta entrevistada 5)

Iniciar uma carreira esportiva desde cedo envolve fatores sociais, culturais e econômicos. Muitas vezes, não é uma escolha do atleta optar por determinado esporte, sobretudo, quando essa possibilidade nem é viável, levando em consideração o fator econômico, que impede muitos atletas de continuar no esporte com seus custos. O início na prática da Vela envolve, diretamente, as condições socioeconômicas da família, como destaca a atleta entrevistada 1: “[...] fiz três ciclos olímpicos com ajuda da minha família. Participo da Olimpíada desde o ano 2000, essa é minha sexta Olimpíada”. Assim como a permanência, o desenvolvimento e as oportunidades distintas do esporte, demonstradas nos relatos abaixo.

[...] fiz três ciclos olímpicos com ajuda da minha família. Participo da Olimpíada desde o ano 2000, essa é minha sexta olimpíada. A primeira olimpíada, família total, gastou o dinheiro todo, entendeu. Toda a campanha olímpica foi bancada pela minha família e pela família da menina que velejava comigo. (Atleta entrevistada 1)

Não é um esporte simples de se começar [...] E a questão financeira também, não é um esporte barato. Então imagina que acontece de uma criança olhar pro mar, ou entrar num clube, ver um barquinho velejando, despertar um interesse [...] Essa criança pede ao pai, à mãe, à família: “Ah, me coloca pra velejar” [...] Acontece esses casos, mas são muito poucos. Na maioria das vezes, os pais animam e tudo, mas vão correr atrás, pegar informações de como é, e aí eles descobrem que tem que ser sócio do clube, que já tem uma despesa ali inicial mensal. Da mensalidade do clube, você tem que adquirir o barco, todo o material, e muitas das vezes os pais veem esse custo alto e acabam não podendo colocar o filho no esporte. Então, normalmente, quando se nasce numa família que tá dentro do esporte, você tem uma facilidade ali. (Atleta entrevistado 6)

O acesso aos materiais e equipamentos, necessários para a prática do Iatismo, também são um fator limitador de entrada no esporte. Existem poucos fabricantes de barcos no Brasil, e para algumas classes olímpicas, são encontradas a matéria-prima e a tecnologia para fabricação em estaleiros internacionais. Além do custo alto de manutenção e guarderia, questões burocráticas de importação são restritivas na aquisição desses barcos.

Pras categorias olímpicas, a gente não tem nenhum fabricante nacional. Por acaso, na minha classe, tem um fabricante, que é um velejador da classe que trabalha com construção naval e fabrica alguns. Mas, infelizmente, por ele não ter

muito acesso a material de construção, a tecnologia de qualidade, ele acaba não conseguindo fazer um bom barco, que seja competitivo a nível internacional, que os atletas precisariam pra treinar e competir. Por isso, eu tive que iniciar o processo de compra de um barco internacional, fazer a importação. Esse processo do início ao final, do barco chegar ao Brasil, levou um ano e oito meses. Você vê que não é fácil, meu pai ralou muito na época... Só pra sair o diário oficial, que ali era a última etapa do governo dizer "Tá ok, você pode importar", sair no diário oficial, foram seis meses de espera com toda a documentação ok [...]. (Atleta entrevistado 6)

6.2

Histórias sobre planejamento de carreira

No que diz respeito ao planejamento de carreira, a dedicação quase absoluta à prática esportiva é que permite o desenvolvimento dela. Assim que a prática é inserida na vida do atleta, são destacadas suas habilidades e cada vez mais o envolvimento com a modalidade. À medida que recebem apoio financeiro e social, cria-se um envolvimento mais planejado a longo prazo. Dutra (1996) apresenta a dedicação, o envolvimento e a busca por desenvolvimento contínuo como aspectos inerentes às carreiras. Devido à agenda de campeonatos ser elaborada, muitas vezes, com meses de antecedência, o atleta, que deseja performar para competir em um determinado evento, precisa se planejar com certa antecipação.

Esse planejamento envolve classificações em competições menores, chamadas preliminares, realizadas durante todo o ano. A fala do atleta entrevistado 6 ilustra essa questão: “Só treinando e vencendo que você chega na próxima etapa”. Conforme apresentado por Hackerott *et al.* (2018), o calendário baseado em campeonatos confere um ritmo cíclico na vida dos velejadores. Dependendo da disposição e dos objetivos, cada velejador se planeja para participar de campeonatos específicos e, ao término destes, há a certeza de que haverá um próximo campeonato em que a experiência poderá ser retomada.

Só treinando e vencendo que você chega na próxima etapa [...] Existe uma pontuação que você precisa adquirir pra manter o apoio, e fica mais difícil. [...] E aí vai dificultando. Então se o atleta chega numa etapa, não atinge o índice que eles querem, aí você perde o apoio. Não tem mais o apoio pro resto do ano, precisa começar tudo de novo [...] (Atleta entrevistado 6)

Eu trabalho sempre com planejamento [...] Não fico esperando as coisas acontecerem. Trabalho com opções. Eu tenho sempre minha opção A de curto prazo, tenho opção B de longo prazo, C, D [...] (Atleta entrevistado 2)

*No ciclo de campeonatos que tem no ano, por exemplo, que a gente caiu muito de remuneração em função de que a gente parou, em função do ranking mundial. **A forma de avaliação é muito ruim** pra Bolsa Atleta, porque ela leva em consideração o ranking mundial. É um critério único que eles usam pra todas as modalidades. **E na nossa modalidade, é uma coisa muito desajustada, porque acaba que a gente não consegue participar de todos os eventos.** É muito caro participar de todos os eventos. **A gente nem tem tempo hábil pra...** Não consegue se organizar. **E nem é proveitoso**, muitas vezes. É claro que, tu não participa de alguns eventos, tu cai no ranking. [...] mas aí fui lá no campeonato e fiquei entre as cinco do mundo. Não adianta. Então talvez deveria ter uma possibilidade de serem avaliados, dos eventos que as pessoas participaram, que tipo de faixa a gente poderia enquadrar. (Atleta entrevistada 1)*

O discurso acima reflete as dificuldades enfrentadas no planejamento da carreira do atleta relacionada a entidades de apoio ao esporte, assunto que será aprofundado no tópico sobre desafios e superações deste Capítulo. Nesse contexto, entende-se que o estabelecimento de objetivos e metas possui expressiva relação com o planejamento financeiro para as despesas diretas do atleta, além das despesas de logística até o local de cada competição. O trecho a seguir também destaca tal questão.

***Material esportivo, eu tento tirar de tudo [...] Meio que tu tenta tirar de tudo que é lado**, mas tu já sabe – é, é bem trabalhoso – que tal evento a possibilidade é maior da CBVela apoiar... Aí tu vai, tu faz o planejamento, tu apresenta o que tu quer fazer [...] Recebeu um não? Aí é muito já da tua experiência de tu saber daonde que tu pode tirar. **Quando não dá, ou eu tento pela Marinha ou vou patrocínio pessoal mesmo [...]** Então tem que ser tudo com antecipação e planejamento. (Atleta entrevistado 2)*

Como já apresentado no Capítulo 5 (subseção 5.2), o programa Olímpico da Marinha (PROLIM) tem grande importância na carreira profissional dos atletas entrevistados para este estudo, uma vez que o apoio conta com incentivos técnicos e financeiro na formação militar-naval, inclusão social e desenvolvimento físico para a prática do esporte de alto rendimento.

*Na verdade, **o diferencial pra eu poder seguir a carreira...** Eu já era da Marinha nesse momento, então eu sabia que eu podia contar com essa opção nesse sentido. **Eu podia virar profissional da vela por ter um contrato com a Marinha** para isso. **E isso tudo, o que a gente recebe, a infraestrutura, a segurança...** Foi o divisor de águas, eu acho, da minha geração, poder escolher se dedicar um pouco mais só a isso e pagar suas contas do que anteriormente, quando não tinham esses programas das Forças Armadas... Em que ou era isso e você tinha alguma ajuda da família para se sustentar, ou não tinha como se sustentar. (Atleta entrevistada 3)*

O comprometimento, a profissionalização e a busca pelo melhor rendimento fazem com que velejadores, sejam eles amadores ou campeões olímpicos, busquem participar de programas que ajudem a alcançar o melhor preparo físico e psicológico, para alcançar vantagens competitivas (LANE & TERRY, 2000 *apud* BRANDT, 2010). O PROLIM teve grande destaque no desenvolvimento e na viabilidade da profissão para os atletas entrevistados neste estudo. Os depoimentos abaixo destacam a importância do programa para prosperar na carreira esportiva.

E entramos pra Marinha, conseguimos o apoio, começamos a treinar [...], o planejamento para competir uma olimpíada. [...] a gente tem um calendário dividido basicamente em época de treinamentos técnicos e época de treinamento de regata. [...] a gente quase que traça metas diárias... (Atleta entrevistada 5)

[...] eu vi junto com a minha mãe que tinha um edital para velejadores participarem, fazerem parte da equipe de vela da Marinha. E era até um negócio meio incerto pra mim, eu não entendia o que significava ser velejador da Marinha... mas dentro do processo eu entendi, olhando o edital. E entrando um pouco mais na questão de querer fazer parte da Marinha, eu sempre fui uma criança que queria estar no mar, então, a Marinha era uma afinidade. Então falei: – vou entrar pra Marinha, porque vou receber melhor, vou conseguir velejar durante a semana profissionalmente e nos finais de semana vou fazer o que eu mais gosto, que é competir”. (Atleta entrevistado 4)

A partir do fragmento abaixo, fica clara a questão do envolvimento e das responsabilidades atribuídas ao velejador, que se torna atleta militar de alto rendimento da Marinha. Apesar dos benefícios envolvidos em um contrato temporário de até 8 anos, a atleta entrevistada 1 aborda os motivos e sua opção por deixar o programa PROLIM.

Eu optei por deixar essa função [...] em função da minha vida pessoal, que tinha, né. Mas minha dupla, que veleja comigo, continua atleta da Marinha. O nosso barco tem lá o adesivo da Marinha. Mas eu achei que era mais uma exigência pra mim, com minha vida pessoal, “Ah, passar tanto tempo no rio, fazer isso, bater continência em eventos” [...] É mais uma coisa. Pra mim já é bem difícil eu manter assim, sabe, hoje em dia. Claro que ajuda, é uma remuneração a mais que os atletas hoje em dia têm... Por um período determinado, né, são oito anos que eles têm dever de ser atleta da Marinha, mas no momento de vida que eu tô, minha vida pessoal, isso na balança não valia muito a pena. (Atleta entrevistada 1)

O próximo trecho destaca o início da carreira profissional em uma nova categoria do esporte, que exige um replanejamento de objetivos e metas, assim com muito treino para construção e desenvolvimento na classe escolhida. Falas como: “Agora vai ficar aquela fase bem inicial, que a gente tá fazendo *step-by-step*, “bunda

na água” como a gente fala. [...] eu diria que a gente tá bem na fase inicial de planejamento”.

Então... Como eu te expliquei, eu tô começando uma dupla nova. Agora vai ficar aquela fase bem inicial, que a gente tá fazendo step-by-step, “bunda na água” como a gente fala. Bastante treinamento... E a gente tá... tá treinando, treinando, se preparando. [...] Agora eu diria que a gente tá bem na fase inicial de planejamento, não tem como eu te falar. A gente já chegou no nosso patamar”, não. Eu acho que vai ser uma construção, porque como é uma modalidade totalmente nova e a gente acabou de começar a fazer os treinamentos, a gente ainda não chegou lá. A gente ainda precisa evoluir bastante. (Atleta entrevistada 7)

À medida que a prática esportiva é inserida na vida do atleta, são destacadas suas habilidades e cada vez mais envolvimento com a modalidade. Na mesma proporção, à medida que recebem apoio financeiro e social, destaca-se um planejamento de maior amplitude. De acordo com Dutra (1996), a carreira deve ser pensada como uma estrada que está em constante construção, que, se bem trilhada, conduzirá ao sucesso, à riqueza e à satisfação profissional. Tal afirmação corrobora com o trecho destacado acima: “fazer um planejamento a médio e longo prazo para esta nova etapa da carreira, se preparar e alcançar resultados classificatórios nos próximos quatro anos, para alcançar a representatividade brasileira nas próximas Olimpíadas”. A principal meta da dupla é citada abaixo:

Queremos correr as Olimpíada de Paris em 2024. (Atleta entrevistada 7)

A entrevistada acima nunca chegou a participar de uma Olimpíada, apenas em eventos testes com resultados satisfatórios para ela.

Apesar de todos os entrevistados citarem o seu planejamento, estabelecendo metas, muitas são difíceis de vencer, e para alcançar seus objetivos, envolvem-se muita estratégia e desenvolvimento contínuo durante a prática do esporte. O atleta deve ter clareza dos seus objetivos e, assim, comprometimento e foco para alcançá-los. Para Salmela (1996) e Samulski (2009), especificamente, no esporte, a busca e o estabelecimento de metas não são atividades simples de se executar. Tal aspecto evidencia, muitas vezes, a falta de maturidade e visão do próprio atleta no desenvolvimento da sua carreira, assim como a atleta entrevistada 5 recorda durante a entrevista:

*[...] a gente estava um pouco estagnado como dupla, digamos assim, em relação ao progresso em resultados, assim como no lado financeiro. E eu era nova, **eu era nova e eu não tinha visão e preparo para fazer projetos** pra gente conseguir patrocínio [...] **É maturidade acho, de pensar grande, tipo projetos, fazer muito pela nossa campanha. Eu fazia a minha parte: eu ia velejar, eu malhava, eu fazia o que eu tinha que fazer, mas pela equipe eu não fazia muito.** (Atleta entrevistada 5)*

6.3 Histórias de oportunidades

No que diz respeito às oportunidades durante a trajetória profissional de um atleta de Vela, é importante citar que a gestão da sua carreira é realizada por ele mesmo. Essa autogestão coloca o atleta à frente de todos processos que envolvem o seu verdadeiro trabalho: velejar com excelência. Nos discursos proferidos pelos entrevistados sobre planejamento de carreira, entende-se que o atleta precisa atuar como empresário, buscar apoio de clube ou entidades, organizar a logística de uma viagem para participar de um campeonato, entre outras atribuições.

Todo esse processo administrativo da sua carreira profissional, muitas vezes, acarreta oportunidades adicionais ao atleta, devido ao grande número de relações estabelecidas com terceiros envolvidos nesses processos, os quais podem oferecer patrocínios, participação em competições e chances de trabalho desportivo, não previstos na sondagem dos propósitos originais de atuação do atleta. Relatos como: “Então, hoje, eu dou preferência por velejar lá fora” e “Então, eu sou cinco vezes mais valorizado lá fora hoje em dia do que aqui” ressaltam essas oportunidades.

Não raro, portanto, o propósito inicial dá lugar a oportunidades indiretas, forjadas pela atividade de busca e gestão, alcançadas como consequência enviesada dos diversos meios possíveis para alcançar a finalidade pretendida. Conforme é apresentado no depoimento a seguir.

***Então, hoje, eu dou preferência por velejar lá fora, porque a valorização é muito maior. Quase que não se compara. A valorização aqui... Eu recebo aqui a mesma coisa que eu recebo lá fora, só que lá fora é cinco vezes o câmbio por dia de velejada. Então, eu sou cinco vezes mais valorizado lá fora hoje em dia do que aqui. Então, eu faço um campeonato lá fora, eu seguro a barra por cinco semanas aqui.** (Atleta entrevistado 4)*

A partir dos relatos: “eu tive a oportunidade de dar aula pra várias crianças” e “é uma experiência muito enriquecedora”, percebe-se a grande satisfação no trabalho realizado como contrapartida ao apoio recebido. A entrevistada desenvolveu uma metodologia inovadora de inclusão da Vela para crianças especiais com idades entre 10 e 13 anos. Atualmente, ela tem um artigo publicado sobre seu projeto idealizador e os resultados positivos de sua implantação.

Eu comecei a dar aula de vela aos 16 anos, como contrapartida no apoio do clube [...] e lá eu tive a oportunidade de dar aula pra várias crianças, mais de 100 crianças. Algumas com déficit de atenção, hiperatividade... Eu tive uns relatos super legais dos pais dizendo que eles tinham uma melhora. Tinha um aluno meu que ele tinha hiperatividade, ele não conseguia ficar parado na aula, inclusive, na aula do colégio, e ele falou que o esporte ajudou muito o aluno a conseguir fazer as aulas, conseguir fazer os exercícios... então tudo isso foi super legal. E com as crianças... é uma experiência muito enriquecedora [...] Mas a deficiência não vem sozinha, né? [...] vem, às vezes, um autismo, hiperatividade também. Então, eu acho legal você falar sobre a importância, eu acho que é um tema que falta ser falado também, sobre a inclusão de jovens e crianças... A gente não tem muita inclusão social, né? Falta oportunidade. (Ateta entrevistada 7)

Os próximos trechos destacam a importância dos incentivos provenientes do Governo, correspondentes à Lei de Incentivo ao Esporte (apresentado no Quadro 3 – subseção 5.3.1). Captados através dos clubes de Iatismo, tais incentivos significaram oportunidades de desenvolvimento na trajetória profissional dos atletas abaixo. Não menos importante, destacam-se os Clubes de Iatismo nesse processo, através das falas: “Foi o clube que me proporcionou receber apoio financeiro através da Bolsa Atleta [...] O clube auxiliava no transporte do barco, uma parte do valor do técnico” e “eu tenho toda uma estrutura disponível aqui, então, se eu tenho treinador, o clube me cede bote, me cede gasolina... O barco que eu utilizo pra treinamento é do clube, que foi adquirido via projeto de Lei de Incentivo ao Esporte”.

A oportunidade de treinar no Iate Clube me deu a chance de me desenvolver na minha classe, e assim conquistar títulos internacionais. [...] foi o clube que me proporcionou receber apoio financeiro através da Bolsa Atleta, aquela verba de apoio Esportivo, a Lei de Incentivo ao Esporte do Governo Federal. [...] O Clube auxiliava no transporte do barco, uma parte do valor do técnico... (Atleta entrevistada 7)

Eu represento o clube... e eu tenho toda uma estrutura disponível aqui, então se eu tenho treinador, o clube me cede bote, me cede gasolina... O barco que eu utilizo pra treinamento é do clube, que foi adquirido via projeto de lei de incentivo

ao esporte, eu ajudei a elaborar o projeto porque eu ia ser beneficiado e tudo mais, fui atrás de empresas pra abordarem... Mas a pessoa jurídica responsável pelo projeto é o clube, então todos os bens, o bote, o barco, é tudo do clube. E eu ensino os mais jovens ali na vela de competição. Também porque eu gosto, né. com o clube é na verdade uma contrapartida. Eu recebo uma subvenção (auxílio) pra ir pro campeonato, mas ao mesmo tempo tô dando aula para as crianças. (Atleta entrevistado 2)

Pode-se perceber o valor atribuído a apoios recebidos de qualquer espécie durante a carreira esportiva. No relato abaixo, o atleta entrevistado 4 considera relevante a oportunidade de hospedagem na casa de amigos a partir contatos adquiridos durante sua trajetória profissional na Vela.

E uma coisa super importante é o que a gente chama de networking, relacionamento interno. Amizades, ser sempre correto, porque... Eu confesso que eu não sei a última vez que eu paguei um hotel pra ficar em algum campeonato, porque eu dou preferência de ir, ficar na casa de um amigo, hoje já sou chamado pra casa de amigo. Eu não sei mesmo mesmo... quando eu sentei na cadeira pra olhar, “Vou correr um campeonato não sei aonde, vou precisar de um hotel”. Isso é muito legal, isso é uma coisa que ajuda muito a gente a crescer e poder fazer campeonatos fora sem ter um custo maior ou mais um problema pra tentar resolver. (Atleta entrevistado 4)

Como é perceptível abaixo, todo tipo de apoio é fundamental para a viabilidade de desenvolvimento da carreira na Vela, especialmente, quando é constante o deslocamento em viagens para participar de competições dentro e fora do País.

Eu tinha um patrocínio de uma Rede internacional de hotéis, e eles me davam hospedagem. Então, quando eu me classifiquei... teve um campeonato que foi lá, onde eles tinham um Hotel. Então, eu fiquei hospedada, não gastei com hospedagem. Mas os custos de viagem e hospedagem, normalmente, eram feitos pela gente. (Atleta entrevistada 7)

Um dos atletas entrevistados participou como instrutor de iatismo durante alguns anos no Projeto Social Graef, já visto no item 5.4 deste estudo, no que se refere às organizações de Vela Esportiva no Brasil. O velejador expressou a importância do projeto em possibilitar o contato de crianças de baixa renda com o esporte, e citou casos de jovens que tiveram a oportunidade de seguir a carreira como velejadores profissionais:

*O Projeto forma... tem aula de todo tipo. Tem aula de navegação, tem aula de mecânica, tem aula de carpintaria, mas tem aula de vela. Fundamentalmente, é aula de vela. Então, depois que o garoto se forma na vela, se ele tem interesse, se ele gosta de velejar, a gente acaba convidando para ser tripulação (de barco grande de competição). A gente vai lá mesmo, algumas pessoas vão lá e batem na porta “Poxa, você tem velejador aí querendo velejar profissionalmente?” [...] O projeto também dá aula de natação, que é a coisa mais importante, você poder ir pro mar e saber nada [...] Somos nós, somos pessoas de fora, que **traz o garoto do projeto pros clubes, e assim ele começa a se profissionalizar.** (Atleta entrevistado 4)*

Em relação à escolha do curso superior dos participantes deste estudo, foi possível identificar diferentes posicionamentos. Somente um entrevistado escolheu um curso ligado diretamente ao esporte, Educação Física. Os demais tiveram sua escolha influenciada pela família. Alguns dos velejadores entrevistados pautaram seu interesse e intenção em dar continuidade à carreira esportiva através do curso superior escolhido.

Tal consideração é projetada a partir de uma carreira permeada por influências externas, norteadoras de decisões e possibilidades de escolhas e caminhos a seguir em paralelo com a Vela profissional. Relatos como: “eu juntei minhas duas paixões, tanto o esporte quanto a Administração” e “provavelmente irei pro lado de Direito Esportivo” destacam essas intenções, ilustradas abaixo.

*Escolhi Administração porque gosto dessa área de Marketing, de como falar, de lidar com pessoas, sempre gostei. Então, eu escolhi a Administração por conta disso. **E eu trabalho, hoje em dia tenho a minha própria empresa, que eu juntei minhas duas paixões, tanto o esporte quanto a Administração. Então a empresa é uma startup de esporte, saúde e bem-estar onde eu trabalho com atletas e praticantes de atividade física.** [...] dar oportunidade pra outras pessoas, não ficar aquelas mesmas pessoas que sempre se classificam, sempre têm a chance de competir um campeonato lá fora porque têm recursos [...] **É preciso uma melhor gestão da própria carreira para alcançar esses objetivos.** (Atleta entrevistada 7)*

***Tenho curso superior em Direito.** [...] mas eu acho que mudaria um pouco o meu foco, **provavelmente irei pro lado de Direito Esportivo.** [...] tenho interesse também por essa questão de projetos de lei de incentivo ao esporte, talvez **trabalhar um pouco com isso, sabe. É legal, têm as leis estaduais, já colaborei com esses projetos.** (Atleta entrevistado 2)*

A seguir, a atleta entrevistada 5 explica sua motivação em conciliar atividades do curso superior escolhido com o esporte praticado desde a infância. A falta de acompanhamento nutricional junto a atletas, em fase inicial de profissionalização, afeta diretamente o seu rendimento. Tal aspecto trouxe o ensejo

de auxiliar no desenvolvimento da carreira de novas gerações de atletas da Vela Esportiva.

Então, eu sou nutricionista, e eu tô entrando nessa área de trabalhar com os atletas justamente pela minha experiência. Resolvi juntar a Nutrição com a vela. [...] porque na vela existe uma cultura de que a gente não precisa se alimentar. Não que a gente não precisa, mas as pessoas não se alimentam bem e bebem muito álcool. São hábitos muito ruins e isso é bonito e normal, ainda... Fui chamada pra dar uma palestra pro pessoal da classe Optimist, durante um campeonato. E eu adoro falar, adoro me comunicar e eu sempre quis dar palestras... E fiz a tal palestra. E depois eu conversei um pouco com eles sobre alimentação. E eu adorei a resposta que eu tive deles (velejadores), porque eu gerei uma consciência pra eles que eles não tinham. Eu tive alguns chamados também agora do pessoal de outro clube, pra eu trabalhar com o pessoal da vela... então tá fluindo. (Atleta entrevistada 5)

Com base nos relatos analisados, nota-se a ocorrência de grandes oportunidades motivadas pelas dificuldades que a carreira esportiva enfrenta. Nesse contexto, percebe-se que o esporte não é uma atividade suficiente para suprir as necessidades financeiras dos atletas, dado que é preciso buscar fontes alternativas para complementar a renda. Entretanto, através de anos de atuação profissional no esporte, os velejadores contam com oportunidades de conciliar outros trabalhos remunerados junto à prática esportiva de alto rendimento.

Eu faço delivery também, internacional de barco grande. Então peguei paixão de fazer travessias em barco grande. E ali é onde o velejador, o profissional de navegação, é remunerado um pouco melhor. [...] consegui fazer um nome também, foi nessa parte off-shore, de travessia, gerenciamento de barco também... No mês passado eu montei uma empresa, que administra a construção de barcos, faz delivery e consultoria em serviços náuticos em geral. Por exemplo, a pessoa quer fazer um passeio, quer fazer uma travessia pela primeira vez na vida, aí a gente consegue um barco. [...] A minha empresa... com nosso relacionamento, eu tenho um bom relacionamento, eu conheço muitos prestadores de serviços que, às vezes, não têm empresa, não têm CNPJ, não conseguem dar nota fiscal, e muitos deles não são organizados. Então, a minha ideia é oferecer administração de obra com essa minha carteira de prestadores de serviços. (Atleta entrevistado 4)

De acordo com as narrativas dos atletas entrevistados, cabe destacar como uma oportunidade a irrelevância da idade na Vela Profissional, dado que, diferente de outras carreiras esportivas, em que a aposentadoria ocorre em idade produtiva devido à grande exigência de esforço físico, na Vela, é exigido muito conhecimento técnico, estratégico, geográfico e marítimo. À medida que o desgaste físico

influenciar no rendimento do velejador, ele pode trocar de categoria, adequar-se a uma classe que exija menos esforço físico e mais estratégia de navegação.

Frases como: “a inteligência que ele tem e tudo mais pra fazer a parte tática, que é o grande importante da vela” e “tu vê atleta ganhando medalha de ouro na Olimpíada com 55 anos sem um pulmão” legitimam que não há limite de idade para manter a competitividade e continuar um atleta profissional no esporte.

É um esporte que você pode velejar competitivamente até morrer, até quando você aguentar entrar dentro de um barco. Diferente do futebol, da natação, do vôlei, que fisicamente você fica limitado numa certa idade, não consegue ter o mesmo desempenho que um jovem. Na vela, quando você vai ficando velho, começa a sentir as dores da idade, você migra de categoria. Passa a velejar num barco que tenha uma tripulação que você pode botar jovens pra fazer a parte da força, e aquele cara mais velho vai usar a experiência, a inteligência que ele tem e tudo mais pra fazer a parte tática, que   o grande importante da vela. (Atleta entrevistado 6)

Eu acho que esse é o maior comparativo que tu pode fazer com o futebol, com qualquer outro esporte. Não tem limite de idade. Por isso que tu v  atleta ganhando medalha de ouro na Olimpíada com 55 anos sem um pulmão, tu vê que não existe. [...] têm muitos atletas que competem não categoria olímpica, mas continuam sendo remunerados pra velejar em barcos grandes [...] às vezes, não têm físico, mas enxergam diferente de outro, pode ser gerente de uma equipe de uma maneira, pegando as qualidades... Mas tu vai ir melhor aqui, tu aqui, numa equipe de 10 tripulantes. [...] Eu acho que a limitação pode ser um pouco física, mas aí também tu v  cara velejando sem uma perna, então, nem física tu pode botar. Eu acho que é uma limitação muito mais pessoal. (Atleta entrevistado 2)

Na vela, quanto mais idade,   até um fator essencial que vai te diferenciar dos demais. [...] existem exemplos, atleta que foi profissional até 20 e poucos anos, não deu certo, foi trabalhar, ficou financeiramente bem sucedido na empresa que trabalhava, e decidiu voltar a competir com 50 anos de idade. A gente tem campeões olímpicos, não brasileiros, que participaram de Olimpíadas com 70 anos de idade, correndo com a filha dentro do barco. A vela te permite isso. Nunca é um adeus, você sempre pode voltar a fazer sucesso na Vela. (Atleta entrevistado 6)

Em consonância com as histórias do próximo item deste Capítulo: desafios e superações, o trecho abaixo destaca a procura de profissionais médicas para entender os conflitos entre família e trabalho, enfrentados por atletas femininas da Vela. Assim como as jornadas de plantões na Medicina, a dedicação   prática da Vela envolve extensas jornadas de treinos, sem contar as competições que, muitas vezes, exigem semanas de distanciamento da família. A narrativa traz à luz estudos sobre o desequilíbrio entre vida pessoal e profissional, podendo estar, diretamente,

relacionado com a intensificação do trabalho (PLECK *et al.*, 1980 *apud* MONTEIRO, 2020).

Depois da época que eu conquistei a medalha olímpica, eu fiz uma coisa legal, tinha uma palestra legal pra passar, então, fui em alguns lugares, consegui até ter uma grana com isso. Vou lá contar uma história, vou lá contar uma experiência, vou lá contar um pouco o meu lado da vida e tal. É uma coisa que eu sei que tem, que tem um braço assim que dá pra se dedicar um pouco e também ter uma remuneração interessante. Mesmo não procurando, não fazendo prospecção alguma, não dando nenhuma energia pra isso, um monte de gente procura a gente, sabe. Desde escolas a empresas a faculdades, uma vez a gente foi lá na residência da PUC, dos médicos todos pra fazer um bate-papo com eles. A maioria era mulheres, elas queriam que a gente desse esse papel de história de permanecermos na profissão mesmo tendo filhos, contar um pouco da nossa história, e como a gente fazia com a situação das crianças... (Atleta entrevistada 1)

Como foi discutido até aqui, as oportunidades, na carreira dos atletas, ocorreram de forma paralela ao desenvolvimento da carreira dos sujeitos entrevistados para esta pesquisa. Muitas dificuldades, enfrentadas na trajetória profissional dos participantes, promoveram grandes oportunidades. Partindo dessa questão, o próximo tema apresenta as histórias de desafios e superações desses velejadores.

6.4 Histórias de desafios e superações

Nesta seção, a pesquisa evidenciou a importância de identificar desafios e superações da trajetória de carreira da Vela Esportiva no Brasil. As narrativas dos entrevistados foram unânimes no que se refere à relevância e à influência das organizações esportivas para o desenvolvimento de suas carreiras. Essas organizações, Clubes ou programas de apoio ao esporte (já vistos no Capítulo 5), são o vínculo profissional do atleta, entretanto, com características distintas de uma contratação de trabalho, que possui contrato, direitos trabalhistas e remuneração financeira. Os relatos dos atletas deram grande destaque para tais programas, embora experienciados de forma positiva, mas também negativa.

Além desses desafios, são apresentadas e discutidas diversas situações com níveis de exigência de ajustes que o atleta enfrenta durante a carreira esportiva, com

impactos no âmbito social, psicológico e financeiro. A seguir, são apresentadas as narrativas que demonstram tais experiências.

E tudo é muito chorado. A gente tem apoio? Tem. Mas eu tenho que passar o tempo inteiro negociando, e pedindo, justificando, planejando, e exemplificando, justificando o que que precisa aqui. Eu perdi bastante energia nisso. Inclusive, precisava de alguém que fizesse isso por mim. Pra eu fazer o que eu, em teoria, sei fazer bem, na água, né? (Atleta entrevistada 1)

Como apresentado no início deste tópico, grande parte da trajetória profissional dos atletas passa por organizações esportivas, como os Clubes náuticos, a Marinha e a CBVela. Essa relação de trabalho possui algumas particularidades quando comparada com um contrato de trabalho de uma empresa.

Os recursos financeiros dessas organizações esportivas são instáveis e limitados, sobretudo, por depender de patrocinadores e do Governo. Discursos do tipo: “...e foi o ano que mudou o Governo. Eles reestruturaram tudo e falaram que não tinha verba, e por mais que eu tinha sido contemplada, não havia verba disponível, então, passei 2019 inteiro sem a bolsa” destacam essa questão.

Em 2018, a gente fez o nosso melhor resultado em um mundial, e a minha renovação pra Bolsa Pódio saiu... E eu ia até subir dois níveis, e foi o ano que mudou o Governo. Eles reestruturaram tudo e falaram que não tinha verba, e por mais que eu tinha sido contemplada, não havia verba disponível, então, passei 2019 inteiro sem a bolsa. Então o início do ano foi bastante traumático, porque eu imaginava que eu ia finalmente receber o meu melhor salário, finalmente, o auge da minha carreira, e foi um ano inteiro que eu não tive o apoio do Governo. (Atleta entrevistada 3)

Eu acho que questão de apoio ainda precisa melhorar um pouco, sabe. Quem é olímpico... Eu vejo isso até [...] Foi um dos motivos de eu ter criado a minha empresa. Eu vejo muito apoio e patrocínio pros atletas que são primeiro lugar e eu, durante muitos anos na classe 470, fui a segunda, a terceira. E não existe um apoio pra segundo, terceiro. Não existia. Eu acho que ainda existe uma defasagem com relação a isso... não só pra quem é segundo, terceiro, mas a base, né? Os atletas que vêm do Optimist não têm esse apoio nem mesmo na vela jovem, então eu acho que precisa de um apoio maior. Até porque eu acho que se eles (CBVela) querem criar um novo ciclo, outras equipes brasileiras e não só continuar eternamente na mesma pessoa lá competindo durante anos [...] Pra ter esse ciclo, eu acho que o apoio realmente precisa melhorar. E os outros acabam não tendo recursos, ficam aqui no Brasil e não conseguem passar. (Atleta entrevistada 7)

As narrativas acima apresentam a vulnerabilidade da relação de vínculo profissional com a CBVela no que diz respeito à remuneração financeira. O trecho

da atleta entrevistada 7: “Eu vejo muito apoio e patrocínio pros atletas que são primeiro lugar e eu, durante muitos anos na classe 470, fui a segunda, a terceira. E não existe um apoio pra segundo, terceiro” retrata a limitação de apoio apenas para os atletas que conquistam primeiro lugar em campeonatos.

A entrevistada explica a importância de apoiar também os atletas que alcançam segundo ou terceiro lugar, potenciais campeões no futuro, os quais precisam, igualmente, de apoio para treinar e alcançar o primeiro lugar. Esse aspecto é descrito, similarmente, no trecho que segue, em que o atleta entrevistado aponta conflitos na relação com outros velejadores adversários, assim como indica oportunidades de melhoria naquela.

*Só que a CBVela infelizmente... Eu não sei dizer o porquê, eu acredito que seja falta de recursos, de funcionários... de experiência eu não digo porque são muitos anos, muitos atletas, eles sabem como é... Mas eles acabam não fazendo uma intermediação ali entre os atletas, entre os adversários. **Acaba que eles deixam, muitas das vezes, criar um ambiente um pouco chato de um sentir... criar uma rivalidade, digamos assim, que acaba tornando uma relação difícil entre o primeiro e o segundo, quem tá disputando a vaga principal, principalmente em Olimpíada. [...] Eu sou amigo do meu arquirrival, sempre fui, nunca tive nenhum problema com ele, mas acaba que em certos momentos cria-se uma rivalidade muito forte e a gente não se fala muito, não junta pra treinar... Então a Confederação Brasileira de Vela... tá treinando junto? Não tá? Tá nem aí...*** (Atleta entrevistado 6)

O atleta acima lamenta enfrentar situações de rivalidade no relacionamento com outros atletas, provocadas pela restrição de apoio financeiro somente ao atleta número 1. Continuando o seu relato, o entrevistado diz “[...] era importante sempre treinar junto, porque treinando junto eu vou ver a técnica que ele tá usando, vou conseguir chegar ao nível dele... isso não é ruim. Porque no final, vão os dois ficar muito bem treinados e vai ir quem treinou melhor”. Observa-se, no depoimento a seguir do velejador, a importância de treinar e trocar experiências com outros atletas da categoria, em especial, o quanto a competitividade pode influenciar na satisfação pessoal da prática esportiva.

E olhando os outros países, os países desenvolvidos, os europeus, que são os exemplos, independente de ser rival ou não, tá todo mundo treinando sempre porque a confederação deles exige. Aqui no Brasil, não acontece isso. Só que eu acho que, para o país e para a confederação, era importante sempre treinar junto, porque treinando junto eu vou ver a técnica que ele tá usando, vou conseguir chegar ao nível dele, vou roubar informações, mas isso não é ruim. Porque no final, vão os dois ficar muito bem treinados e vai ir quem treinou melhor. Então,

acaba que treinando sozinho, não tendo essa participação que seria de treino, algumas coisas você não consegue desenvolver, porque pra você melhorar precisaria de um parceiro de treino, e você não consegue treinar com ele porque ele não quer pegar os segredinhos, digamos assim, e a CBVela não faz essa intermediação. “Pô, treinem juntos, a gente obriga vocês, vamos botar o mesmo técnico pros dois e aí vocês façam o esforço de vocês pra um superar o outro”, isso não acontece, infelizmente. (Atleta entrevistado 6)

Considerando a importância olímpica da modalidade para o nosso País, conforme apresentado no Capítulo 4 deste estudo, Viana *et al.* (2011) ponderam que a preocupação de expansão de oportunidades na Vela não é apenas social. Os autores acreditam que, a partir de projetos de incentivo a prática do esporte, o Brasil tem condições de se tornar uma das mais importantes escolas de Vela do mundo.

A gente caiu muito de remuneração (Bolsa Atleta) em função de que a gente parou, em função do ranking mundial. A forma de avaliação é muito ruim pra Bolsa Atleta, porque ela leva em consideração o ranking mundial. É um critério único que eles usam pra todas as modalidades. E na nossa modalidade, é uma coisa muito desajustada, porque acaba que a gente não consegue participar de todos os eventos. É muito caro participar de todos os eventos. A gente nem tem tempo hábil pra... não consegue se organizar. E nem é proveitoso, muitas vezes. É claro que, tu não participa de alguns eventos, tu cai no ranking, e perde o apoio. (Atleta entrevistada 1)

A relação dos atletas com a CBVela, a confederação, é muito difícil. Na maioria das vezes, eles dão não ao invés de sim. Muitas vezes receber um não da confederação, um não-apoio, uma não-ajuda, um não-incentivo, isso é algo negativo para todos esses atletas. É algo que... muitos desistem por nunca terem ajuda da confederação, mesmo tendo direito. Por exemplo, esse ano eu garanti o direito, mas não vou ter ajuda por causa da pandemia. (Atleta entrevistado 6)

O problema é a CBVela, sempre. Porque questão de recursos financeiros, eles têm. [...] então acho que falta uma melhor gestão de aonde esses recursos vão ser destinados. Porque se existe uma verba, ela só precisa ser realocada no lugar certo pra, enfim, atingir todo mundo, e não só as mesmas pessoas. . (Atleta entrevistada 7)

Ao analisar as declarações dos entrevistados, percebe-se que muitas dificuldades, enfrentadas na implantação e manutenção desses programas, são de caráter político e organizacional, de acordo com o que sugere Alfermann & Stambulova (2007), além de dificuldades financeiras. Nesse contexto: “Eu sei que eu tive uma ajuda da minha família, por sorte, pra dar aquele *start* [...] Se não tivesse, não ia ter como”, o trecho da atleta entrevistada 1 elucida que só foi possível viabilizar a carreira esportiva com o incentivo financeiro recebido da família, como já apresentado nas histórias sobre a origem no esporte na seção 6.1. deste Capítulo.

Esses trâmites políticos, com contatos de confederação, politicagem, e a busca da condição pra poder conquistar o esporte. De buscar a grana pra poder executar o que precisa ser feito... não tem como, é remar sem parar e não sair do lugar. Eu sei que eu tive uma ajuda da minha família, por sorte, pra dar aquele start [...] Se não tivesse, não ia ter como. (Atleta entrevistada 1)

O desenvolvimento e o sucesso, na carreira do atleta, sofrem diversas influências ao longo da sua trajetória profissional. Formadores de opinião, como a sociedade, e o reconhecimento do próprio País podem atuar sobre o desempenho e a motivação dos velejadores entrevistados. Relatos como: “[...] O cara se tornou um grande atleta, trouxe um número de resultados positivos pro Brasil, levou a bandeira para o mundo inteiro, representou a nação, e um brasileiro qualquer chega ‘Ah, isso não é nada, o que você fez’” sustentam esse descaso.

*Ser atleta no Brasil é um desafio muito grande. Além da relação com a confederação, tem a questão de você precisar muito de patrocínio e não conseguir. É muito difícil você ser um grande atleta profissional sem grandes apoiadores... **Existe também o não-apoio, por exemplo, dos brasileiros.** Muitas vezes, na experiência de histórias passadas, o cara se tornou um grande atleta, trouxe um número de resultados positivos pro Brasil, levou a bandeira para o mundo inteiro, representou a nação, e um brasileiro qualquer chega “Ah, isso não é nada, o que você fez”. **Então, isso é um outro desafio, você lidar com o não-apoio... Por causa da mentalidade dos brasileiros, sabe.** É muito difícil. Então, têm vários desafios, muitos. Se for enumerar todos aqui, cara, é... impressionante. **Eu posso dizer que o maior desafio não é você ter a rotina de um atleta, que é exaustiva, mas você suportar essas outras coisas que são as pedras no sapato que a gente vai pisando durante a trajetória.*** (Atleta entrevistado 6)

Você fica naquele limbo não-profissional, que eu acho que é a pior parte do esporte vela do Brasil, como esporte assim... porque não tem um plano de carreira,** você não entra num programa pra ser treinado e a partir daí você entra num grupo de vela jovem, tem um técnico, não sei o que... Você vai fazendo e vai torcendo pra ter infra, por qualquer que seja, e contratar seu técnico [...] Em algum momento, já no nível ultra profissional que eu fui perceber isso. **Já tava na minha terceira campanha olímpica, o que eu tava fazendo, dedicando toda a minha vida, nisso já era profissional, e ainda assim ainda não tinha, não tava dentro de nenhum programa da vela brasileira.** Então, eu acho que essa transição intermediária, você já tá fazendo Vela olímpica, mas não faz parte de nenhum programa específico... **que é onde a gente perde a maior parte dos nossos atletas. (Atleta entrevistada 3)

Ainda nesse contexto, os sujeitos pesquisados demonstraram dificuldades e frustrações no desenvolvimento da carreira pelo fato de seu reconhecimento e ascensão estarem condicionados à participação em Olimpíadas. Os entrevistados apresentaram essa questão como um fato cultural do Brasil e justificam tal

afirmação com exemplos de sucesso no esporte de alto rendimento em países europeus, onde não há essa “exigência” no currículo do atleta. Trechos como: “Aqui a cultura é que, se você não participar da Olimpíada, você não é um grande atleta” e “[...] pra você ter um patrocínio no Brasil, é, praticamente, que obrigatório você ser um atleta olímpico” destacam tal questão.

O sonho do jovem atleta é participar da Olimpíada, que é algo muito gratificante na carreira. [...] Aqui a cultura é que, se você não participar da Olimpíada, você não é um grande atleta. Só se você participar da Olimpíada, conseguir uma medalha, que você é um grande atleta. (Atleta entrevistado 6)

No Brasil, a gente cresce escutando que o auge, o ápice da carreira de um profissional é participar de uma Olimpíada e a chave de ouro seria a medalha. Independente se for ouro, prata ou bronze, ter uma medalha olímpica seria o ápice de um profissional, na mentalidade de um brasileiro aqui. Eu diria que, para a média, participar da Olimpíada é o auge pra eles. [...] Infelizmente, não tem um apoio tão grande de patrocínios das empresas, Governo e tudo mais, então, pra você ter um patrocínio no Brasil, é praticamente que obrigatório você ser um atleta olímpico. As empresas acham que aquele atleta que não disputa olímpico não é profissional. Pra eles, só é profissional aquele que participa da Olimpíada, então, quem não participa de uma categoria olímpica, é muito difícil conseguir patrocínio. (Atleta entrevistado 6)

No Brasil não existem grandes empresas que patrocinam profissionais, não há barcos profissionais... há barcos profissionais, mas são barcos que são dos ricos brasileiros que velejam, têm grandes barcos competitivos e pagam salário aos tripulantes, mas não é uma empresa que banca. Por exemplo, lá fora existem grandes bancos mundiais, grandes empresas de petróleo, vários ramos que são empresas reconhecidas mundialmente e decidem investir num barco onde vão colocar somente profissionais, pagar salário a todo mundo, ganham muito bem e se vive muito bem. Quando um velejador profissional se destaca mundialmente, independente de ter participado de uma Olimpíada, começa a ser convidado a participar de várias equipes, acaba sendo visado a participar das grandes competições mundiais [...] E quando você consegue atingir esse nível, ser visado dessa forma pra esses campeonatos, aí você pode ter certeza que pode conseguir ganhar muito dinheiro. [...] Mas estamos no Brasil... (Atleta entrevistado 2)

A partir desses relatos, pode-se inferir que os velejadores buscam outras alternativas de remuneração financeira na Vela, assim como ilustra o atleta entrevistado 4, ao mudar de perspectiva para sua carreira profissional. O discurso: “Então, eu parei de pensar em campanha olímpica pra não querer depender nunca mais na Confederação... é onde o velejador, o profissional de navegação, é remunerado um pouco melhor” revela superação alcançada ao mudar o foco da sua carreira.

Aí eu parei de velejar no nível de campanha olímpica. Então, eu parei de pensar em campanha olímpica pra não querer depender nunca mais na Confederação... foi um ano que eu comecei a velejar mais de barco grande. [...] Então, peguei paixão de fazer travessias em barco grande. E ali é onde o velejador, o profissional de navegação, é remunerado um pouco melhor. O que acontece na vela de alta performance? Ele só é remunerado se ele tem patrocínio, né? (Atleta entrevistado 4)

Então, eu treino todo dia na classe 470, eu faço uma preparação física para isso, eu faço os meus treinos, a parte psicológica, tudo pra essa classe, que é uma classe olímpica. Então eu sou um profissional da Vela, remunerado na Vela, mas eu sou especialista ou específico para a classe 470, todo o treinamento para isso. Embora me chamem para correr em barcos de oceano e eu seja melhor remunerado por isso, dar treino para uma pessoa pra outra classe remunerada para aquilo, então tipo, a minha remuneração não está diretamente ligada à minha especialidade. (Atleta entrevistado 2)

A falta de apoio, presente no discurso dos participantes, indica os desafios em manter a carreira esportiva como profissão na vida dos atletas. Todos os entrevistados indicaram que, em algum momento, pensaram em uma transição de carreira. A transição de carreira, nesse sentido, refere-se ao processo de encerramento de treinos e competições, para que seja possível, então, explorar novas oportunidades de trabalho. Rubio & Ferreira Junior (2012) apontam que retirar-se da carreira esportiva significa a necessidade de adaptar-se a uma nova condição de vida em diferentes papéis, realizando ações que não estarão, necessariamente, relacionadas à identidade do passado.

Algumas vezes, a gente pensa em parar... não em parar, em parar. Mas acho que... quando eu parei para começar a trabalhar com publicidade, que teve a decisão de voltar a velejar, sempre ficou aquela dúvida de qual seria o momento que eu ia ter que tomar a mesma decisão de novo. Depois do ciclo de 2016, que a gente não se classificou, também seguiu essa dúvida se valia continuar tentando. A gente ainda trabalhava de uma forma pouquíssimo profissional, a gente não tinha um técnico, a gente não tinha uma verba... uma renda fixa... [...] No fim, era sempre se valia a pena estar fazendo aquilo ou não. (Atleta entrevistada 3)

A narrativa acima apresenta a dificuldade de permanecer engajado, exclusivamente, no esporte de alto rendimento, descrita no trecho: “Algumas vezes, a gente pensa em parar...”. Em consonância com esse relato, a atleta entrevistada 1 alega: “vou desistir, porque é um sonho que não tem como alcançar”.

Mas essa incerteza do futuro desgasta muito o atleta. Tu tem que gostar muito, muito, tu tem que gostar muito. Tem que ser seu sonho, porque, às vezes, tu nem

acredita mais, “Ah, vou desistir, porque é um sonho que não tem como alcançar”. (Atleta entrevistada 1)

Eu acho que eu e todos os mini-atletas, que estão começando agora, deveríamos ter mais clareza das possibilidades de carreira dentro do esporte. A vela ainda é muito vista como um hobby, como algo que você leva junto mas não dá pra viver etc... Tem tanta gente com potencial que a gente perde nesse meio do caminho... Não perde nem por descaso, mas por falta de conhecimento. Eu quase... muitas vezes, eu acho que eu poderia ter escolhido outro caminho. Foi... alguns elementos e conjunturas que me trouxeram pra cá, e acho que também me segurou muito os meus resultados e indecisões profissionais durante o caminho, enxergar isso como uma profissão, uma profissão real, uma carreira desde cedo. Muitas vezes, me vi dando desculpa pros meus pais, explicando “Não, mas tem uma data limite se der certo, se der errado”, e a gente acaba se sabotando de vez em quando. (Atleta entrevistada 3)

Esse repertório de dúvidas e a falta de clareza da profissão esportiva corroboram com os impactos negativos que o atleta sofre durante seu desenvolvimento no esporte, tendo seu rendimento afetado durante treinos e campeonatos, assim como o atleta entrevistado 4 compartilha com seus pais: “eu tava mal de cabeça, treinando sem vontade...”.

A história de vida de um atleta profissional da Vela envolve muitos desafios, eventos de grande e pequeno impacto na sua vida, os quais, muitas vezes, acarretam em mudança de planos na vida pessoal e profissional. A seguir, é explanado o trecho do atleta entrevistado 4, no qual decide abrir uma empresa no ramo da Vela Esportiva como uma nova opção de renda.

Aí fui conversar com meus pais um pouco antes de abrir a empresa, falar pra eles que eu tava com essa ideia, que eu tava mal de cabeça, treinando sem vontade, e aí ainda vem aquela pressão um pouco dos pais, de... “Você não acha que tá na hora de você de repente procurar um trabalho?” Aí falta um pouco de entender que aquilo ali talvez seja o meu trabalho. (Atleta entrevistado 4)

Outra questão, manifestada no fragmento acima, foi a reação dos pais do atleta entrevistado: “Você não acha que tá na hora de você de repente procurar um trabalho?”. Percebe-se, então, a resistência em compreender a carreira esportiva como uma profissão. A carreira tradicional, considerada aqui, se baseia na noção de emprego proveniente da era industrial (Bendassoli, 2009). Novos significados de carreira receberam relevância em estudos, assim como Briscoe *et al.* (2006) descrevem o declínio da carreira tradicional associado ao surgimento de novas

carreiras, a proteana (Hall, 1976) e a sem fronteiras (ARTHUR & ROUSSEAU, 1996).

Na perspectiva da carreira proteana, a dedicação deixa de estar voltada para o relacionamento com organizações, e os objetivos profissionais são autogerenciáveis e direcionados aos valores pessoais do indivíduo. A carreira sem fronteiras se caracteriza por uma trajetória autoadministrável, marcada por várias oportunidades de trabalho, deixando de lado a estabilidade para somar experiências no desenvolvimento e aperfeiçoamento profissional.

A partir do caminho profissional percorrido pelo atleta entrevistado 4, percebe-se maior aderência à orientação de carreira proteana, ao adotar uma carreira autodirigida em que assume o controle de seu caminho profissional e de seu desenvolvimento e que também é orientada por seus próprios valores (BRISCOE & HALL, 2006). De acordo com as histórias de planejamento de carreira, analisadas neste capítulo, pode-se afirmar que os demais participantes deste estudo também tendem a esse modelo de carreira.

O conteúdo das narrativas aponta momentos de dificuldades marcantes na vida pessoal dos atletas. Ainda assim, percebeu-se a capacidade de respostas a situações desafiadoras na trajetória profissional. Atletas de alto rendimento apresentam uma capacidade de enfrentamento maior do que atletas com níveis mais baixos de rendimento (VISSOCI *et al.*, 2013). Da mesma forma em conciliar sua trajetória profissional com o estudo e a dedicação à família.

Marques & Samulski (2009) sugerem que alcançar objetivos significa dar um passo além do seu desenvolvimento, levando à necessidade de se desenvolver estratégias de adaptação tanto pessoal, quanto familiar. O estilo de vida do atleta é de total dedicação ao desempenho esportivo, como pode ser percebido nos trechos: “A gente abdica de muita coisa... a gente abdica até de estudar” e “Eu deixo de fazer outros esportes que eu gosto... porque eu posso botar em risco muito trabalho”.

Com certeza. A gente abdica de muita coisa, muita coisa. Muitas vezes, por viajar muito, por estar num período de treinamento muito intenso, a gente abdica até de estudar. Tu vai aprendendo com isso. Tu vai achando, cada atleta, cada velejador, vai achando sua metodologia. [...] Cada atleta tem que se conhecer. Tem que conciliar. Tem que achar um equilíbrio. (Atleta entrevistado 2)

Eu deixo de fazer outros esportes que eu gosto pra não me machucar. Porque eu posso botar em risco muito trabalho, muito tempo que eu me dediquei. (Atleta entrevistado 6)

Na mesma linha de discussão, cabe destacar que todas as atletas entrevistadas do sexo feminino apontaram dificuldades em conciliar a carreira esportiva com a maternidade e atividades domésticas. Diante da precarização da carreira esportiva discutida anteriormente, é importante ressaltar que direitos como licença maternidade remunerada não existem no contexto da Vela Profissional.

Na última campanha, ela me disse (dupla de classe): “Olha, eu tenho que ficar mais tempo em casa. Eu tô com filho agora”. [...] “Se tu quiser continuar assim” [...] Então, ela deixou bem aberto: “Eu me proponho a fazer outro ciclo de campeonatos, mas eu não quero abdicar tanto da minha vida social. Vamos treinar? Vamos. O planejamento é esse. É todo dia, é todo dia. Mas, de manhã, eu preciso levar meu filho no colégio, levar e buscar”, entende? Então, tem toda uma mudança, às vezes, de planejamento, de uma campanha olímpica, na tua vida pessoal... (Atleta entrevistada 5)

Quando eu engravidei, ela (minha dupla) foi super compreensiva e disse: “Tamo junto e tal”. Mas também eu velejei muito tempo grávida ainda, de uma forma ou outra... competi com 18 semanas num campeonato mundial, escondendo a gravidez. [...] E depois velejei com 40 dias, minha filha tinha 40 dias, e eu voltei a treinar. Não todos os dias né, óbvio, duas vezes por semana... quando ela tinha dois meses e 20 dias, aí a gente foi embora pra Espanha pra competir. E veio uma enfermeira, e ela foi junto. Então, ela (dupla) sempre, até hoje, foi mega compreensível. É que é assim agora, ou é assim, ou não é mais. E ela sabe disso. E se ela optar, no estado que a gente tá, por outro caminho, tipo “Ah, vou pegar outra pessoa pra velejar comigo...”. O caminho dela vai ser tão longo, assim como o meu, se eu pegar outra pessoa do zero. A gente tem tantas vantagens por estar tanto tempo juntas como time que a gente sabe que o potencial de trabalhar com outra pessoa, o tempo de investimento, até pra saber se ia dar certo, ia demorar tanto, que mais vale uma compreensão e um bom senso... mas ela é, realmente, extraordinária. Ela é uma mulher bem bacana e entende toda a minha situação de vida pessoal... (Atleta entrevistada 1)

De acordo com a narrativa apresentada acima, a atleta 1 encontrou dificuldade de continuar a carreira esportiva desde o início da maternidade, quando ela diz: “Mas também eu velejei muito tempo grávida ainda, de uma forma ou outra... competi com 18 semanas num campeonato mundial, escondendo a gravidez. [...] E depois velejei com 40 dias, minha filha tinha 40 dias, e eu voltei a treinar. Não todos os dias né, óbvio, duas vezes por semana... quando ela tinha dois meses e 20 dias, aí a gente foi embora pra Espanha pra competir. E veio uma enfermeira, e ela foi junto”. Esse último trecho, relatado de forma marcante pela velejadora, evidencia um esforço hercúleo na tentativa de equacionar o papel de

mãe com o ritmo intenso de treinos e competições, somado à pressão de ter uma outra pessoa envolvida, sua dupla, nessas condições: “Então, ela (*dupla*) sempre, até hoje, foi mega compreensível. É que é assim agora, ou é assim, ou não é mais. E ela sabe disso. E se ela optar, no estado que a gente tá, por outro caminho, tipo ‘Ah, vou pegar outra pessoa pra velejar comigo...’ O caminho dela vai ser tão longo, assim como o meu, se eu pegar outra pessoa do zero”.

Por fim, a atleta entrevistada 1 reconhece que precisa interromper sua carreira para dedicar-se aos filhos. O trecho abaixo descreve essa decisão e representa as mulheres que optaram por sair do trabalho por causa dos filhos, tanto pelos filhos pequenos, como pelos mais velhos, em idade escolar (STONE & LOVEJOY, 2004).

Esse ano agora vou ter viagem pro Japão, não vou participar do aniversário do meu filho. Não vou estar no Dia das Mães em casa. São coisas que vão correndo com a gente. Então, é difícil. Dia das Mães, no colégio, com meu filho, não vou estar. Então, não vou mandar ele. [...] Mas eu não me arrependo por nada de ter feito. Foi uma vida super intensa que eu tive, diferente, uma vida muito diferente, muito intensa, mas eu tô assim já sabendo que eu preciso descansar. Meu corpo, eu preciso... E eu tô sentindo que eu preciso dedicar uma energia maior pros meus filhos, preciso ter mais tempo com eles. [...] Essa carga toda. Então, eu já sei que, provavelmente, é minha última participação nos jogos. Eu gostaria de poder seguir, tenho bastante vontade, acho que tenho condições técnicas, me dói bastante assim, mas eu preciso pelo menos de uma pausa pra me dedicar um pouco pros meus filhos. (Atleta entrevistada 1)

Pode-se afirmar, em consonância com o estudo de Lemos & Cavazotte (2018), que os cuidados com os filhos, com a casa e os dilemas, oriundos da maternidade, ficaram mais difíceis de ser gerenciados em função das muitas horas dedicadas ao trabalho. Diante de todas as dificuldades, apresentadas pela participante acima, ela cita que 95% de velejadoras, praticantes da sua classe, optaram por adiar a maternidade, ou por se abster dela.

[...] Não têm muitas mulheres que fizeram tantas participações olímpicas, com filhos e tal. Na nossa classe, são 42 participantes nas Olimpíadas. Das 42 mulheres participantes de Olimpíada, somente quatro delas têm filhos. Das quatro, eu sou a única que tenho dois filhos. Então, não é tão simples, com criança não tem jeito. (Atleta entrevistada 1)

Alguns entrevistados destacaram as limitações de alcance da performance desejada em classes compostas por duplas. Aspectos como habilidades, foco,

motivação e objetivos podem ser diferentes, influenciando desde os treinos de rotina até as competições mais importantes. Como já citado anteriormente, algumas situações podem ter caráter negativo de influência emocional.

Meu grau de exigência só não é 100%, porque velejo num barco de dupla. Então, muitas vezes, tem que ter um equilíbrio. Vou te dar um exemplo, pra mim, quando acabou as Olimpíadas, e era para fazer uma nova campanha olímpica... a gente devia ter ido morar na Europa, e acho que ano passado também. Largar tudo e morar lá, e treinar com os gringos, e fazer parceira de treino... Só que a minha dupla, proeiro, que veleja comigo, não tá disposto a isso. É uma relação que nunca vai ser 100% proporcional, sempre vai ter alguém que quer mais que o outro, que nem uma relação pessoal, uma relação de casal. Então, por velejar num barco de dupla, tenho minhas limitações. Então, vou no máximo onde eu consigo apertar ele sem ele espanar, sem ele desistir. É perfil de pessoa, não adianta. Do quanto se entrega, o quanto é profissional naquilo, convicção do que que precisa pra chegar no seu objetivo. Pensei em trocar de dupla. Só que não tem muita opção no mercado com a qualidade dele, é que nem uma empresa contratar um profissional. Então, eu tenho que conviver com essas limitações, infelizmente... (Atleta entrevistado 2)

O aperfeiçoamento da carreira de um atleta está relacionado à sua capacidade de lidar com desafios e superações. Durante as diversas etapas da sua carreira, crises podem ocorrer, exigindo do atleta capacidade de resposta às contingências da profissão.

Segundo Stambulova (2000), o atleta precisar se munir de estratégias para superar as crises, rumando ao alcance da plenitude de suas capacidades no fenômeno competitivo esportivo. A ausência de autoconfiança do atleta afeta, diretamente, o seu desempenho e o papel que exerce no meio esportivo, como pode ser percebido nas falas da atleta entrevistada 5: “[...] eu me senti muito mal... [...] E eu acabei saindo do mundo da vela por um tempo”.

Vou te contar como é que foi pra mim e o que eu entendo hoje, tá? Eu ia fazer a campanha olímpica com minha dupla, que era bem mais velho. A gente tava treinando... tudo certo, velejando, viajando pra fora, quando ele foi fazer uma viagem em um barco como tripulação. E lá ele fez um acordo com outra pessoa, pra eles velejarem juntos, e eu fiquei sabendo disso depois que ele voltou pra cá e falou que não queria mais velejar comigo, que ele ia parar de velejar. Então, acho que talvez um pouco de falta de coragem pra ele dizer que ia velejar com ela e tal... foi ruim pra mim, agora eu vou te falar que eu me senti muito mal, fiquei muito, muito. [...] E eu acabei saindo do mundo da vela por um tempo, mas por muito pouco tempo. (Atleta entrevistada 5)

A narrativa acima apresenta o impacto causado à atleta 5 ao ser substituída pela sua dupla, somado ao início precoce de uma carreira profissional, que exige responsabilidades pessoais e sociais, em uma etapa da vida com pouca maturidade para responder por decisões e escolhas, muitas vezes, complexas. Contudo, através da fala: “Vou te contar como é que foi pra mim e o que eu entendo hoje, tá?” [...] Mas vou te dizer, ele escolheu ela, porque ela já era medalhista olímpica, ela tinha patrocinadores, e a gente estava um pouco estagnado como dupla”, a velejadora destaca o episódio como substancial para o seu crescimento, autoconfiança e desenvolvimento pessoal como atleta profissional.

Mas vou te dizer, ele escolheu ela, porque ela já era medalhista olímpica, ela tinha patrocinadores, e a gente estava um pouco estagnado como dupla, digamos assim, em relação ao progresso em resultados, assim como no lado financeiro. E eu era nova, eu era nova e eu não tinha visão e preparo para fazer projetos pra gente conseguir patrocínio... [...] É, maturidade acho, de pensar grande, tipo projetos, fazer muito pela nossa campanha. Eu fazia a minha. Eu ia velejar, eu malhava, eu fazia o que eu tinha que fazer, mas pela equipe eu não fazia muito. (Atleta entrevistada 5)

A troca de dupla pode ter um papel marcante na construção da carreira de seus atletas. São anos de treinos e técnicas desenvolvidas em conjunto na busca pela excelência da prática esportiva. Não obstante, surgem momentos em que o atleta percebe a necessidade de mudança no processo, de todo um planejamento.

Dessa forma, o depoimento, a seguir, apresenta essa decisão estratégica na busca por uma nova dupla para melhora de performance como um time, favorecendo os interesses individuais e coletivos. Tais decisões podem ser compreendidas de acordo com o modelo de Yoshino & Ragan (1996), no qual repensar o negócio é repensar tanto as estratégias da empresa quanto às novas exigências de mercado, que pedem diferenciais competitivos para continuar na liderança. Ao discorrer sobre momentos de superação durante sua trajetória esportiva, a atleta entrevistada 3 relata momentos de aflição: “[...] foi relevante pra mim porque foi fora da minha zona de conforto” e “Então foi duro decidir, e foi um momento de muito crescimento pessoal pra mim”.

Mas o mais marcante foi a minha decisão [...] de sair da dupla que eu tava na época... [...] e começar a velejar com alguém que até então era meu adversário... [...] Ela (decisão) foi relevante pra mim, porque foi fora da minha zona de conforto, foi uma decisão que eu tomei de profissional. Eu me dava super bem com a minha dupla, a gente com certeza tinha muito mais proximidade. [...] foi

*uma das primeiras decisões tomadas puramente por performance profissional. Terminar uma dupla, por mais que seja uma dupla profissional, nunca é muito fácil. É muito... é diferente de um time, por mais que a decisão seja... **então, foi duro decidir, e foi um momento de muito crescimento pessoal pra mim.** Tomar essa decisão e correr o risco de construir algo novo e lidar com alguém que eu saberia que seria muito mais difícil, que é alguém que eu não conhecia, históricos diferentes, idades diferentes, etc... basicamente, versus alguém que era quase o meu melhor amigo na época, de tanto que a gente convivia. Então, **eu diria que esse foi o momento mais marcante da minha trajetória na Vela.** (Atleta entrevistada 3)*

A decisão da atleta em estabelecer alianças com adversários foi crucial na busca por melhorias e êxito na Vela Profissional. Hackerott (2018) complementa que o caminho para aprender a velejar é longo e, comumente, envolve uma experiência desafiadora. “O aprendizado é confirmado pela superação. Sabemos que de fato aprendemos quando percebemos que agora somos capazes de fazer algo que antes não éramos” (HACKEROTT, 2018).

Em linha com o estudo de Stambulova (2000), o relato a seguir apresenta a adversidade superada da atleta entrevistada 1, finalmente, ao obter o patrocínio de uma empresa para viabilizar sua carreira profissional, que, desde o início, foi financiada pela família. A partir da sua fala: “E na terceira Olimpíada, eu consegui pela primeira vez um patrocínio de uma empresa. Depois disso, a roda girou”, a velejadora descreve que, mesmo já tendo participado de mais de uma Olimpíada, foi necessário continuar na busca por mais títulos olímpicos e, finalmente, conquistar um apoio que lhe trouxe estabilidade e rendimentos financeiros suficientes.

*Participo da Olimpíada desde o ano 2000, essa é minha sexta Olimpíada. **A primeira Olimpíada, família total, gastou o dinheiro todo, entendeu.** Toda a campanha olímpica foi bancada pela minha família... **E na terceira Olimpíada, eu consegui pela primeira vez um patrocínio de uma empresa.** [...] A empresa queria investir na Vela, eu conheci um Diretor num evento da Vela, num coquetel de abertura de um campeonato, não sei o quê, marcaram uma reunião, eu tinha me formado na faculdade... **E eu ia parar de velejar, porque eu achava que não ia dar pra velejar mais, não ia ter dinheiro, eu tava formada na faculdade...** então, pensei: “Ah, quer saber? Vou fazer um projeto, vou levar pra esse cara”. Fui lá, apresentei o projeto, pro presidente da Empresa na América Latina. Fui lá, vendi o troço pro cara, ideia e tal, planejamento que tinha, os cursos que iam ser e tal, e a gente conseguiu fazer um plano com o cara com quatro anos de apoio. [...] **Depois disso, a roda girou. É, por isso, que eu te contei essa história. Pra tu entender que realmente parece que precisa estar num patamar pra entrar no guarda-chuva de pessoas que vão ter esse investimento maior.** (Atleta entrevistada 1)*

Como última análise deste tema, destaca-se a história narrada a seguir pela atleta entrevistada 7. Sua determinação em vencer a cegueira na visão esquerda, ocasionada durante um treino, demonstra a força que o esporte pode exercer sobre o atleta. A Vela tornou-se um instrumento de superação e integração. Foi mais de um ano de limitações e tratamento intensivo que a impediram de manter suas principais atividades diárias: velejar e estudar.

[...] eu tava velejando na Baía de Guanabara e uma ameoba entrou no meu olho e comeu toda a minha córnea do olho, e me fez ficar cega do olho esquerdo. Eu fiquei um ano e dois meses de cama, sem poder sair de casa, perdi muito... [...] Enfim, então, esse foi o meu maior desafio, fiquei um ano de cama, perdi 10 quilos, tive que dormir com a minha mãe no quarto, ela tinha que pingar colírios tóxicos no meu olho pra conseguir matar essa ameoba. Era difícil acompanhar a faculdade (modo on-line). [...] Foi um momento que eu pensei bastante se eu ia conseguir continuar velejando... (Atleta entrevistada 7)

Ainda assim, diante de um incidente que poderia ser o fim da sua carreira profissional na Vela, a velejadora apresentou determinação e motivação para exceder suas condições e limites de acordo com o relato: “Aí quando eu fiquei esse um ano e dois meses parada, eu tive a certeza que eu não queria largar a vela, que eu queria continuar e queria atingir o meu sonho e não ia desistir nunca dele, porque eu já tinha chegado até aqui... Então, foi esse momento que também foi outro estalo, que eu tive a certeza que eu poderia voltar...”. Segundo Silva & Rubio (2003), a superação é uma característica inata do esporte. O desafio, proposto no esporte, relaciona-se, diretamente, com a tentativa de ir além, de superação e, no caso dos atletas com limitações, entende-se como estímulo próprio de auto superação através da prática esportiva.

Aí quando eu fiquei esse um ano e dois meses parada, eu tive a certeza que eu não queria largar a vela, que eu queria continuar e queria atingir o meu sonho e não ia desistir nunca dele. porque eu já tinha chegado até aqui... Então, foi esse momento que também foi outro estalo, que eu tive a certeza que eu poderia voltar... [...] Hoje em dia eu tô na fila de transplante de córnea, ainda não enxergo 100% no meu olho esquerdo. Então, é isso, foi bastante desafiador pra mim na volta... (Atleta entrevistada 7)

Apesar de alguns momentos de dificuldades, que se perpetuaram na sua trajetória profissional, a entrevistada acima sempre contou com o apoio familiar e de organizações ligadas ao esporte desde cedo. A atleta entrevistada também atua

em uma profissão paralela, ainda assim ligada ao esporte, com destaque para projetos de inclusão social no esporte, conforme citado em histórias de oportunidades deste Capítulo. A velejadora transferiu, de forma positiva e educativa, o episódio vivenciado.

6.5 Histórias de sucesso

No caso de atletas de alto rendimento, a busca por resultados de excelência é um dos principais objetivos em sua prática. Os atletas apresentaram discursos semelhantes quanto às expectativas em vencer competições e a conquistar títulos importantes na Vela Esportiva. O relato abaixo ilustra esse discurso:

Então, foi no ciclo que a gente conquistou a medalha olímpica, que a gente conquistou uma certa garantia financeira. A gente sabe que a gente vai correr os jogos, que a gente consegue ter apoio... Quando tu começa uma regularidade, também, nos resultados, tu também sabe que ano que vem tu tem um calendário a cumprir, que tu vai ter dinheiro pra ir pra esses campeonatos. Essa tranquilidade hoje em dia a gente tem. (Atleta entrevistada 1)

Judge *et al.* (1995) definem o sucesso na carreira como o acúmulo de resultados positivos psicológicos e profissionais, provenientes de experiências de trabalho. Nesse sentido, o grupo de entrevistados apontou sucesso, além de títulos e medalhas.

Meu maior medo era “Será que eu vou voltar a velejar? Será que eu vou conseguir, enfim, ter esse meu sonho?” [...] E vou te contar, o meu primeiro campeonato depois disso, ter saído da cama, conseguido ir ao clube, conseguido a liberação dos médicos pra voltar a velejar... parecia que eu tinha entrado em um barco pela primeira vez. Eu me tremia toda, porque eu perdi a noção de profundidade e perdi a noção de equilíbrio também, né, por conta de só ter um olho. Só uso o olho direito. Mas agora meu corpo se adaptou... (Atleta entrevistada 7)

O depoimento acima sugere outros fatores que refletem percepções de sucesso na carreira, não só relacionado à competência de conquistar títulos em campeonatos de Vela: “Será que eu vou voltar a velejar? Será que eu vou conseguir, enfim, ter esse meu sonho?”. Voltar a praticar o esporte em tão curto tempo de recuperação, sobretudo, com a visão esquerda comprometida, contrariou todas as expectativas, inclusive, dos médicos, que acompanharam seu tratamento, e trouxe

um sentimento de realização pessoal para a atleta entrevistada.

Deparando-se com novas perspectivas de carreira, analisadas nas histórias de desafios e superações, os caminhos profissionais, percorridos pelos atletas deste estudo, sugerem uma expansão da carreira (SCHEIN, 1978). O autor afirma que o termo carreira não deve se limitar a profissões e ocupações que tenham claro vínculo com um progresso vertical. Ele se aplica também a ocupações menos específicas e mais niveladas, mas que têm fases, transições e tarefas associadas.

No fragmento destacado: “esse período que fiquei afastada, de cama, eu tive duas vitórias: voltar a velejar e conseguir completar e não perder o período da faculdade”, a entrevistada manifesta percepção de sucesso relacionado a antecedentes como a saúde e a graduação. Ao contextualizar o ocorrido como “duas vitórias”, revela sentimentos de sucesso psicológico, competência e autorrealização. O sucesso é definido de acordo com as expectativas do próprio indivíduo, a partir da realização e alcance de suas metas pessoais.

Então, esse período que fiquei afastada, de cama, eu tive duas vitórias: voltar a velejar e conseguir completar e não perder o período da faculdade. E esse também foi difícil, porque, pra você ter uma ideia, eu não conseguia ficar em nenhum ambiente com iluminação, porque minha córnea tava aberta, então, tudo doía. Eu fiz todo o período on-line, tô na minha segunda quarentena... Eu fiz as provas pelo computador, estudava... Eu, então, mexia muito pouco com celular, computador, mas os professores entenderam, fizeram muitos trabalhos quando eu já tava melhor, que validaram como ponto... (Atleta entrevistada 7)

A partir da perspectiva de Samulski (2008), o atleta de alto rendimento busca o sucesso através de conquistas e resultados em competições, sendo que a sua carreira deve se manter nesse determinado nível de excelência após alcançar o sucesso, ou seja, continuar obtendo resultados significativos. Não obstante, alguns entrevistados mostraram ser possível direcionar sua carreira para um outro viés dentro do esporte, a partir de conceitos diferentes de sucesso e satisfação pessoal na profissão.

Compartilhando desse entendimento, Hall & Mirvis (1996) propõem a ampliação do conceito de carreira, de modo que este esteja ligado à realização de um trabalho que proporcione não apenas a subsistência, mas um sentido de autorrealização, de autoexpressão, de fazer diferença. De acordo com a fala: “Não é mais o que me dá realização profissional. Hoje eu tô buscando mais essa parte de

nutrição para velejadores profissionais”, a atleta entrevistada 5 projeta seu sucesso de outra forma, ainda no domínio esportivo.

Então, hoje em dia, eu não tenho mais vontade de fazer campanha olímpica. [...] Tenho vontade de ajudar as pessoas que buscam isso. Eu gosto mais de servir às pessoas. Hoje em dia, pra vela, eu não quero mais ser a pessoa que vai lá e faz uma campanha olímpica, ou vai lá e faz uma campanha panamericana. Claro, se vier uma proposta, eu vou analisar. [...] mas não é mais o que me dá realização profissional. Hoje eu tô buscando mais essa parte de nutrição para velejadores profissionais. (Atleta entrevistada 5)

Há um ponto em comum observado no decurso das entrevistas: a referência à participação em Olimpíadas como parâmetro de sucesso, como medida para evidenciar o atingimento de absoluto êxito desportivo. Expressões como: “Pô, se eu participar de uma Olimpíada, eu tô no auge”; “Meu sonho sempre foi participar de uma Olimpíada” e “Ter participado de uma Olimpíada te abre portas para participar de outras classes que não sejam profissionais, [...] então, você consegue ganhar um bom salário que vem do esporte da vela” retratam essa questão, já apresentada neste capítulo por intermédio das histórias de desafios e superações.

A pesquisa realizada por Pahl (1997) questiona a noção de sucesso em nossa sociedade, além da busca incessante por alcançar metas, superações e, mesmo assim, continuar insatisfeitos com os resultados alcançados.

A gente cresce com isso dentro, inerente. “Pô, se eu participar de uma Olimpíada, eu tô no auge”. Mas lá fora, os atletas não pensam assim... lá fora, pra eles, o auge é você ser renomado mundialmente, ser reconhecido em qualquer lugar que você vai no esporte que você pratica. [...] o meu objetivo como profissional é ser um atleta reconhecido mundialmente, em qualquer lugar que eu vá, independente da classe. Eu posso estar velejando daqui a 30 anos numa categoria diferente, mas vão olhar pra mim e falar “Cara, aquele cara fez sucesso, fez nome na categoria tal”. Esse é meu objetivo, ser reconhecido mundialmente. Chegar num nível que em qualquer categoria que eu participe, eu vou ter chance de ganhar, disputar os títulos. (Atleta entrevistado 2)

Meu sonho sempre foi participar de uma olimpíada... (Atleta entrevistada 7)

E ter participado de uma Olimpíada te abre portas para participar de outras classes que não sejam profissionais, principalmente, classes de oceano, mas que são classes que me permitem entrar em equipes profissionais que são apoiadas por excelentes patrocinadores, grandes empresas internacionais, independente de qual for o país. Então, você consegue ganhar um bom salário que vem do esporte da vela. [...] Eu participo de campeonatos das outras classes como contratado. [...] é onde também arrecado um dinheiro pra investir nos meus projetos, nos meus treinos, nos meus materiais de viagem e tudo. Eu gosto e pretendo continuar fazendo isso... (Atleta entrevistado 6)

Um fator preponderante sobre o sucesso, de acordo com os cinco temas analisados nesta seção de resultados, é a imprevisibilidade do futuro na carreira do atleta. O primeiro contato com o esporte, o planejamento da carreira profissional, as oportunidades e a conjuntura de desafios e superações trazem experiências e possibilidades para vencer e conquistar o sucesso na carreira esportiva de alto rendimento. O atleta precisa escolher seu próprio caminho na busca pelo êxito na sua trajetória profissional.

6.6

Síntese da Análise dos Depoimentos

De acordo com a análise realizada neste Capítulo, foi possível identificar a carreira esportiva marcada por um início ainda na infância dos entrevistados. De acordo com as histórias de vida desses atletas, este estudo permitiu evidenciar uma trajetória profissional marcada por oportunidades, desafios, superações e, finalmente, o sucesso e a satisfação pessoal alcançados na carreira esportiva.

Nesse sentido, o Quadro 6, a seguir, destaca os principais pontos de convergência, partindo dos cinco temas analisados neste Capítulo. Os resultados reforçam e corroboram com o entendimento e a relevância do fenômeno deste estudo.

Quadro 6 – Síntese dos resultados

TEMA	SÍNTESE
Origens: “O início de tudo”	<ul style="list-style-type: none"> • Primeiro contato na busca pela atividade esportiva de forma lúdica, como lazer e saúde. • A transição do esporte amador para o profissional ocorreu nos seguintes momentos da trajetória dos velejadores entrevistados: <ul style="list-style-type: none"> - A partir do ingresso em competições esportivas de destaque; - Quando o atleta passa a ser remunerado no esporte; - Trabalhos realizados como contrapartida no apoio à carreira esportiva. • A carreira esportiva na Vela começou durante a infância e a adolescência. • Os familiares foram os principais responsáveis pela entrada e permanência dos jovens atletas na prática esportiva. • Influência familiar motivada a partir de: <ul style="list-style-type: none"> - Familiares ativos no esporte, de forma amadora ou profissional; - Transmissão de conhecimento de “pai para filho”; - Mãe oficial da Marinha do Brasil e sócia de clube de Iatismo. • Morar próximo ao Clube de Iatismo e círculo de amigos de velejadores. • Situação econômica familiar como principal condição para o início e permanência no esporte, devido aos altos custos de investimento.

continua

Planejamento de carreira	<ul style="list-style-type: none"> • Muita dedicação e envolvimento com o esporte. • Planejamento a longo prazo de treinos e competições. • Planejamento de carreira ligado diretamente à disponibilidade de recursos financeiros. • Destaque para o programa Olímpico da Marinha (PROLIM) no planejamento e desenvolvimento da carreira na Vela Esportiva. • Definição de objetivos e metas para evoluir na carreira. • Imaturidade para enfrentar situações adversas na carreira, resultante do início precoce na trajetória esportiva. • Autogestão da carreira.
Oportunidades	<ul style="list-style-type: none"> • Exercer outras atividades de realização pessoal relacionadas à Vela Esportiva. • Recursos financeiros através de incentivos governamentais ao Esporte. • Dispor das instalações dos Clubes náuticos e receber apoio para realização dos treinos esportivos. • Benefícios na carreira a partir de <i>networking</i>. • Diversas possibilidades de auxílio no desenvolvimento da carreira. • Projetos sociais que possibilitam o contato de crianças de baixa renda com a Vela, assim como oportunidades desses jovens seguirem na carreira profissional vinculada ao esporte. • Continuidade na carreira esportiva através do curso superior escolhido. • Complementar a renda com outros trabalhos relacionados à prática do esporte. • Diferentemente de outros esportes, quanto mais idade, maior o conhecimento tático e chance de êxito na Vela de alto rendimento.
Desafios e superações	<ul style="list-style-type: none"> • Instabilidade e limitações dos programas de apoio ao atleta. • Precarização do vínculo profissional. • Muito esforço e exigências na busca por apoio financeiro. • Programas de apoio ao atleta limitados apenas aos velejadores que alcançaram o primeiro lugar em competições de grande relevância. • Grande dificuldade dos demais atletas (classificados em segundo e terceiro lugar) para receber apoio para o desenvolvimento da carreira. • Ambiente esportivo de muita competitividade, gerada pelo exíguo apoio disponível na carreira do atleta. • Acesso aos recursos financeiros (programas de apoio ao atleta) comprometido pela falta de alinhamento das exigências e entregas possíveis de cada categoria da Vela Esportiva. • Critérios de avaliação dos programas de apoio ao atleta, desalinhados com entregas possíveis de cada categoria da Vela Esportiva. • Carência de apoio e reconhecimento da carreira esportiva de alto rendimento, assim como insuficientes programas de incentivo ao esporte. • Conflitos carreira esportiva x maternidade. • Interesses e expectativas diferentes dos velejadores que compõem classes formadas por duplas. • Vencer dificuldades financeiras com a transição/adaptação da carreira no esporte. • Capacidade de respostas a situações desafiadoras na trajetória profissional. • Situações de crescimento, autoconfiança, desenvolvimento pessoal e profissional como atleta de alta performance. • Superação de limites por meio da prática esportiva.
Sucesso	<ul style="list-style-type: none"> • Participação em Olimpíadas assim como títulos em grandes campeonatos trazem estabilidade financeira e condições de desenvolvimento na prática do esporte. • Percepção de sucesso alcançado, além de títulos e medalhas. • Sucesso definido de acordo com as expectativas do próprio indivíduo a partir da realização e atribuição de significados pessoais. • Sucesso alcançado por diferentes caminhos percorridos pelo próprio atleta durante sua trajetória profissional

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Partindo da perspectiva do conhecimento e das histórias, que emergem das narrativas dos entrevistados, o próximo e último Capítulo apresenta as considerações obtidas com este estudo, partindo de suas experiências, relacionadas a todo processo de construção da carreira de atletas de alto rendimento da Vela Esportiva.

7 Considerações Finais

Ao finalizar este estudo, remete-se, novamente, ao seu objetivo de compreender e analisar quais histórias emergem das narrativas sobre as trajetórias de carreira de atletas de alto rendimento da Vela Esportiva. E a partir dessa narrativa, buscou-se entender as experiências do atleta profissional referente aos cinco temas abordados nos resultados desta pesquisa: 1) histórias sobre a origem; (2) histórias sobre o planejamento de carreira; (3) histórias de oportunidades; (4) histórias de desafios e superações; e (5) histórias de sucesso.

Participaram deste estudo atletas de alto rendimento, que obtiveram resultados expressivos em campeonatos de grande relevância no mundo da Vela. Além da carreira como velejadores profissionais, os entrevistados desenvolveram outras atividades remuneradas, relacionadas ao esporte.

A formação esportiva inicial desses atletas teve início no período entre a infância e a juventude. O apoio e a influência da família foram, na grande maioria dos casos, preponderantes nos primeiros anos de iniciação da prática no esporte. Isoladamente, no entanto, em um caso específico, o apoio familiar não foi favorável à escolha profissional de uma atleta, incentivando-a a investir em outra carreira, não relacionada à prática esportiva profissional. Salvo por essa exceção, na maioria das histórias de vida abordadas neste estudo, as famílias sempre apoiaram a decisão de seus entes pela carreira esportiva. Esse apoio era de origem financeira, psicológica e emocional.

De acordo com as entrevistas realizadas, observou-se a presença de organizações e entidades ligadas ao esporte, as quais exerceram grande influência no desenvolvimento da carreira profissional na Vela. Os atletas destacaram dois grandes nomes de incentivo à prática de esporte: a Confederação Brasileira de Vela (CBVela) e a Marinha do Brasil. No que tange à primeira entidade, houve menções a conflitos e a atmosfera de relacionamento turbulenta, o que não raro gerava reflexos no rendimento esportivo dos atletas. Em relação à segunda entidade, relatos apontaram que o Programa Olímpico da Marinha (PROLIM) foi de grande apoio e incentivo no processo de gestão das suas carreiras.

Desse modo, percebe-se uma diversidade de experiências, forjando diferentes distintos significados à trajetória profissional desses velejadores. A análise dos dados indicou um ponto convergente entre os entrevistados: todos mencionaram que organizações e entidades, envolvidas nas suas carreiras, não possuíam clareza quanto aos planos futuros. Tais considerações sugerem que esses dois planos de incentivo à prática de esporte poderiam ser melhor explorados, caso fossem baseados em projetos que refletissem um futuro profissional viável para a carreira esportiva na Vela.

Além disso, tais projetos poderiam (e segundo as entrevistas, deveriam) direcionar planos de apoio a velejadores em fase inicial na Vela profissional, a partir de planos de ação claros e compatíveis com as necessidades e possibilidades para o seu desenvolvimento da carreira esportiva. Essas sugestões provaram-se relevantes, considerando a dificuldade no desenvolvimento da trajetória na Vela, os percalços iniciais, a dependência de resultados para que a carreira decole, além do indispensável apoio familiar, acalentando é impreterível na jornada dos atletas da Vela Esportiva.

Ao explorar os elementos envolvidos no planejamento da carreira dos atletas entrevistados, observou-se o enfrentamento de grandes desafios, tais como capacitação física e mental, trabalho em equipe, conhecimento de limites, potencialidades e competitividade. Tais considerações indicaram que, através da prática esportiva de alto rendimento, os atletas desenvolveram habilidades como maturidade, relacionamento interpessoal, empatia e organização. Essa percepção é corroborada por meio das histórias de sucesso dos entrevistados, os quais atribuem parte de seus êxitos às habilidades desenvolvidas durante a sua trajetória profissional na Vela.

A partir das narrativas dos velejadores, foram evidenciados momentos de oportunidades, assim como foram reveladas dificuldades, decorrentes da precarização da profissão de atleta. Essa precarização refere-se à ausência ou à desproporcionalidade de benefícios que a Vela oferece, quando comparada com atividades mais plenamente regulamentadas e que outorgam direitos trabalhistas e aposentadoria. Os velejadores, que dedicam sua vida à prática esportiva, na maioria das vezes, não conseguem sustentar-se com a renda gerada por ela.

Após a análise dos dados, entende-se que a Vela é um esporte de alto custo financeiro devido às especificidades, ao custo de manutenção e de salvaguarda dos

equipamentos, assim como à necessidade de investimento em viagens recorrentes, e, não menos importante, da disponibilidade de dedicação diária aos treinos. A pesquisa revelou que a prática da Vela Esportiva é restrita às classes sociais com condições e acesso aos clubes sociais de Iatismo, normalmente, locais, onde ocorre o primeiro contato com o esporte. Nessa lógica, percebe-se a relação direta e interdependente entre apoio financeiro familiar e o desenvolvimento dessa carreira esportiva.

Inobstante à tônica do apoio familiar e dos programas de incentivo, todos os participantes destacaram momentos de incertezas e reflexão sobre a continuidade da carreira, atribuídos à grande dificuldade de planejar o futuro no esporte de alto rendimento. Houve épocas nas quais os atletas precisaram fazer escolhas, reposicionar ou transferir suas atenções para empreender esforços relacionados a atividades paralelas, ainda que relacionadas ao esporte, com o intuito de complementar a renda, e/ou buscar alforriar-se do apoio familiar e conquistar a independência financeira.

Nesse repertório interpretativo, mostrou-se evidente que as circunstâncias e as prioridades estiveram entre os fatores principais para a escolha dessa outra atividade remunerada dentro do contexto em que esses atletas estão inseridos. Assim, foi possível compreender a importância que a Vela tem em suas vidas, uma vez que todos manifestaram desejo de continuar, direta ou indiretamente, o vínculo com o esporte.

É importante destacar o conflito de papéis sócio-esportivos quando uma atleta tem filhos e uma casa para gerenciar. Foi possível perceber o dilema que uma das velejadoras enfrenta ao tentar conciliar a carreira esportiva com a dedicação necessária para cuidar da sua família, principalmente, dos filhos pequenos. A atleta afirmou já ter planos de interromper a carreira para dedicar-se à educação e à criação dos filhos. Ainda assim, a entrevistada pretende investir em outra atividade com menos horas de trabalho diário.

Finalizando as análises desta pesquisa, entende-se que a carreira esportiva de alto rendimento apresenta especificidades distintas de outras carreiras. O esporte, em geral, precisa ter mais força e engajamento na sociedade e no País, na busca por mais visibilidade e aceitação como uma profissão. Desse modo, este estudo sugere reflexões sobre o contexto em que os atletas desenvolvem sua carreira profissional.

A falta de suporte e estrutura para a prática da Vela de alto rendimento parece desincentivar a prática esportiva.

Conclui-se que a maior contribuição desta pesquisa esteja na compreensão do longo período de desenvolvimento da carreira esportiva na Vela, envolvendo vários anos de dedicação, compromisso e investimento pessoal e financeiro. Apesar de o esporte ter recebido grande interesse e significado social através da realização de grandes eventos esportivos no País, como as Olimpíadas realizadas no Rio de Janeiro, tanto a Vela Esportiva quanto outras modalidades carecem de projetos de incentivo à sua prática.

Os resultados desta pesquisa revelam a necessidade de novos estudos, abordagens e reflexões sobre a carreira de alto rendimento na Vela e, enfim, forjar estratégias que auxiliem na construção da trajetória profissional dos atletas envolvidos. Por fim, ainda que a academia tenha fornecido estudos variados sobre o processo de transição de carreira de atletas de alto rendimento, o terreno parece ser menos fértil no que diz respeito ao conhecimento sobre o desenvolvimento e a gestão da carreira esportiva em si, especialmente sobre a Vela profissional, tema que ainda carece de outras reflexões e análises.

Referências

ALFERMANN, D. & STAMBULOVA, N. Career Transitions and career termination. In: G. Tenenbaum e R. C. Eklund (Eds.), **Handbook of Sport Psychology**, New York, 3rd ed., p.712-736, 2007.

ALMEIDA, M. E. G. G., MAGALHÃES, A. S. Escolha profissional na contemporaneidade: Projeto individual e projeto familiar. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 205-214, dez. 2011.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. **Revista História**, São Paulo, v. 14, 1995.

ARAÚJO, R. R.; SACHUK, M. I. Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. **Revista de Gestão da USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 53-66, jan./mar. 2007.

ARTHUR, M. B.; ROUSSEAU, D. M. A Career Lexicon for The 21st Century. **Academy of Management Executive**, New York, v. 10, n. 4, 1996.

BARBOSA, A. O. **Carreiras descarrilhadas: conflito trabalho-família e interrupção de trajetórias profissionais**. 2018. 98f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35751/35751.PDF>. Acesso em: 5 jan. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995. 228p.

BARROS, V. A.; LOPES, F. T. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: SOUZA, E. M. (Org.). **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**. Vitória: EDUFES, 2014.

BELIZÁRIA, C. **Talentos de projeto da lei de incentivo disputal seletiva para equipe de vela**, Brasília, DF, 2019. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/119-noticias-lie/34920-talentos-de-projeto-da-lei-de-incentivo-disputam-seletiva-para-equipe-de-vela>. Acesso em: 6 jan. 2021.

BENDASSOLLI, P. F. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 387-400, out./dez. 2009.

BLOCH, M. A história, os homens e o tempo. In: **Apologia da História ou O ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 160p.

BLOCH, M. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. **Revue de Synthèse Historique**, Paris, n. 46, p. 15-50, 1928.

BLONDEL, C. **Introducción a la Psicología Colectiva**. Buenos Aires: Troquel, 1966. 220p.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 488p.

BRANDT, Ricardo *et al.* Estados de humor de velejadores durante o Pré-Panamericano. [On-line]. **Motriz: rev. educ. fis.**, Rio Claro, v. 16, n. 4, p. 834-840, dez. 2010.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto-lei 3617/41**. Estabelece as bases de organização dos desportos universitários. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/126690/decreto-lei-3617-41>. Acesso em: 4 jan. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 9.615, de 24 de março de 1998**. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Brasília-DF: Diário Oficial da União, 1998.

BRASIL. Presidência da República. Ministério da Cidadania. **Lei de Incentivo ao Esporte**. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/lei-de-incentivo-ao-esporte>. Acesso em: 5 jun. 2020.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRAUN, V.; CLARKE, V. **Successful qualitative research: a practical guide for beginners**. Los Angeles: Sage, 2013. 398p.

BRAUN, V.; CLARKE, V.; TERRY, G. Análise temática. *In*: ROHLEDER, P.; LYONS, A. C. (Eds.). **Pesquisa qualitativa em Psicologia Clínica e da Saúde**. Basingstoke UK: Palgrave MacMillan, 2015. 344p.

BRISCOE, J.; HALL, D. T. The interplay of boundaryless and protean careers: combinations and implications. **Journal of Vocational Behavior**, v. 69, n. 1, p. 4-18, ago. 2006.

BRISCOE, J.; HALL, D. T.; DEMUTH, R. L. F. Protean and boundaryless careers: an empirical exploration. **Journal of Vocational Behavior**, v. 69, n. 1, p. 30-47, ago. 2006.

BROWN, A. D; NANDHAKUMAR, J; STANCEY P. Making sense of sensemaking narratives. **Human Relations**, v. 61, n. 8, p. 1035-1062, 2008.

CAMARGO, Aspásia. Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, v. 27, n. 1. Rio de Janeiro, p. 5-28, 1984.

CAMPOS, R. C.; CAPPELLE, M. C. A.; MACIEL, L. H. R. Carreira Esportiva: o Esporte de Alto Rendimento como Trabalho, Profissão e Carreira. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 18, n. 1, p. 31-41, 2017.

CASEY, A.; HANSEN, P. H.; MILLS, A. J.; ROWLISON, M. Narratives and memory in organizations. **Organizations**, v. 21, n. 4, p. 441-446, 2014.
CHASE, S. E. Narrative inquiry: multiple lenses, approaches, voices. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.). **The sage handbook of qualitative research**. 3th ed. London: Sage Publications, 2005. 1210p.

CHRISTIANSON, M.; MAITLIS, S. Sensemaking in Organizations: Taking Stock and Moving Forward. **The Academy of Management Annals**, v. 8, jan. 2014.

COLOMBY, R. K.; PERES, A. G. L.; LOPES, F. T.; COSTA, S. G. A pesquisa em história de vida nos estudos organizacionais: um estudo bibliométrico. **Farol: Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 3, n. 8, p. 852-887, 2016.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL. COB. **Confederações**. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/confederacoes/cbvela/>. Acesso em: 4 jan. 2021.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VELA. CBVELA. **História da Vela**. Disponível em: <https://www.cbvela.org.br/>. Acesso em: 13 jun. 2020.

CONHEÇA a LIE Lei de Incentivo ao Esporte do Governo Federal. **Veleiros do Sul**, 2021. Disponível em: <https://vds.com.br/pt/administrativo/leis-de-incentivo-e-convenios>. Acesso em: 5 jan. 2020.

COSTA, A. S. M.; BARROS, D. F.; MARTINS, P. E. M. Perspectiva histórica em administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 3, p. 288-299, 2010.

COSTA, A. S. M.; GRANATO, L.; LOPES, F. T. Historia e investigación social cualitativa: reflexiones en torno de la historia comparada y la historia de vida. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 27, n. 94, Aug./Setp. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-92302020000300508&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em: 12 jun. 2020.

COSTA, A. S. M.; SILVA, M. A. C. A Pesquisa Histórica em Administração: uma Proposta para Práticas de Pesquisa. **Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 90-121, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/1104/pdf>. Acesso em: 5 jun. 2020.

COUTINHO, M. C. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 189-202, dez. 2009.

CRESWELL, J. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Bookman, 2007. 264p.

DAVIES, J. Iatismo e profissionalização: um estudo etnográfico do Projeto Grael. **Esporte e Sociedade**, v. 2, n. 4, nov. 2006 / fev. 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48010>. Acesso em: 5 jan. 2021.

DELLAGNELO, E. H. L.; SILVA, R. C. Análise de conteúdo e sua aplicação na pesquisa em Administração. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 240p.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 523-740, set./ dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2020.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1987. 368p.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 1994. 766p.

DUTRA, J. S. **Administração de Carreira: uma proposta para repensar a gestão de pessoas**. São Paulo: Atlas, 1996. 272p.

ERICSSON, K. A. *et al.* **The Cambridge handbook of expertise and expert performance**. New York: Cambridge University Press, 2006. 901p.

FARIA, A. C. Iate Clube Icarai. **Nossa História**. Disponível em: <https://iateclubeicarai.com.br/historia/>. Acesso em: 17 jan. 2021.

GALIEN, J. Education through University Sport. **Proceedings of the FISU Forum**, Lisbon, 37-46, 2004.

GONÇALVES, R. C. L.; KLEBA, T. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katálisis**, v. 10, n. spe, p. 83-92, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802007000300009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 12 ago. 2020.

HACKEROTT, M. A. **Devaneio e movimento na experiência do velejar**. 2018. 116f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39136/tde-22112018-094942/publico/Mestrado_Maria_Altimira_Hackerott_corrigida.pdf. Acesso em: 15 jul. 2020.

HACKEROTT, M. A.; ZIMMERMANN, A. C.; SAURA, S. C. Elementos do Tradicional na Vela Esportiva. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 17, n. 2, p. 65-77, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Scaffter. 2. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990. 188p.

HALL, D. T. **Careers in organizations**. Glenview, IL: Scott Foresman, 1976.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. 1. reimpr. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. 64p.

HALL, D. T.; MIRVIS, P. H. The new protean career: psychological success and the path with a heart. *In*: HALL, D. T. and associates. **The career is dead, long live the career: a relational approach to careers**. San Francisco: Jossey-Bass Inc., 1996.

HATCH, M. J.; SCHULTZ, M. Toward a Theory of Using History Authentically: Historicizing in the Carlsberg Group. **Administrative Science Quarterly**, v. 62, n. 4, p. 657-697, 2017.

HODGE, P. A.; COSTA, A. S. M. Do particular para o geral: memória, história oral e estudos organizacionais. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 19, n. 3, 2020. Disponível em: <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/recadm/article/view/2958/1109>. Acesso em: 13 jun. 2020.

HULST, M.; YBEMA, S. From What to Where: A setting-sensitive approach to organizational storytelling. **Organization Studies**, v. 41, n. 3, p. 365 -391, 2020.

IATE CLUBE DE SANTA CATARINA. Veleiros da Ilha. **Fundação e História**. Disponível em: <http://iesc.com.br/pagina/fundacao-e-historia/>. Acesso: em 6 jan. 2021.

JUDGE, T. A. *et al.* An empirical investigation of the predictors of executive career success. **Personnel Psychology**, v. 48, n. 3, p. 485-519, 1995.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001. 288p.

LANE, A. M.; TERRY, P. C. The Nature of Mood: Development of a Conceptual Model with a Focus on Depression. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 12, n. 1, p. 16-33, 2000.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. 504p.

LE MOS, A. H. C.; CAVAZOTTE, F. S. C. N. É possível ter tudo? Carreira, maternidade e extensão da jornada na contemporaneidade. *In*: CARVALHO NETO, A.; VERSIANI, F. (Eds.). **Mulheres Profissionais: quem é o sexo frágil?** Belo Horizonte: PUC Minas, 2018. p. 295.

LOPES, F.T. **Fotografias de família: histórias de poder em organizações familiares**. 2008. 138 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MARINHA DO BRASIL. **Programa Olímpico da Marinha (Prolim)**.

Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/cefan/prolim>. Acesso em: 12 mai. 2020.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira.

Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 103-119, abr./jun. 2009.

MELO, V. A. Uma geografia do esporte: a experiência dos clubes de iatismo da Zona da Leopoldina (Rio de Janeiro, 1941-1954). [on-line]. **Geosp: Espaço e Tempo (Online)**, v. 24, n. 1, p. 83-103, abr. 2020.

MONTEIRO, F. H. Q. P. **De volta ao jogo: o retorno para o mercado de trabalho de profissionais que interromperam suas carreiras em função da maternidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2020.

MURRAY, M. Narrative data. In: Flick, U. (Ed.), **Sage handbook of qualitative data collection**. London, Sage, 2018.

NEVES, Clarissa E. B; CORRÊA, Maíra B. (Org.). Pesquisa social empírica: métodos e técnicas. **Cadernos de Sociologia**, Editora da Universidade, v. 9. Porto Alegre, 200 p. 1998.

NOVAES, R. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: PAPA, F. C.; FREITAS, M. V. (Orgs.). **Políticas Públicas: Juventude em Pauta**. São Paulo: Cortez, 2003. 368p.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995. 216p.

PAHL, R. **Depois do sucesso: ansiedade e identidade**. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

PARENTE, F. M. S. **Oferta e procura desportiva dos estudantes do ensino superior: estudo realizado com os alunos do 1o ano da Universidade do Minho**. 2011. 114f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Criança) – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2011. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/20182/1/Fernando%20Manuel%20Silva%20Parente.pdf>. Acesso em: 5 set. 2020.

PIRES, G. **Gestão do desporto**. Portugal: Porto Editora, 2007. 352p.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **História do iatismo**. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/esportes/historia-do-iatismo>. Acesso em: 24 mai. 2020.

PROJETO GRAEL. **Quem somos**. Disponível em:
<http://www.projetograel.org.br/quem-somos/>. Acesso em 20 jan. 2021.

PROJETOS Ministério do Esporte. **Veleiros do Sul**, 2021.
<https://vds.com.br/pt/transparencia/projetos-lei-do-incentivo-ao-esporte>. Acesso em: 5 jan. 2020.

QUADRO DE MEDALHAS. **Olimpíadas: Vela – Jogos Olímpicos**. Disponível em: <http://www.quadrodemedalhas.com/olimpiadas/vela-jogos-olimpicos.htm>. Acesso em; 9 jun. 2020.

RENSON, R. **Social Sports Stratification**. Leuven: Katholieke Universiteit, 1999.

RIBEIRO, M. A. **Carreiras: Novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado**. Curitiba: Juruá, 2014.

RIESSMAN CK: Narrative Analysis. In: KELLY, N. *et al.* Narrative, Memory & Everyday Life. Conference... Hundersfield: **University of Huddersfield**; 2005.

ROWLINSON, M., HASSARD, J.; DECKER, S. Rethinking history and memory in organization studies: The case for historiographical reflexivity. **Human Relations**, June 2020.

RUBIO K.; FERREIRA JUNIOR N. S. A transição durante a fase do amadorismo. In: RUBIO, K. (Org.). **Destreinamento e transição de carreira no esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. 266p.

SALMELA, J. H. **Great job coach!** Getting the edge from proven winners. Ottawa: Potentium, 1996.

SALMELA, J. H.; MORAES, L. C. Development of expertise: the role of coaching, families and cultural contexts. In: STARKES, J. L.; ERICSSON, K. A. **Expert performance in sports**. Champaign: Human Kinetics, 2003. 470p.

SAMULSKI, D. M. **Psicologado esporte: conceitos e novas perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2008. 512 p.

SAMULSKI, D.; MARQUES M. Planejamento da carreira esportiva. **Psicologia do Esporte: Manual para Educação Física, Fisioterapia e Psicologia**. 2. ed. Barueri, 2009.

SCHEIN, E. H. **Career dynamics: matching individual and organizational needs**. Reading, MA: Addison-Wesley Publishing Company, 1978.

SILVA, M. L.; RUBIO, K. Superação no esporte: limites individuais ou sociais? **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 3, n. 3, p. 69-76, 2003.
 Disponível em; https://www.researchgate.net/profile/Katia-Rubio/publication/228851735_Superacao_no_esporte_limites_individuais_ou_soc

iais/links/54723b010cf24af340c53268/Superacao-no-esporte-limites-individuais-ou-sociais.pdf. Acesso em: 12 jul. 2020.

SONENSHEIN, S. The Role of construction, intuition, and justification. In Responding to ethical issues at work: the sensemaking-intuition model. **Academy of Management Review**, v. 32, n. 4, p. 1022-1040, 2007.

SOUZA, E. M. (Org.). **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual**. [e-book]. EDUFES, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/939/1/livro%20edufes%20Metodologias%20e%20anal%C3%ADticas%20qualitativas%20em%20pesquisa%20organizacional.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2021.

SOUZA, M. J. A memória como matéria-prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, v. 16, n. 1, p. 91-117, ago. 2014.

STAMBULOVA, N. B. Athlete's crises: a developmental perspective. **International Journal of Sport Psychology**, v. 31, n. 4, p. 584-601, 2000.

STAREPRAVO, Fernando Augusto et al. Esporte universitário brasileiro: uma leitura a partir de suas relações com o Estado. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 31, n. 3, p. 131-148, Maio 2010.

STONE, P.; LOVEJOY, M. Fast-track women and the "choice" to stay home. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 596, p. 62-83, November 2004.

TUDO sobre Iatismo e Vela olímpica: regras e história. **Regras do Esporte**. Disponível em: <https://regrasdoesporte.com.br/tudo-sobre-iatismo-e-vela-olimpica-regras-e-historia.html>. Acesso em: 14 jun. 2020.

VELA. In: **Dicionário Olímpico Online**. São Leopoldo: Unisinos, 2016. Disponível em: <http://www.dicionarioolimpico.com.br/vela> Acesso em: 9 ago. 2020.

VERARDI, C. E. L.; DE MARCO, A. Iniciação esportiva: a influência de pais professores e técnicos. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 102-123, dez. 2008.

VIANA, M. S.; ANDRADE, A.; BRANDT, R. Iniciação esportiva de velejadores Brasileiros: um estudo qualitativo diagnóstico. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, abr./jun. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892011000200002. Acesso em: 12 jan. 2021.

VISSOCI, J.R. N. *et al.* Suporte parental percebido, motivação autodeterminada e habilidades de enfrentamento: uma abordagem de modelos de equações

estruturais. **Jornal of Physical Education**, v. 24, n. 3, p. 345-358, 2013.

Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/17016/12675>.

Acesso em: 5 set. 2020.

VIVER DE VERDADE – VDV. A história de vida de Walther Bromberg. **Google Play**. Disponível em:

https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.vdvapp&hl=en_US&gl=US

Acesso em: 7 fev. 2021.

WEICK, K. E.; The collapse of sensemaking in organizations: The Mann Gulch disaster. **Administrative Science Quarterly**, 38(4), 1993.

YBEMA, S. The invention of transitions: History as a symbolic site for discursive struggles over organizational change. **Organization**, v. 21 n. 4, p. 495-513, 2014.

YOSHINO, M. Y.; RANGAN, S. **Alianças estratégicas: uma abordagem empresarial à globalização**. São Paulo: Makron Books, 1996.

Anexos

Anexo 1 – “O início de tudo” na família da autora: a origem da vela na vida de Walther Bromberg



Viver de Verdade



Walther praticando seu esporte favorito nas águas do Rio Guaíba. (Foto 1)

Na sede náutica do Veleiros do Sul, agora sem velejar por conta da pandemia. (Foto 2)

Walther Bromberg, aos 90 anos: "Vela, para mim, é liberdade".

Caçula de uma família de três irmãos, Walther Bromberg, 90 anos, engenheiro mecânico por formação, conta que começou a praticar o esporte por volta dos sete ou oito anos de idade. E só interrompeu há um ano, por conta da pandemia. A equipe do VDV conversou com Walther no clube *Veleiros do Sul*, do qual é associado, na zona sul de Porto Alegre.

*"Nós morávamos na praia da Pedra Redonda, que, na época, era interior de Porto Alegre, não tinha quase habitantes. E eu, como terceiro filho da família, o mais novo, passava muitas horas sozinho. Então, meus pais tinham um barquinho, tipo de um skiff. Como não tinha nada para fazer, **achei uma maneira de eu mesmo colocar o barco na água e comecei a navegar.**"*

*Primeiro, só a remo, mas eu via um que outro pescador passar por mim com aquelas velas simples que usavam na época, uma vela quadrada, que só precisava de um mastro e uma verga. Então, eu resolvi fazer a mesma coisa: com a cerca da minha casa, que era de bambu e de taquara, **fiz um mastro, uma verga de taquara; afanei um lençol e estava feita a vela.** Aí comecei a treinar. E aquilo, praticamente, era minha vida nas horas vagas naquela época.*

Veio depois o tempo da guerra, que a população ficava mais restrita ainda, ainda mais a minha família, porque éramos todos alemães. Ficou muito restrito ficar em casa, aí fui aos poucos desenvolvendo as qualidades de vela."

"Pratiquei de 1937 até 1951 quase que de maneira ininterrupta. Parei de praticar quando eu fui para a Europa e reiniciei quando eu voltei de lá, em 1956."

Tive diversos barcos até o início da década de 80. Só que aí desmoronou a economia no Brasil, a empresa em que eu trabalhava estava em estado pré-falimentar, e eu resolvi sair e me aposentar enquanto tinha condições. Pelos meus cálculos, a aposentadoria, naquela época, pagava o plano de saúde, a faculdade e a escola para os filhos. Aí me aventurei pro interior, fiquei morando em Canela por praticamente 25 anos. Só depois disso eu voltei pra cá. Isso era 2008, 2009 mais ou menos. Aí comprei um barco e comecei a praticar de novo.

No meu tempo de guri, quando eu velejava aqui no Veleiros, virei diversas vezes, e naquela época não tinha barco salva-vidas, não tinha ninguém no rio para salvar, aí






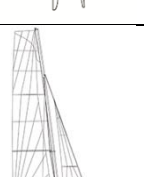
valia a filosofia do pescador: virou o barco, se segura no barco, senão morre. E, na realidade, depois quando comecei a navegar com barcos maiores, também houve diversos acidentes. Tive alguns encalhes brabos na lagoa, perda de mastro, naufrágio no Rio da Prata...

Acho que ninguém deve ter medo de velejar, velejar por velejar não acontece nada. Acontece mais é por negligência, mau preparo de material etc. Mas tem que escolher o barco de acordo. Se alguém for começar a praticar depois dos 50 anos de idade, já tem que ter um barco de mais ou menos 24 pés para mais. Barco pequeno exige muito preparo físico. Tem que ter, principalmente, a cabeça preparada.”

Fotos: Arquivo Pessoal e Maria Schenini.

Fonte: Aplicativo Virtual VDV – Viver de Verdade (2021).

Anexo 2 – Principais categorias do esporte

470		O barco 470 possui 3 velas e casco simples e um trapézio que prende o velejador ao mastro. A tripulação é composta de duas pessoas. Obteve a categoria olímpica masculina em 1976 e a feminina em 1988. Mede 4,70 m de comprimento de fora a fora e 1,68 m de boca. Pesa 155 kg e tem 13,48 m² de velas.
49er		O 49 ER é uma embarcação de competição leve. Tripulada por duas pessoas, possui, como principal característica, a velocidade. É necessária uma excelente técnica e coordenação entre os tripulantes para uma navegação segura e rápida.
Laser		Tripulado por um único velejador, trata-se de um barco simples e de baixo custo, o que faz do laser um dos barcos mais vendidos no mundo. É a classe inicial da maioria dos velejadores. Considerada classe olímpica desde 1974.
Finn		Considerado um barco relativamente simples, mas que apresenta a dificuldade de ter um único tripulante a manobrá-lo. Obteve a categoria olímpica em 1952.
RS:X		A classe RS:X substituiu outra classe de <i>windsurfe</i> , a Mistral. Diferentemente das outras classes, ela tem como base uma prancha e não um barco. As provas são disputadas individualmente, tanto no feminino quanto no masculino.
Nacra		É um barco tipo catamarã tripulado por uma dupla formada por um homem e uma mulher. Caracteriza-se por ter casco duplo e três velas. É considerado um barco leve, veloz e ágil para seu comprimento. A classe Nacra 17 é a única prova mista nos Jogos Olímpicos.

Fonte: Elaborado pela autora baseado nas Regras do Esporte (2020).

Anexo 3 – Competições de maior destaque e importância do esporte

Volvo Ocean Race	Essa prova surgiu em 1972 e é a regata oceânica mais importante, mais antiga e mais conhecida do mundo. Trata-se de uma prova internacional com escalas em todos os continentes, realizada de quatro em quatro anos. O percurso da regata não varia muito, apenas as cidades onde os veleiros fazem escala. A regata começa e acaba na Europa, dobra o cabo Horn e passa pelo Continente Africano, Asiático, Oceania e Continente Americano.
Taça América (America's Cup)	A Taça América é uma das competições mais prestigiantes na prática da Vela e apresenta o troféu mais antigo do desporto internacional, a primeira regata ocorreu em 1851. A competição de barco contra barco (<i>match race</i>) é composta por uma série de duelos entre o iate/clube que, atualmente, envolve nove regatas. Os veleiros participantes desafiam o veleiro que detém o troféu da última edição, em que a melhor série de nove regatas determina o vencedor. Se o desafiante ganha a copa, a propriedade da copa é transferida ao iate/clube do time vencedor.
Campeonato do Mundo de Vela	É uma competição mundial organizada pela Federação Internacional de Vela (ISAF) e disputada desde dezembro de 2008. Essa prova apresenta uma série de disputas em diferentes partes do mundo. Ao longo de uma época, os atletas de Vela competem entre si em regatas que contam para uma classificação final por classes. Quem somar menos pontos perdidos é o vencedor da respectiva classe.
Jogos Olímpicos	Os Jogos Olímpicos de Vela visam distinguir os melhores competidores mundiais de Vela em diversas classes masculinas, femininas ou mistas. A Vela olímpica inclui cinco classes para homens (RS:X, Laser, 470, Finn, 49er), quatro para mulheres (RS:X, Laser Radial, 470, 49er FX) e uma mista (Nacra 17), totalizando 10 eventos.
Velux 5 Oceans	É a regata de volta ao mundo em solitário mais antiga do mundo, com escalas em diversas cidades pelo mundo e que reúne uma série de <i>skippers</i> (velejadores) de renome internacional. Nessa prova, os participantes percorrem mais de 55 mil quilômetros e atravessam os cinco oceanos existentes no planeta.
Rolex Ilhabela Sailing Week	Também conhecida como <i>Semana de Vela de Ilhabela</i> , essa regata surgiu na década de 1950, quando a elite da Vela paulista, que se reunia na Represa de Guarapiranga, resolveu migrar para Ilhabela em busca de novos mares para praticar o esporte. A partir da década de 1980, a regata, originalmente de monotipos, passou a receber cada vez mais participantes, inclusive, velejadores estrangeiros e veleiros de oceano, ganhando mais força e importância. Em 2004, a competição foi reconhecida pela Federação Internacional de Vela (ISAF) e entrou para o calendário oficial da entidade.

Fonte: Elaborado pela autora baseado nas Regras do Esporte (2020) e Quadro de Medalhas (2020).